

Jorge Carvalho Arroteia



O gigante do Souto
Biografia romanesca

2018



Aos “Arroteias do Mundo”

Editor: Jorge Carvalho Arroteia;

Lista de ISBNs: 978-989-99779-3-8;

Título: O gigante do Souto: biografia romanesca;

Autor: Jorge Carvalho Arroteia¹;

Suporte: Eletrónico.

Consultar: Estudos Gerais de Monte Redondo
<https://estudosgeraismr.wordpress.com/espaco-e-sociedade/>

Imagem da capa: Santo Amaro (séc. XVII), Orago da Paróquia de Ortigosa (União de Freguesias de Souto da Carpalhosa e Ortigosa) – Leiria (Foto: Augusto Mota)



¹ Geógrafo (Monte Redondo-Leiria, 1947)

Apresentação

Esta narrativa tem por base a personagem descrita em “*O Couseiro ou Memórias do Bispado de Leiria*” (1898), relativa ao paroquiano de Souto da Carpalhosa, natural da Ortigosa, apelidado de “Gigante do Souto”. Seu nome: José Braz Arroteia (1795-1880). Ao reconstituir alguns traços do seu percurso de vida seguimos as informações disponibilizadas nessa obra e de outras que nos chegaram através de relatos orais ou (re) construídos, enquadrados por leituras de acontecimentos sociais e políticos registados na época do nosso herói e nas terras por onde andou.

Foi nossa intenção evocar algumas situações relativas a este “gentil-homem” que se distinguiu pela sua coragem, audácia e ardor na arte do “jogo do pau”, na “destreza no jogo da faca” e nas suas lutas e contendias em diferentes cenários das bacias do Lis e do Tejo, na serra de Aire e mais tarde em Alvaiázere. Crê-se que tenha participado como Maioral de ranchos que levaram às terras da Borda d’Água jornaleiros e pescadores das bandas do Lis e do mar da Vieira. Uns por lá ficaram dando origem a diferentes ramos e famílias ligadas aos trabalhos rurais e à pesca do rio; outros regressaram às suas terras de origem.

Através destas notas, apresentadas sob a forma de uma biografia romanesca prestamos homenagem a um parente, que conforme assinala “*O Couseiro*”, além da “uma corpulência ou estatura extraordinária (...) quando via alguma injustiça muito revoltante intervinha e tomava sempre parte do inocente ou mais fraco”. Esta saudação é extensiva a todos os familiares que com ele partilham o Além e aos seus descendentes dispersos pelo mundo.

Monte Redondo (Leiria), Julho de 2018

Índice

	Pág.
I. O chão da feira	5
II. O despertar	10
III. O Batismo e a infância	17
IV. O arraial	30
V. Os franceses	37
VI. O massacre da Ti Ana	50
VII. As sortes	60
VIII. O regresso à Ruivaqueira	72
IX. O casamento e os primeiros filhos	88
X. Retalhos de vida	109
XI. As viagens à Borda d'Água	121
XII. Entre margens	150
XIII. Desencontros da vida	172
XIV. Separação familiar e ocaso	184
Anexos	206



I. O chão da feira

Anda um homem nesta lida

Do nascer ao pôr do sol.

Mói o corpo, mói a vida

E para comer, vai ao rol.

O dia estava a chegar ao fim. Na povoação de Ortigosa, sobranceira aos campos do rio Lis, a névoa ameaçava o fim da jornada, cinzenta como muitas daquela estação do ano. Junto ao chão da feira uma das poucas famílias aí residentes passara mais um dia de trabalho e aguardavam que o sino da Igreja de Santo Amaro ordenasse, pelo toque das Trindades, o recolher. Ao portão da habitação onde morava, Domingos olhou para as copas dos pinheiros que rodeavam a casa e notou como os ramos balouçavam com vigor acompanhando a aragem fria que parecia deslocar-se do lado do Campo. O estado do céu, coberto de nuvens negras, não era bom prenúncio. Por isso saiu do lar e deu alguns passos em direção à eira, em frente à porta de entrada. Aí, ficou-se por alguns instantes e conferiu a lenha armazenada no telheiro onde também guardava a palha seca para os animais. Não fora o estado “interessante” da Felismina, sua mulher, estar a aproximar-se da hora de dar à luz mais um filho e já tinha ramagens e cavacos, caruma e cepos que lhe chegavam para o ano inteiro. Mesmo assim, e numa atitude tão generosa quanto previdente, seguiu em frente para o pinhal e foi buscar mais alguns ramos que o vento havia quebrado.

A casa térrea onde habitava era uma velha construção em adobe com duas águas e aberturas na frente, sem vidros e que ao abrir permitiam a entrada da luz nas divisões. Como as demais, a casa era baixa e caiada

de branco, com uma porta de entrada e um alpendre embutido na fachada. No seu interior tinha apenas quatro espaços separados por tabique: a casa de fora, que fazia de sala onde se recebiam as visitas da Páscoa e velavam os mortos da família; o quarto de fora, onde dormia o chefe da família e os filhos mais pequenos; o quarto de dentro, alcova onde dormiam os filhos menores e as filhas e a divisão mais frequentada de todas, a cozinha. Os rapazes que no Verão não quisessem dormir com a família podiam fazê-lo no palheiro sobre a enxerga colocada a um canto ou na palhoça sobre as palhas de milho. Os espaços de dormir estavam munidos com dois bancos compridos por cima dos quais corriam as tábuas que suportavam a enxerga de palhas de milho, removida de vez em quando para amaciar a dureza do estrado de suporte.

A cozinha, com a sua lareira, moirão e cachorros em madeira era a divisão mais importante e na qual a família passava a maior parte do seu tempo a conversar e a preparar as refeições. Era ainda o local de encontro dos serões de inverno em torno do fogo crepitante, debaixo da chaminé larga que defumava às mil-maravilhas, salvo nos dias de maior ventania em que se cumpria o ditado: “Quando arde o fundo à panela, se não queres vento, fecha a janela”. Anexo à casa estendia-se o pátio com uma alpendorada onde se recolhiam as alfaias agrícolas, o carro de bois de uma canga, a lenha e o palheiro, divisória em madeira adaptado a quarto e a um canto os dois pipos de vinho que abasteciam a casa, a arca do milho e a arca salgadeira. Era a dispensa da família onde se conservava a carne de porco, coberta de sal, os presuntos e alguns enchidos. Ao lado destes havia lugar para os cântaros de azeitonas e para a talha de azeite, de fundo seco e ressequido, tal era a fome que grassava no lugar. Do lado de fora estavam os currais dos porcos, a cerca das galinhas e as medas de palha usada para alimento dos animais.

O chão da feira era um espaço com árvores centenárias, sobretudo pinheiros mansos de onde caíam as pinhas que depois de secas ao sol davam origem às “britadas”, muito saboreadas pela população durante os longos serões de inverno. Depois de secos os pinhões torrados eram enfiados numa linha e vendidos em colares, muito ao gosto da criançada ou em medidas de madeira, como as pevides de abóbora torradas e os tremoços, principalmente aos adultos ao fim da missa e durante as festas do santo padroeiro. O terrado pertencia a uma família da terra que o deixava utilizar para se realizar a feira que ali tinha lugar a meio do mês. Nos últimos anos, porém, devido às más colheitas e às sezões que atacavam as pessoas, só por altura das festas do Santo, do Entrudo, da Ascensão e dos Santos é que tinha maior afluência. Então dava gosto ver as rezes luzidias que desciam do lugar dos Conqueiros, da Moita da Roda e de Riba d’Aves ou mesmo de outros lugares mais distantes, para serem negociadas. Juntamente com estas os porcos malhados, transportados em carros de bois ou atados a cordas, constituíam o grosso do mercado de animais que era já uma referência pela grande quantidade de lavradores e de porqueiros que aí acorriam. Estes vestiam umas capas de burgau castanho, coçadas pelo uso. A cabeça era coberta por um barrete e nalguns deles, os mais endinheirados, por um chapéu de aba castanha para os distinguir dos lavradores que usavam chapéu preto. Como que acompanhando a riqueza das subsistências familiares, os galináceos de pescoço alto e crista saliente e mais raramente os patos e os gansos, eram vendidos apenas em épocas festivas.

Obedecendo a uma hierarquia animal os bovinos e os asnos tinham direito às melhores sombras, debaixo dos pinheiros mansos; os suínos concentravam-se na parte mais alta do terreiro e os galináceos ficavam alinhados, atados pelas pernas, dentro das cestas de vime colorido, próximo dos sacos de milho e de feijão, das couves, das batatas de

sementeira e dos primores. Ao lado destes, sempre que era tempo disso, os cestos de verga com fruta da terra, vendida a preço de saldo para as pessoas ou até para melhorar a ração dos porcos, preenchiam o espaço em redor. Junto a estas acumulavam-se, em cestos de vime branco de boca larga, os tremoços, as pevides, as passas de uva e os figos secos que as vendedeiras do campo punham dentro de sacos de estopa grosseira. Acompanhavam-nos os sacos maiores cheios de grão-de-bico e de milho amarelo. Em cestos de arco de verga castanha, que se fabricavam no lugar com os vimes do campo, estavam os ovos de casca dourada e gema avermelhada; as bonecas e os bolos de massa de pão, em jeito em ferradura, que as padeiras das Chãs transportavam à cabeça. Destas era de fugir de uma, a mais barbuda, que fazia umas broas de farinha que secavam num instante. Dizia-se que os amassava com farinha de mistura e por isso os fregueses escasseavam à sua volta.

Quando o tempo o permitia os carros de bois carregavam, em maceiros de madeira e alguidares de barro, potes de enguias e ruivacos fritos, pipos de vinho e nacos de carne para assar na borda do pinhal. Estes serviam de petisco aos negociantes de gado e a alguns forasteiros que sempre acorriam a estes encontros. Debaixo de um dos pinheiros mansos uma outra personagem entretinha-se a ferrar os cascos das bestas, numa operação compassada e melódica do bater do malho sobre a peça de ferro quente que ia modelando até ferrar o casco dos animais. Este trabalho repetia-se com o bater do ferro sobre o pontiagudo dos esporões que eram cravados, sem sinal de dor, nas mulas, nos asininos e nas vacas de maior porte e que transportavam as cargas mais pesadas.

Nada disto, porém, acontecia naquela tarde. Apenas a tasca de um dos feirantes que decidira estabelecer-se no lugar, mantinha as portas abertas para servir um ou outro cliente mais endinheirado. Domingos lá ia recolhendo os garavetos e uma outra pinha caída no chão. Juntou o que pôde e depois, com o vime que levava consigo, deu um nó bem

apertado na braçada e voltou para casa pelo caminho que seguia para o campo. Não se podia demorar até porque à saída, a "curiosa" - por sinal sua mãe - que assistia à mulher, tinha dito para não se demorar a aquecer a água. E com a lenha seca do feixe que levava não tinha dúvida que ia fazer uma boa fogueira pela noite dentro. Entrou em casa, pôs as achas no canto da chaminé, confirmou que os cântaros estavam cheios de água e deu dois passos em direção ao quarto da sala para ver como estavam as coisas. Então foi reprimido pela mãe:

- "Não metas o nariz onde não és chamado, ouviste?"

Depois, mais cordata, a mulher pediu-lhe para ir aquecer água para o emplastro de folhas de eucalipto e mel que devia pôr no peito da Mariana, a menina que permanecia imóvel deitada no colchão junto à mãe.

Com o seu fiel amigo, que não deixava de sacudir o rabo a seu lado, deu meia volta e foi à porta ver se passava um conhecido. Passado um pouco entrou na cozinha para beber um copo, com o vizinho. Além de se prepararem para um acontecimento feliz, um tinto não se podia recusar. Se o fizessem era uma desconsideração ao lavrador que tinha percorrido todo o ciclo de produção do sangue de Cristo com a poda, a impa, a cava, o tratamento, a vindima, a pisa e, o mais importante, a arte de envasilhar e de manter em bom estado aquele néctar de deuses. Apreciado o produto e despedido o amigo, Domingos foi tratar do que lhe competia e sentou-se debaixo da chaminé. Com a tenaz de ferro puxou as brasas que estavam debaixo da cinza, consertou a caruma e o tição que já tinha preparado, deu dois sopros para acender a chama que surgiu entre as cinzas deixadas desde a hora do jantar. Ajustou a panela de ferro e mexeu as folhas de salgueiro da cozedura destinada à criança. Não lhe saía esta da cabeça: quase a ser pai mais uma vez e depois de quase quatro anos após lhe ter nascido a filha, logo havia de ter um resfriado que nos últimos dias parecia agravar-se e sem cura aparente.

- “Louvado seja Deus!”

Disse em tom de desabafo.

II. Despertar

Minha mãe! Ó minha mãe!

Pra que foi que nasci eu?

Pra andar nesta arrastação?

Que má vida que me deu!

Caía a noite quando ouviu bater à porta. O cão, dorminhoco, levantou-se da laje aquecida da lareira, rosnou e correu para a porta. Quando o intruso entrou já este abanava a cauda em sinal de reconhecimento. Era o barbeiro que tinha vindo do Casal das Várzeas e ali passara para observar as suas doentes. Quanto à mãe estava descansado uma vez que a Sra. Iria tratava tão bem dela como o melhor dos amigos de profissão. Mas nestas coisas de mulheres, só em caso de aflição é que era chamado. Já o estado da Mariana o preocupava e de que maneira. Depois da purga do dia anterior e do sangramento com “bichas do campo”, que o primo Mendes lhe havia trazido, a miúda não dava sinais de melhoras. Mantinha a febre e, pior do que isso, arfava e engolia cada vez com maior dificuldade. Por vezes parecia até que a garganta se fechava, logo seguida de um grito de dor e de aflição quando a criança levantava os olhos para a imagem da Senhora da Boa-Morte, que a mãe tinha pendurado na parede junto à cabeceira. Diziam que a Santa auxiliava as dores dos moribundos e garantia as suas graças para além da morte.

Como o dono da casa ia acompanhado do barbeiro a mãe condescendeu, deixando-o entrar no quarto. A visita não foi demorada.

Primeiro o barbeiro foi perto da Mariana e com a colher que tinha sobre a cabeceira voltou a observar-lhe a garganta. Com o pequeno funil que tirou da mala, auscultou-lhe os pulmões. Pelo meio foi medindo as pulsações nos punhos e nas veias do pescoço, observou a cor dos olhos e por entre gemidos da criança, bateu-lhe suavemente nas costas e no peito. Confirmou uns ruídos nos pulmões que se estavam a agravar. Despejou o conteúdo do pacote de pó branco que deu a beber à menina e que esta, apesar do sabor amargo, teve de engolir depois de lhe apertarem o nariz. Com ar contrafeito dirigiu-se à mãe que se contorcia com dores sobre a enxerga da cama, enquanto a sogra lhe amparava as primeiras águas, que quis mostrar ao barbeiro.

Como a parturiente estava bem entregue não devia ficar a assistir ao parto. Antes de sair olhou para a arca situada à ilharga da cama, onde estava o alguidar, as toalhas e uma manta branca que devia servir de aconchego ao bebé. Certificou-se que tudo estava em ordem, deu uma palavra de conforto ao chefe e partiu com o semblante carregado. Havia algo que não estava a correr bem. A situação da criança doente continuava a causar-lhe preocupação. O estado da criança dizia-lhe que “o mal entrara às braçadas” mas tinha confiança que havia de “sair às polegadas”.

O barbeiro não se enganava. Era o homem mais experiente do lugar - talvez mesmo da freguesia - e não se cansava de andar de um lado para o outro sempre que o chamavam. Tinha os seus bens pessoais e por isso o tributo anual, pago em milho, era suficiente para o ter a seu lado quando necessário. Mais próximo deste só em Monte Real ou em Leiria é que havia profissionais com sala própria. Aqui até havia um hospital e as irmãs que lá trabalhavam eram umas santas. Mas como a distância era maior e o ano tinha sido mau devido às gripes que por lá andavam, não havia outra solução senão a de tratar a Mariana em casa. Além disso não sabia se o anjinho aguentava a viagem.

Arrastado por estes pensamentos o chefe da família nem deu que a fogueira, ainda acesa, precisava de ser atiçada. Depois de o ter feito veio sentar-se na mesa da sala, em frente à cómoda, encimada por um pequeno oratório onde além do crucifixo de madeira tinha colocado as imagens do Santíssimo Salvador, que o padre da freguesia lhe tinha dado e a estampa de Santo Amaro, o padroeiro da Igreja do lugar. O seu estandarte calcorreava todos os anos os caminhos na companhia dos mordomos, arrecadando as esmolos – milho, espeto para a carne, linho e em casas abastadas umas moedas - para as festividades em sua honra. Balbuciou uma pequena reza e mais suplicante do que devoto, colocou a cabeça entre as mãos à espera de novidades.

Ainda o Sol não tinha nascido quando o figurante, sentado ainda de braços sobre a mesa da sala e a dormir por não resistir ao peso do dia de trabalho, foi despertado pela parteira que lhe gritou do quarto:

- “Este já cá está. É um rapaz”.

Nem quis acreditar no que ouviu e como se fosse um sonho, levantou-se rapidamente da cadeira e atirando-a ao chão atravessou a ombreira da porta para ver o recém-nascido. Este, coberto ainda de sangue e solto já da mãe, estava nos braços da parteira-avó que rapidamente o deitou ao lado da mãe para proceder à sua limpeza. Esta sorriu para a criança e de olhos arregalados pelo nascimento do pimpolho, ouviu o que a sogra lhe disse:

- “Que belo rapagão”.

O olhar de pai descaiu sobre as partes baixas do corpo do nascituro, como que a certificar-se das palavras que acabara de ouvir. E antes mesmo de se debruçar sobre a cama e deixar uma carícia à mulher, baixou-se para cobrir a garota doente que querendo partilhar da excitação do momento, abrira os olhos e balbuciara um pequeno choro. Tão fraca estava que de imediato, aconchegada pelo pai, deixou-se adormecer no meio da enxerga. Agora o Domingos era um homem bem

mais feliz. Bem lhe dissera o tio Joaquim, um homem entendido e já viajado para a época, que os olhos da mulher anunciavam ser um rapaz. Contrariamente a este, o pregoeiro, que de tempo a tempo passava pela Ortigosa e a quem as pessoas recorriam para saber notícias do mundo, afirmava a pés juntos que era outra rapariga que estava na barriga da mãe. Apesar de pareceres diferentes, ambos acertaram na fase da Lua.

A sala da casa, embora pequena, estava sempre bem arrumada. Além da mesa, da cómoda e das cadeiras herdadas de um tio havia a um canto, próximo do quarto, um lavatório e a seu lado mais uma arca com o enxoval do casal. Já depois de casar e aproveitando o tempo livre, meteu-lhe umas ferragens novas e aproveitou para colocar um suporte para as costas, passando a funcionar como arca-banco. A habitação tinha sido construída pela família do Domingos junto da eira dos seus antepassados, com o melhor barro do lugar e a palha bem seca dos campos em redor. Demorou algum tempo antes de este constituir família, tal como acontecia na época. O casal era ainda novo e viviam da agricultura. Os pais da Felismina tinham algumas posses e terras no lugar e por isso trabalho não lhes faltava. A casa, sendo pequena, tinha tudo o que era necessário para acolherem mais um filho, e mais outro, e outro...os que Deus lhes desse para criar. Agora, com a doença da filhita, as coisas ficavam mais difíceis. Contudo não tinha que se preocupar pois a sogra vivia a dois passos e como se davam bem, bastava uma mãozinha diária para que não receasse o futuro.

Com estes pensamentos Domingos foi à cozinha e com gesto pausado foi mexendo as folhas que há pouco havia metido na panela. Deixara que estas cozessem lentamente e depois de esperar que arrefecessem, veio misturar o mel e um pouco de aguardente. Foi à cantareira buscar o tempero e de caminho meteu a mão na gaveta da mesa e certificou-se que havia broa para uns dias. Não iam morrer à fome. De qualquer

modo já sabia que depois do nascimento eram as vizinhas que se encarregavam da alimentação da parturiente.

Como era costume lá na terra as melhores galinhas eram deixadas para estas ocasiões e a maior parte das vezes já vinham na panela, juntamente com a canja gorda e consistente, cheia de ovos e de carne, pronta a ser servida. Como se dizia na terra, “cautela e caldos de galinha nunca fazem mal ao doente”. Só depois vinham as filhós que as mulheres da terra fritavam com tal esmero que faziam crescer água na boca... Mas os homens também eram chamados a participar. Era vê-los a festejar, com o vinho da terra e um petisco a condizer.

Inquieto com os seus pensamentos, mas consciente das suas responsabilidades, o pai ia prosseguindo o seu trabalho rural cuidando e tratando dos campos da sogra, uma vez que o marido desta havia saído numa embarcação de madeiras que partira da foz do Lis, onde se chegava de bateira quase desde os campos de Amor, e nunca mais regressara a essas charnecas. Constava que havia partido para o Brasil. Tinha ainda a seu cargo umas oliveiras que o pai lhe havia deixado, ali para os lados da Ruivaqueira e uma leira no Campo de Cima. As árvores eram um pouco velhas, sem grande crescimento, mas na altura devida lá davam umas azeitonas que eram moídas no lagar dos frades situado para os lados do Paul. Finalmente era pai de um filho varão. E quando lhe foi possível abeirar-se da mulher para a saudar uma segunda vez – depois de um período de espera em que só lhe era permitido entrar e sair à voz de comando da parteira para trazer água quente e para levar os panos sujos da limpeza da parturiente -, fitou os olhos na criança que ia protestando, chorosa, por ter saído do seu mundo acolhedor². Mal sabia este pequeno o que o esperava pela vida fora.

² Ano de 1795 (O Couseiro)

Depois destas andanças, já de manhã, a mãe permitiu que Domingos entrasse no quarto e levasse o cobertor para o aquecer na lareira. O dia era de algum corrupio pois cedo, como que adivinhando o que se passara, uma das primas sua vizinha, entrava porta dentro a oferecer os seus préstimos e fazer o café da manhã. No quarto a parteira mostrava-se pouco rogada em aceder a esta oferta. Com os anos e a experiência que tinha, sabia bem como limpar as secreções da criança; como a lavar e ungir com um unguento com base em azeite fino que só ela sabia fazer; como tratar da nora e, finalmente, como zelar para que mãe e filho passassem uns primeiros momentos de sossego. Depois, e só depois dos dois terem descanso é que ela vinha para a cozinha comer as migas de “cavalo cansado”, bem adoçadas e regadas com um bom vinho tinto, aquecido na púcara de barro. Era das poucas vezes que a tia Iria bebia um trago de vinho colhido ali para os lados da Lagoa ou mais distante, nas encostas do Penedo, umas vinhas que o taberneiro possuía e que não regateava em pôr à venda no seu estabelecimento. Pelo contrário aquele tinha sido colhido numas cepas da Ameixoeira, tratadas pelo Domingos.

Com o dia ganho a curiosa certificou-se que havia de comer lá em casa. Foi ao canto buscar uma abóbora e preparou-a de modo a cozinhar umas papas, que seriam servidas com a sardinha salgada, assada nas brasas, que a nora tinha deixado no alguidar de barro. Depois entreteve-se mais algum tempo a tratar da Mariana. Tão fraquinha que ela estava. Era uma pena. A testa febril e a respiração ofegante e ruidosa deixavam antever mais um dia difícil para todos. Antes de sair deu-lhe o remédio preparado pelo barbeiro e deixou a “boneca” de pano mergulhada numa xícara de leite e mel, ao cuidado do pai. De imediato e muito senhora de si, saiu em direção à casa próxima da capela, a morada do sacristão, parente do marido. Como era da família pediu ao

zelador da Igreja para ir ao Souto da Carpalhosa falar com o Padre e acertar a hora de batizar o pequeno José.

O nome estava escolhido. Tal como o avô materno o seu nome seria: Braz Arroteia. Era o apelido que queria perpetuar e que tanto ela como os outros irmãos não possuíam. Era costume entre as famílias mais humildes não seguir a regra de perpetuar o nome da família, dependendo a sua inclusão da pessoa que fazia o registo. E se o padre não quisesse então acrescentaria Júnior, apelido que devia não ser necessário uma vez que aquele tio-avô tinha ficado sepultado nas águas do mar, ali para os lados do forte de Peniche. A muitos outros marinheiros tinha acontecido o mesmo, quando o vento era forte e as embarcações não conseguiam passar o canal a meia distância entre a Berlenga e a capela da Santa dos Remédios. A corrente e o vento violento que aí soprava durante quase todo o ano não permitiam desvios.

Sem ter mãos a medir Domingos não descansou enquanto não mandara recado às irmãs: uma que morava em Amor e a outra que morava também do outro lado do Campo, na Serra de Porto do Urso. Como pai tinha agora a seu cargo a saúde da Mariana e o cuidar da mulher que durante um mês devia manter-se na cama, resguardada dos olhares e do tempo frio que começava a fazer-se sentir. Quanto ao criança só lhe era permitido sair, bem abafado, para ir à pia do batismo na companhia do pai e dos padrinhos. Como o tempo estava soalheiro e as cheias ainda não tinham aumentado, uma hora de caminhada dava para chegar à Igreja do Santíssimo Salvador, que do alto da povoação dominava a várzea em redor. E ia aproveitar antes que o tempo se toldasse pois tinha presente que em Março, o marçagão, só podia esperar “de manhã cara de cão; ao meio-dia, de rainha; à noite, de fuinha”.

Ao receber a notícia trazida pelo sacristão, o Cura quis saber do estado da Mariana. Depois da descrição feita pelo Zacarias, franziu o sobrolho e como era um homem de poucas palavras ergueu os olhos ao céu e balbuciou:

- “Era melhor Deus levar esse anjinho”.

Transmitida esta mensagem aumentou a angústia de todos. O pai, triste, contemplou a face pálida e cada vez mais cadavérica da menina e cruzando a porta da cozinha foi à mala da sala certificar-se que a roupa aí guardada estava em ordem para acompanhar o garoto à pia santa. Enquanto remexia a roupa a tampa caiu-lhe em cima e deixou escapar um “ai” de dor. Acordada a mulher, pediu-lhe de dentro do quarto:

- “Traz a Mariana. Quero-a aqui ao pé de mim para conhecer o irmão”.

Com uma lágrima a correr-lhe pela face, mas disfarçando-a até mais não poder, o pai levou a menina para junto da mãe e saiu.

III. Batismo e infância

Vai o menino à pia

Para ter nome cristão.

Leva padrinho e madrinha

Que contentes eles vão.

Ao fim do dia o pai teve uma visita inesperada. Foi o sacristão que veio transmitir-lhe as orientações que trazia do Padre Patrão - apelido que o povo lhe dava porque era o pároco de uma das freguesias mais antigas do bispado e porque tinha a seu cargo a Igreja matriz, dedicada ao Santíssimo Salvador e mais sete ermidas e capelas: Sra. da Portela, acima do lugar do Souto; S. Martinho das Várzeas; Santo Amaro, na

Ortigosa; N^a Senhora da Vitória, em Riba d’Aves; Santo Ildefonso, nos Conqueiros; Sto António, na Chã da Laranjeira e a do porto de Santo Ildefonso, no Casal, frente à Várzea. Havia ainda uma ermida em ruínas, na Lameira, dedicada a Nossa Senhora da Paz. O Zacarias vinha confirmar o nome da criança e saber do estado da Mariana. Quando entrou no quarto e a viu foi como se uma espinha lhe arranhasse profundamente a garganta tal era o estado da criança. Não pode conter duas lágrimas. Lá estava ela deitada, ofegante, a olhar para o irmão que se entretinha a mamar no seio materno.

Estavam aprazados os pormenores da cerimónia. Às 9h00, depois da missa dominical, estariam na Igreja do Santíssimo Salvador para a cerimónia: o pai, a sogra e os padrinhos, o Francisco de Mato d’Eira, seu irmão mais velho e a Rosa, irmã da mulher, que vivia perto de Segodim. Como a família era católica e cumpridora dos seus deveres para com a Igreja, tinha a cômgrua de milho em dia, comprava as Bulas pela Quaresma e ajudava sempre na festa de Santo Amaro, o Padre Patrão não lhe levava nada pelo serviço da Pia. Só cobrava o custo do registo que tinha de devolver à Administração do concelho. Agradecido com esta decisão, o pai entrou no quarto e foi transmitir a mensagem à mulher. De imediato esta pediu-lhe para que lhe mostrasse o vestido branco que tinha sobre a arca e que devia servir para a cerimónia. Um vestido de linho, mas amarelado com o tempo, que lhe servira para a levar à pia batismal e que há mais de três anos fora igualmente utilizado pela Mariana. Como que acordada pelo pensamento da mãe, a menina desperta em choro profundo manifestando dores internas e grande agitação. Se o barbeiro não voltasse até ao fim do dia, tinham de lhe mandar recado para a visitar.

Horas depois quando o barbeiro chegou, pegou na menina, apertou-a ao peito e sentiu nela uma febre intensa que lhe ruborizava a cara e um suor que humedecia o corpo, já quente com o calor da cama e a

transpiração. Nesta posição conseguiu uns instantes de sossego enquanto a mãe, ocupada com a mudança dos cueiros do recém-nascido, limpava o rabo do dito com tanta ternura que comovia os presentes. Não se esqueceu do fio de azeite sobre as pernas, nem de apertar os panos sobre a farinha de arroz que espalhara nos membros e sobre os órgãos genitais. Confirmou que tudo estava em ordem e tomou a decisão com o marido sobre o almoço de Domingo: canja de galinha e galo guisado era o repasto da família. Assim entretidos nem deram pela entrada da Emília, a irmã do pai, que vinha confirmar que o recado aos padrinhos estava entregue. No Domingo seguinte antes das 8h00 seguiam para o Souto e depois da Missa teria lugar o batizado.

Nesse dia o chefe da casa entretive-se por perto, atento às entradas e saídas e ao estado de saúde da mulher e da filha. Quanto ao garoto, parecia que não se importava já com ele pois parecia-lhe um “paz de alma”. Barriga cheia e fralda mudada era vê-lo a dormir descansadamente. Aproximando-se a hora de dar o remédio à filha, foi atizar a fogueira que a sogra havia acendido pela manhã e onde fervia a panela da sopa temperada com banha e carne para o jantar e a ceia. Perdeu-se um pouco no pátio a preparar umas couves que atirou aos recos que grunhiam, alto e bom som, como que adivinhado o fim próximo de um deles. Não tardava muito que o mais gordo fosse parar à salgadeira.

Passou-se o dia sem maiores problemas. Pelo meio da tarde apareceu o barbeiro, montado na mula que o levava a todo o lado e depois da saudação habitual e de lhe ter transmitido as informações do Padre, foi lá dentro acompanhá-lo. Como de costume este pegou no pulso da mãe e da filha, observou o dorminhoco e fez um exame mais completo à menina. Neste entretanto quem estivesse mais atento verificava a sua inquietação quando lhe passou o funil pelas costas, depois pelo peito e tentou abrir a boca da criança, cheia de secreções. Levantou-se e

determinou nova sangria para o dia seguinte. Não havia problemas tanto mais que o tio, prevendo uma doença mais prolongada, tinha guardado numa panela da cozinha as bichas (sanguessugas) para esse tratamento. As restantes seriam aproveitadas pelo tio Joaquim, que com os seus oitenta anos era o homem mais velho e respeitado do lugar. Era da boa vida que levava, diziam as “más-línguas”...

Assim se passou um dia, mais outro dia e no Sábado, bem cedo, uma das tias do criança veio trazer à casa uma taça de arroz, temperado com mel e figos. Mal sabia, porém, o que ia encontrar. Momentos antes, pela calada da manhã, a menina tinha tido umas convulsões muito fortes e não resistindo ao sufoco e à paragem respiratória causada pelas secreções que lhe enchiam a cavidade bocal, já não dava sinais de vida. Pensava o pai que tinha sido com o mal das crianças, uma doença que se agravara depois do farfalho deixando-a tão fraca que dava dó. Depois vieram os acessos de sufocação, alguma febre e convulsões que deixaram a filha roxa num instante. Foi assim que a Rosa encontrou a sobrinha, desfalecida junto da mãe inconformada e chorando a morte da Mariana.

O pai, aos ais profundos e sentidos, pegava-lhe nas mãos, beijava-lhe face e tentava reanimá-la a todo o custo, mas em vão. Só o recém-nascido permanecia mais tranquilo, embora resmungando devido a uma mijada, que antes de passar para o cobertor de lã escorria pelas pernas abaixo. Foi neste cenário de dor e tristeza, de gritos e de consternação, que chegaram os vizinhos e familiares. Nada havia a fazer. Depois de tanto sofrimento lá partira a irmã antes ainda de o conhecer e de poderem brincar na cama da mãe, na esteira da cozinha, na eira, por entre o milho ou já no pinhal às escondidas ou ao mata-mata.

Com os seus vinte e tal anos o pai Domingos tinha de mandar recado ao Senhor Prior transmitindo a notícia da morte e saber se o programa

do batismo se mantinha como previsto. Por isso coube-lhe ir falar com o sacristão que logo se prontificou em ir ao Souto e tocar uns finados de criança para avisar as pessoas do lugar. E se assim o combinou, melhor o fez. Dentro em pouco o sino da capela de Sto. Amaro tocava pela morte da Mariana. Depois, sentado na burra, subiu a ladeira do Paul e foi falar com o padre. Pouco depois do jantar chegou com a decisão do pároco: por se tratar de um anjinho, a encomendação do corpo e a cerimónia da pia eram feitas na Igreja, em simultâneo. O corpo ia depois a sepultar no canto das meninas.

Difícil se torna descrever o que foi aquele dia de Sábado e a noite anterior ao do Domingo do batizado e funeral. A casa encheu-se de parentes e de crianças, de rezas, de encomendações e de augúrios. Garantiam os mais velhos que além da nova estrela que iluminava o firmamento, o menino havia de ser diferente dos demais: tinha a alma da irmã no Céu a olhar por ele. Por isso adivinhavam-lhe grandes feitos. Para ajudar o cenário ao fim do dia, quando foi tocar as Trindades, o sacristão trouxe a carreta que no dia seguinte devia levar o corpo do anjinho para o cemitério. Que tristeza ia naquela casa. Bem cedo os preparativos do enterro e do batizado estavam completos. O garoto adornado com o vestido da irmã, mamada completa, estava pronto para a festa. Por sua vez a defunta, deitada no esquife branco e enfeitada com flores trazidas pelas meninas do lugar, jazia sobre a arca da sala à espera de ser enterrada. Foi breve, silenciosa e comovente a despedida da casa e a viagem até ao Souto. Com o terreno ainda seco, as rodas da carreta rodavam sem chiar. Atrás seguia a burra do tio Joaquim, com a madrinha Rosa. Os restantes seguiam a pé revezando-se na reza do terço que acompanhava estas cerimónias.

À entrada da Igreja os presentes não contiveram as lágrimas. O Sacerdote, no altar, explicou que naquele dia o Céu ficava mais rico com a morte do anjinho e o batizado de mais três crianças que haviam

nascido dias antes. E sem demora, voltou-se para o altar e de costas para os fiéis, pronunciou:

- *“In nomine Patris, et Filii, et Spiritus Sancti...”*.

Ao Evangelho aproveitou para pedir aos fiéis para não se esquecerem de rezar pelas “almas do Purgatório” e no fim da missa, na encomendação do corpo, lembrou os anjinhos do Céu com quem a menina se encontrava. Depois da encomendação, em ambiente de consternação, seguiu-se o batizado do José. Nem um choro se ouviu, nem mesmo quando a água benta lhe correu pela testa. Feito o registo, o cortejo saiu em direção ao cemitério e com a criança nos braços, a madrinha demorou-se na despedida e começou a descer o caminho seguindo para casa. Estava na hora de mais uma mamada e a boneca de trapos com leite que havia trazido já estava a desfazer-se. Tal era a sofreguidão no novo ser.

Antes ainda de chegar ao Casal das Várzeas já os padrinhos tinham consigo os vizinhos e familiares que haviam acompanhado o corpo da defunta. Um silêncio profundo, entrecortado de alguns ais e de muitas lágrimas acompanhara o grupo até o franquear das portas da cozinha. Aí, o repasto que devia ser festivo era agora de consternação. O almoço dos mortos estava na mesa. Canja, galo guisado, broa e vinho tinto. O crucifixo, ao centro, lembrava a menina que acabara de enterrar; as duas flores, junto à base evocavam o batizado do garoto. Palavras tristes e sentidas acompanharam a refeição até que, finda esta, os parentes despediram-se com um “Até um dia”, e regressaram a casa. Para esta família em dor iniciara-se um novo período em que os três tinham de se unir, como um só, se quisessem sobreviver aos desafios do mundo.

Estávamos próximo do Natal. Felismina, que havia entrado no seu último mês de estado interessante, demorava agora muito tempo à lareira a secar os panos que haviam servido no parto dos dois filhos já nascidos. O último, que tinha atingido um ano de idade, era agora um

garoto gorducho, de olhos azuis e de cabelo louro, que perdia o seu tempo a mexer em tudo o que podia e a gatinhar pela casa fora. No Domingo anterior, regressados da missa do Souto onde foram rezar as ladainhas e ouvir a missa, tinham feito a viagem de burro uma vez que a mãe, pesada como andava, mexia-se já com alguma dificuldade. Agora com o garoto ao colo, mesmo que partilhando com o pai parte desse carregamento, não se atrevia a fazer a viagem a pé. O Cura, compreensivo com o estado da senhora, já lhe tinha dito que Deus a perdoava das faltas à missa desde que ela rezasse, rezasse muito, ao tempo da celebração, pelas almas do Purgatório. Estas eram as mais esquecidas e não tinham quem se lembrasse delas. Assim fazia esta mulher e sempre que chovia, à hora da missa, enquanto o marido saía com outra gente do lugar, ela ficava em casa a tratar da casa, da criança e a orar como lhe era recomendado.

Naquele Domingo, porém, sentiu um chamamento mais forte. Tinha de ir rezar pela alma da menina, pedir a Deus que lhe desse um parto feliz e que nada acontecesse ao garoto lá de casa. Depois de regressar e como estava próximo da hora do jantar, foi mudar-lhe os panos e como estava frio sentou-o ao colo enquanto fritava uns peixes que a família lhe tinha trazido do campo. Era costume nos dias festivos para além da sopa e de um naco de carne, bem cozinhada, haver mais qualquer coisa para comer. Em regra, além da carne de porco da salgadeira, meio cozida, acompanhava a broa da casa e a sopa grossa. O resto da panela comia-se à ceia com peixe do rio: ruivacos, pampos, carpas ou enguias fritas ou em caldeirada, que davam um sabor especial às refeições domingueiras.

Estava o miúdo ao colo, a brincar com as carumas deixadas no borralho ao lado da infusa de barro, onde era aquecida a água para lavar a louça e a panela de três pés onde ferventava a sopa, quando a mãe ouviu um estrugir estranho na frigideira.

- “O que se passa p’ra aí?”

Disse ela. Olhou para a lareira e para a chuva que estava a cair junto com a ferrugem que escorria pela parede, o que era mau sinal pois “quando cai a ferrugem da chaminé, bebem os cães de pé”... Ao baixar os olhos reparou no contentamento da criança a brincar com os pés e a sorrir para o tripé de ferro onde assentava sertã que tinha à sua frente. Só então se apercebeu do que havia sucedido:

- “Tempero santo”.

Gargalhou alto a mulher e sem querer agarrou na sertã para a retirar do lume. Tinha a certeza que o tempero estava já misturado com o azeite da fritura dos ruivacos e pimpões, dentro da frigideira fervente em cima da trempe de ferro.

O pai, que andava por perto, ao ouvir a exclamação da mulher e porque não a tinha entendido bem, entra na cozinha e pergunta:

- “O que foi que aconteceu?”

A mulher, apontando para o garoto que continuava brincar como se nada tivesse acontecido, observou os peixes e puxando na frigideira colocou-os junto dos outros já fritos e disse ao marido:

- “Acabei o trabalho, vamos para a mesa”.

Desta vez o garoto tinha mijado para dentro da sertã prenunciando as ocasiões que mais tarde viria a fazer, muitas vezes, para fora do penico...

Já depois do nascimento do 2º irmão, devia o José andar pelos 4 anos de idade, o dia de feira era uma oportunidade de sair e de acompanhar a mãe que vendia na praça por conta da sogra. Esta, embora passasse grande tempo nas lides da casa, não se inibia de trabalhar no campo mas deixava os trabalhos mais pesados para os homens da jorna. Como a família se entendia bem recorria à mão da nora para vender alguns dos produtos da casa e como paga dava-lhe sempre uma pequena quantia, proporcional ao fruto da venda. Mesmo

pouco duas ou três moedas a mais faziam sempre jeito em casa para uma compra inesperada. Era uma forma de retribuir a sua ajuda e de estreitar a amizade que as unia. Habitualmente nesta altura do ano, pela Ascensão, o sítio da feira enchia-se de gente que vinha dos lugares próximos vender e comprar animais, comer, beber e divertir-se. Não era uma feira farta, pois a população não era rica e pouco havia que vender, mas era concorrida.

Como não sabia o tempo que ia estar na venda a mulher da casa deixou o irmão do José entregue aos cuidados do esposo e veio para aqui com um cesto de galinhas poedeiras, de pés atados e empilhadas umas sobre as outras, cacarejando pelo caminho e um cesto de arco, pendurado no braço, cheio de ovos. Chegaram, escolheram o sítio mais próximo do caminho do Campo e preparou-se para a venda. Puxou por uma serapilheira e fez uma almofada onde o miúdo se sentou a brincar com o milho que ia servia de manjar às aves. Assim se entreteve o criança um largo tempo enquanto a mãe ia vendendo os ovos e tagarelado com as vizinhas do lado sobre as coisas da terra e da família.

Por ser dia festivo tinham trazido os lenços garridos que pendiam pela cabeça e cobria parte dos espartilhos escondidos debaixo da blusa e de um xaile de lã. Dos bolsos do avental escuro uma delas tinha pendente um novelo de lã que ia trabalhando com as agulhas de arame. Tecia uns canudos de malha para as pernas das mulheres. A outra ao lado aproveitava para cruzar uns trapos garridos que lhe pendiam do regaço e ia entrelaçando uma rodilha para usar na cabeça, de suporte às bilhas, aos cestos de vime e a outros carregos. Uma outra trazia pendente uma braça de junco colocada no antebraço que ia emalhando em cordões mais grossos que haviam de servir, ao chegar a casa, para tecer uma alcofa grande, uma outra mais pequena ou a esteira que as vizinhas vinham comprar para uso doméstico. Ali mesmo tinha um

pequeno mostruário em venda de esteirões e de cestos que lhe haviam encomendado. Estes cordões de junco, cuidadosamente cortado no princípio do Verão e depois seco, talvez até viessem a servir para fazer aquele capacho fechado que o Senhor Vigário usava quando tinha de se sentar no confessionário durante as manhãs frias de Janeiro, quando da novena ao Santo. Talvez este ano viesse a oferecer-lhe esse resguardo que ele tanto reclamava para lhe aquecer os pés.

De súbito ouviu duas das galinhas que trouxera, a cacarejar, quase agonizantes. Baixou-se e deu com o miúdo, de pulso bem firme, a apertar-lhes o pescoço pelado. E as aves meio desfalecidas iam estrebuchando com as patas e só quando a pressão aliviou é que tiveram a sorte de dar sinal de si. De forma rápida a mãe puxou as mãos do garoto e sacudiu-as de tal força, que apanhou as asas do cesto de ovos que levava e espalhou-os pelo chão. Não fora serem ovos de galinhas de boa postura, alimentadas no pátio e no quintal, e haver por ali muita caruma, tínhamos o caldo entornado... Deixou descair a mão e deu um tabefe ao miúdo que surpreso engoliu as lágrimas e saltou para o lado onde o esperavam uns apetecíveis tremoços no cesto da vizinha.

Valeu-lhe não ter ali os figos de mel secos, pois se os tivesse à vista também estes tinham voado... Coisas de crianças. Para lhe manifestar o seu carinho, a boleira das Chãs compensou-o com um naco da “ferradura” de farinha, mel e passas de uva que tinha na beira do cesto, junto dos outros bolos e que servia para as provas e para o desjejum dos compradores. Agora servia para distrair o criançaço e segurá-lo junto da mãe. Noutras ocasiões sucediam-se cenas ligadas às traquinices e às correrias dele e de outros miúdos da mesma idade que acompanhavam as mães e se divertiam no chão do mercado.

Algum tempo depois, devia andar pelos seus sete anos, o petiz já ia duas ou três vezes por semana a casa dos Pereiras aprender a Doutrina e a soletrar algumas letras. Essa era a família mais importante do lugar,

tios de um cónego da Sé de Leiria, benfeitores da Diocese e fregueses do Prelado. Aos Domingos, depois da missa do Souto, o telheiro da casa enchia-se de crianças que depois de regressarem do Souto passavam o resto da manhã a aprender as orações, os mandamentos e os deveres do bom cristão. Ai faziam, também, a preparação para a sua comunhão. Um dia vinha o rapazito com um grupo de garotos quando ao descerem a Cabeço do Lobo, antes de chegarem ao paul da ribeira da Ortigosa, ficaram encantados com os frutos que pendiam dos silvados, adornados com belas e succulentas amoras. Rapidamente correram para as apanhar e o José, já matreiro como era, para não ser ultrapassado por um amigo, zás! Passa o calcanhar por baixo do colega e continua a correr.

Não suportando a inércia da bota esquecida, este estatela-se no chão e fica com as mãos em cima dos ramos de silvas que corriam à beira do caminho. Não foi preciso mais para se gerar a confusão entre os miúdos e não fora a presença dos mais velhos que os acompanhavam, tínhamos certamente uma cena de pontapé entre eles. Resmungando e queixando-se das feridas das mãos, o amigo atravessou o sítio das Picotas e utilizou uma delas para tirar água limpa da ribeira e lavar as mãos. Aí, o José foi solícito e ajudou os amigos a tirar o precioso líquido com que no verão se regava o milho, de boa qualidade, cultivado no campo e nos terrenos de sequeiro, mais elevados.

Não fora as vitórias sucessivas do miúdo nas corridas de sacos ou já no jogo da corda que de vez em quando o Sr. Pereira promovia no adro da capela do Santo, com vista a estimular a união e a competição entre os rapazes, e nos quais o rapaz saía quase sempre vencedor, o caso teria ficado por ali. Mas, não. Tinha de ser vingado e esta era a oportunidade certa, pensaram alguns dos que o acompanhavam. O grupo segue o seu caminho ameaçando com a queixa ao catequista. Não era preciso fazê-lo pois bem se notava, mesmo depois de limpo, o sangue seco e os sinais

nas mãos e joelhos causados pela queda sobre as pedras e os rodados do caminho.

Chegados a casa do Sr. Pereira - informado já do sucedido por outros que se haviam antecipado -, o catequista chamou o agressor e obrigou-o a permanecer de joelhos durante toda a sessão, com as mãos servindo-lhe de almofada. Bem barafustou o garoto durante esse tempo. Mas como o outro era filho de família mais importante, a pena foi cumprida até ao fim. Mesmo assim não se libertou do apelido, o Lingrinhas, que durante anos os colegas lhe deram por via do seu comportamento.

Terminada a sessão e feitas as orações e as advertências finais, os garotos saíram a correr, prontos para nova aventura. Não sabemos qual foi. Decerto que nessa tarde os pássaros andaram em reboição uma vez que nos bolsos das calças pelo joelho, pendia sempre uma fiska que os miúdos utilizavam para ir à caça dos pardais. Uns passaritos assados na brasa era um petisco que não se podia regatear. Talvez algum deles tenha ido para casa lançar o pião, feito de um pedaço de madeira arredondado e com um bico arranjado no ferreiro da aldeia. Outro, talvez mais afortunado, tenha ocupado a tarde a correr com um arco de barril e uma cana ou arame, e rodado pelos caminhos mais secos do lugar. Algum deles pode ter aproveitado a tarde para preparar com uma cana e um pedaço de sabugueiro, um pífaro de onde extraía sons maravilhosos.

O jogo do eixo, esse era só jogado à socapa, pois o Sr. Pereira não gostava com medo que algum matulão, ao saltar por cima dos parceiros amochados, pusesse os garotos abaixo. E muito menos permitia o jogo da mosca (“lá vai alho”) em que os membros de uma equipa saltavam para cima dos seus adversários, amochados contra uma parede. Contudo aceitava que as crianças brincassem ao “arranca rabinho”, um jogo entre duas filas de jovens, frente a frente, em que puxavam uma corda cada um para seu lado. A fila que cedesse perdia a contenda.

Também admitia o “pinto barroco”, uma espécie de jogo da malha, com seixos redondos que se atiravam a pequenas barrocas. Se o seixo entrasse, então o jogador tinha o direito de a atirar aos outros jogadores e acertando em algum tinha direito a meter três “pintos” na sua barroca. O que alcançasse mais pintos era o vencedor. Tratava-se de uma brincadeira que ocupava os adolescentes mas que dava oportunidade destes se vingarem das maldades dos outros se usassem seixos de maior dimensão. Por isso o mais frequente era usarem bolotas de carvalho. Uma coisa era certa, já tinham deixado os jogos mais infantis em que duas pinhas servindo de bois e um cavaco, usado como canga, davam para puxar os bocados de carrasca que simulavam o carro por entre os trilhos imaginários da pequenada. Ou então o jogo dos bugalhos que se atiravam uns contra os outros para ver qual andava mais depressa.

No caso das raparigas era bem diferente. Um trapo enrodilhado em torno de um caroço de milho imitava uma criança ao colo, que era necessário cuidar, alimentar e vestir. Algumas mais afortunadas tinham umas bonecas em pano e cheias de palha de milho, como as enxergas em que se deitavam. Também as pinhas dos pinheiros serviam para imitar as camas de criança; as carumas entrelaçadas ou o carolo do milho para fazer santinhos; os brincos com ramos de cereja. Quando o grupo era maior também jogavam à macaca, ao “raminho entrouxado” ou ao “lencinho”, jogado de fora da roda onde um dos jogadores deixava cair o rame dizendo: “dou-te este raminho entrouxado para dares ao teu namorado”. Podiam ainda jogar à cabra cega, saltar à corda ou entreterem-se com as pedrinhas, mas estes eram jogos pouco procurados pelos rapazes da terra.

Para os rapazes mais adultos havia lugar para a “corrida de sacos” e para o “jogo da malha”; para os valentões, sobrava ainda o “jogo da corda”, com grupos cada vez maiores de participantes, muitas vezes

recrutados entre os olheiros da competição e, em ocasiões especiais, o “jogo do pau”.

Todas estas coisas serviam para passar o tempo dos que o tinham, pois que muitos só o podiam fazer ao Domingo, dia de descanso e depois da missa e do catecismo obrigatório. Por sua vez os mais crescidotes arrastavam já a asa junto da casa das moçoilas do casal, já que, durante os dias de trabalho, não havia tempo a perder. Para eles andando fora de sol a sol, depois das Trindades havia que cear e dormir; para elas, embora algumas se perdessem mais por casa nas lides da família, a hora da preparação do repasto era sempre acompanhada do olhar rigoroso das mulheres mais velhas da casa.

IV. O arraial

Eu vou-me! Eu vou-me embora!
Ó meu rico Santo Amaro!
Eu venho da vossa festa,
De pedir o vosso amparo.

Não temos muitos relatos da vida desta criança que aos doze anos, aprendidas as primeiras letras, servia já de escrivão às famílias que desejavam enviar dinheiro ou umas letras a algum familiar. Com o aparecimento do buço e a mudança da voz, José foi-se afirmando como rapaz e como trabalhador. Acompanhava os pais nas fainas do campo, ajudava os irmãos e os vizinhos, servia de cicerone ao avô quando este cegou e começou a ser respeitado entre moços e moçoilas do lugar. Em dia de Janeiro, chegou a consagração.

Estávamos na festa de Santo Amaro, o santo padroeiro da capela da Ortigosa celebrada no dia 15, então no 3^o Domingo desse mês. No adro,

habitantes de vários lugares da freguesia do Souto e de outras terras mais distantes, pagavam as suas promessas: uma saca de feijão; uma saca de milho; uma moeda de prata; uma reza mais íntima em frente da imagem do Bispo, que se dizia muito velha e por isso alvo da veneração dos fiéis. Não era bem certo, mas constava que aquilo que o santo gostava era mesmo de coisas roubadas mas isso o Cura não gostava de ouvir. Então havia algum santo, ladrão? Mesmo assim os romeiros ofereciam-lhe meias, lenços ou luvas cheias de milho roubado, consoante a promessa ao santo estivesse relacionada com as doenças de pés, da cabeça ou das mãos.

No arraial um grupo de rapazes entretinha-se a tocar umas modas ao som de instrumentos rudimentares, alguns feitos por mão própria: ferrinhos, cântaro com abano, pinhas friccionadas umas nas outras, garrafas de vidro com o garfos dentro a chocalhar, estalar os dedos e palmas faziam o acompanhamento da melodia tocada em pífaros de cana, por um clarinete meio enferrujado e um instrumento de cordas de tripa, tipo bandolim, trazido por um marinheiro que em tempos saíra da terra e que as agruras da vida pela Índia acabaram por o converter em frade na praça de Goa.

Os que não sabiam tocar entretinham-se a olhar em redor, a dar uns passos corridos e a ensaiar galanteios dirigidos às moçoilas, que sob o olhar atento das mães iam lançando o olho aos mais namoradeiros. Pelo meio ouviam-se preces, cânticos e algumas quadras dirigidas ao padroeiro:

“Santo Amaro, Santo Amaro
Santo Amaro de bordão
Trazei um ano cheio
De boa palha e muito pão.”

Em anos de muita chuva, a reza era outra:

*“Santo Amaro, aí de cima
Tem de nós compaixão
Se amanhã abres a fonte
Lá se vai a procissão.”*

Como habitualmente o jogo da malha reunia no campo da feira os homens da terra (Ortigosa) e os dos lugares mais próximos dos Conqueiros, da Moita da Roda, da Lameira e das Chãs, entusiasmados com a disputa que anualmente se fazia entre os habitantes destes lugares. No ano anterior a vitória tinha cabido aos “de baixo” ou seja, aos do lugar da festa. Por isso quando terminou o arraial, os outros subiram para casa vociferando contra o Santo que só protegia os amigos. Mais, não podiam fazer. Neste jogo quem tinha unhas é que sabia tocar a guitarra ou seja, atingir o “meco” com uma malha certa atirada do outro lado do campo. Diga-se, aliás, que este era o jogo comum das tardes domingueiras quando os homens podiam encontrar-se junto do pipo trazido diretamente da adega de um deles para limpar a sede provocada pelo esforço do atirar das malhas, do respirar do pó e das caminhadas que se faziam entre os “paulitos” dos dois lados do campo.

Localmente a sombra do pinhal da feira era o mais aconselhado. Estava perto da tasca, em local bem visível do povoado e onde, por vezes, se acotovelavam os rapazotes mais crescidos que entre si trocavam graçolas e informações sobre as moças da terra. E em dias de festa, dada a sua proximidade do arraial, era sempre um local de passagem ou de passeio entre os cânticos da festa, as promessas ao Santo e o petisco quando houvesse necessidade. Nessa tarde José e o pai foram até ao local dispostos a levarem de vencida o grupo mais difícil – a turma das Chãs. Por sinal o Padre Patrão, conhecedor dos hábitos dos seus fregueses e temendo que o álcool viesse a perturbar a

feira, já por lá tinha passado e do alto da montada havia feito as suas recomendações. Estavam próximo do local sagrado e do altar; o Santo estava a ver tudo o se passava. Por isso nada da batota, de injúrias e muito menos de desacatos. E o vinho podia ser bebido, mas com muito cuidado.

- “Bem lá prega Frei Tomás”.

Disseram alguns, os mais atrevidos, lembrando-se das patuscadas em que ele participava e em que não regateava um bom tinto, no meio das suas histórias e bons conselhos.

Domingos era conhecido pela sua habilidade no jogo da malha. Certo que nem uma seta atirava sempre para cima do “paulito”, derrubando-o pela base e deixando a malha o mais perto do sítio que lhe dava alguns pontos. Naquela tarde, porém, não se sentia muito bem e por isso pediu ao filho para ir com ele uma vez que, em caso de necessidade, tinha de o substituir. E foi isso que disse aos seus companheiros, ao que eles acederam. Para os de fora era até uma oportunidade de levarem de vencida o rapazola que não devia saber mexer naquilo. Para os da terra, era uma ocasião de provarem que o rapaz tinha a mesma perícia e o jeito do pai. O que sucedeu, porém, foi que o José ia participar mas um pouco contrariado. Imaginem o trabalho que tinha tido na véspera em vir com o andor às costas, para dar nas vistas às moças do casal, em especial às filhas dos lavradores, ornadas com os seus xailes garridos e argolas caídas que deixavam de beicinho os rapazes das redondezas. E agora ia deixar o campo aberto ao adversário, o figurão da Ameixoeira que não se cansava de rondar as “presas” que lhe interessavam...

Na procissão bem suara para transportar o Santo, para dar sinal de maduro, para se portar como rapaz crescido quando foi a sua vez de pegar no andor, bem junto à entrada da povoação. Sim, porque a festa para ser boa tinha de ter uma procissão que percorresse as casas mais

importantes e fazendo bem as contas, eram quase duas horas de cânticos, de ladainhas e de rezas, entre a saída e os cânticos finais de regresso. O cortejo percorria os caminhos da terra, ornados com junco trazido do campo e se o tempo o permitisse, adornado com as cobertas de trapo, entrelaçado e às cores, que as mulheres sabiam tear e que punham à janela em dias de festa.

E José bem lhe parecera que a Conceição, uma das três meninas do Casal das Várzeas, o havia olhado de forma diferente quando ele passou. Enrascado, corou, mas como ia centrado na sua missão pediu ao Santo que fosse verdade o que lhe parecera ser um sorriso tímido; ajustou a almofada do andor que pesava sobre o ombro, e com a vara de forçado de segurar o dito, bateu com mais força no chão e seguiu. Então agora teria de deixar o lugar aos outros para se mostrarem perante as irmãs, as primas e as moças que junto das suas famílias se dispersavam pelo arraial? Mas aquela dor no peito, o cansaço e os suores do pai pareciam não antever grande coisa. Tinha de ficar alerta.

Iniciado o jogo coube aos de cima pontuarem em primeiro lugar. E quando chegou a vez dos de baixo jogarem, o pai foi sentar-se pedindo-lhe para o substituir. As malhas certas do jovem deixaram boquiabertos os demais. Mais uma rodada e o que parecia uma peleja difícil para os de baixo, traduziu-se numa vitória merecida, sem barulhos nem rancores. Apenas a mão certa do José, que havia mostrado a mesma destreza do pai num jogo difícil em que se entretinha, por vezes, com os rapazes da sua idade, tinha decidido a vitória. E foi de tal forma convincente este triunfo que os amigos presentes, acabada a peleja, pegaram nele em ombros e vieram dar a boa notícia ao Sr. Vigário que no arraial ia fazendo as honras de confessor, de pregador e de acolhedor das promessas e das ofertas que o Santo havia de resgatar.

A entrada no arraial não podia ser melhor: deu de caras com a sua apaixonada. Esta corou quando viu o José transformado em herói do torneio e aos ombros dos amigos da terra. Com a algazarra própria da juventude deram a volta à capela, como faziam com os jugos de bois, e depois deixaram o nosso amigo no chão, em frente à porta, para este ir à sua vida. O rapaz, porém, correu ao pinhal da feira, bem perto da casa e não vendo o pai sentado foi a casa saber o que se passava. Encontrou-o deitado na cama, cheio de suores, a queixar-se do peito e dos braços e sem dizer coisa com coisa. A mãe dava-lhe a beber um xarope de mel e vinho fino, como que querendo ressuscitá-lo de uma doença que ninguém sabia o que era. Junto da cama estavam agora os irmãos mais novos que sem saberem o que se passava e julgando que o pai estava a dormir a sesta, brincavam entre si e trocavam os tremoços da festa como se tratasse de um pitéu. Era o que lhes restava do arraial depois das bonecas de massa, feitas pelas boleiras das Chãs, terem ido à vida...

Apressadamente o José voltou a sair e foi à Lagoa, a casa do Sr. Pereira, o barbeiro das redondezas, que havia saído para ver um doente, e deixou um recado urgente: o seu pai precisava de ajuda. Pedia-lhe que o fosse ver logo que possível. Depois dirigiu-se ao arraial, mas o dia estava a chegar ao fim. Arrefecera muito e parecia-lhe que em breve ia chover. Chegou ainda a tempo de trocar um olhar com a Conceição, de lhe enviar um aceno com a mão, ao que esta retorquiu com um abanar da cabeça. Esta, acomodando-se no banco ao pé das irmãs seguiu para casa na carroça com os pais. Com a sua partida a festa de Santo Amaro tinha acabado. Não que não houvesse mais moças no arraial, mas nenhuma outra lhe interessava. O seu pensamento ia direitinho para a menina do Casal das Várzeas.

Quando a noite chegou foram vários os amigos que passaram pelo chão da feira para saberem das melhoras do Domingos. Este permanecia deitado, branco como a cal, meio-inconsciente e sem se

mexer. E quando o barbeiro chegou ao pé dele - desta vez acompanhado de um filho que se havia retirado para o Convento e recebido as Ordens menores, como frade – observou-o atentamente, fez-lhe alguns exercícios com as mãos e os pés; abriu-lhe os olhos; apalpou longamente o pulso; passou-lhe várias vezes com o pano molhado pela testa. Em simultâneo o filho que o acompanhava fechou os olhos e em surdina ia rezando as suas orações invocando ao Senhor o paraíso pela alma do corpo que se findava. Esta seria a última vez que veria o pai do seu amigo, com quem brincara nos dias do catecismo em casa do seu avô, na Lagoa, antes de regressar aos estudos litúrgicos e de partir para as terras da futura Missão. Tão ajuizado era o rapaz que contrariamente aos garotos do grupo nunca ousara pronunciar as orações bravas como estes faziam no recreio: “Padre-nosso, quero comer e não posso, uma tigela de miga, p’ra minha barriga”, ou “Avé-Maria, quero comer numa bacia”. Brincadeiras de crianças...

O barbeiro-sangrador, homem com larga experiência em fazer sangrias e na leitura dos sinais da febre e da doença amarela, ao ver os suores e os vômitos aumentarem franziu o sobrolho e pediu que não fizessem barulho para ele descansar. Pareceu-lhe que os membros já não reagiam e antes de sair deixou no prato da cozinha mais um pouco do pó branco que sempre o acompanhava, para misturarem na água quando o homem pudesse beber. No dia seguinte, bem pela manhã, vinha para trazer os bichos – sanguessugas – para proceder à sangria. Sem mais, saiu, deixando a família inquieta. Terminara mal o arraial de Santo Amaro.

Os festejos acabaram com uma chuva miudinha que começara a cair de modo persistente. Estava fria a noite. Em casa o pai lutava contra a mulher da foice roçadeira que sorrateiramente aparecera para o levar. Dois dias depois, não sucumbindo à doença tão rápida que o acometera e sem dizer mais palavra, Domingos foi a enterrar. Abria-se um novo

período de luta na vida do morgado, que agora tinha a seu cargo a mãe e quatro irmãos.

V. Os franceses

Porque choras tu, pombinha?

Levaram-te os filhos, foi?

- Também eu estou sozinha,

Que a guerra não se condói...

Depois da morte do pai, o filho herdeiro assumiu com brio as funções de chefe de família. Apesar de ser ainda adolescente a mãe respeitava-o e ele tornava-lhe em cuidados o amor que ela lhe dedicava. Também os irmãos o seguiam uma vez que apesar da sua corpulência já adulta reinava nele um espírito aberto, folgazão e sempre bem-disposto. Não admirava por isso que as moçoilas da terra gostassem de o encontrar, de lhe falar, de o olharem quando se cruzavam com ele, de o procurar até no seu caminho, se sabiam que andava próximo. A tudo José resistia.

Mantinha a ideia fixa na Conceição, que lhe continuava a dar o troco de uma paixão não declarada, não sabia até se não consentida uma vez que o pai dela, homem de posses, não gostava de partilhar a sua riqueza com mais ninguém. Acontece, porém, que ele também nada tinha feito para se declarar. Tinha a seu cargo os irmãos e a mãe, competia-lhe cuidar das territas que tinha na Ruivaqueira e no campo e de dar uma mãozinha aos vizinhos nas lides da terra sempre que dele necessitavam. Além disso sabia que até aos vinte anos, idade em que devia ser militar, não tinha possibilidades de sair para longe e por isso sentia-se bem

como guardião da mãe e dos irmãos. A morte do pai tinha sido um rude golpe para todos, tanto mais que tinha acontecido de forma inesperada.

Más notícias haviam chegado à Ortigosa. E de más novas andava o país cheio. Depois das lutas com os espanhóis, da fuga do Rei e da Rainha para o Brasil, tinha chegado a hora dos franceses virem invadir a sua terra. Como o “bem soa e o mal voa”, constava-se agora que o exército francês havia repetido a invasão de Portugal. Não desarmavam aqueles “cães”. Tal vinha a acontecer pela terceira vez, depois da Espanha se ter aliado ao exército do imperador Napoleão Bonaparte com o intuito de atingir o velho aliado de Portugal, a Inglaterra, e de vir a dividir com a Gália o território da Península. É certo que das outras vezes os maiores combates tinham tido lugar mais longe do litoral, mas agora os invasores vinham por outro caminho. Era o que as notícias e alguns mendigos, escorraçados à sua frente, faziam constar. Não sabiam se estes eram a favor ou contra o inimigo mas o certo era que, muitas vezes, acertavam em cheio no que ia acontecer. Uns eram adivinhos, outros talvez fossem seus aliados ou informadores.

Os jovens da terra, com maior porte, vinham a dedicar algum tempo suplementar em ensinamentos que um dos capatazes da família Pereira, vindo dos lados das nascentes do Lis, aprendera em lições que um galego seu vizinho lhe dera sobre as técnicas de defesa e de ataque. Chamavam-lhe o “Malha Costas” pela facilidade com que manejava as alfaias agrícolas, a sachola, a forquilha, o ancinho, o varapau. Este era um dos exercícios que dava prazer ao José, e segundo diziam saía-se muito bem nos treinos paramilitares que curtia no pátio onde outrora havia seguido os ensinamentos de Doutrina que lhe eram dados por um dos irmãos do senhor da casa. Sabia atacar, recuar, voltar à luta e sair, manusear o cajado em rebate, em redonda, em enviesada ou arrepiada, com tanta destreza e força, que os amigos o temiam. O treino permitia-lhe destacar-se pelos sarilhos e movimentos ágeis do corpo destinados

a impressionar os amigos e a lançar-se em “sarilhos reais” sempre que as circunstâncias o exigiam.

Os passos e os deslocamentos principais eram ensinados, sob o olhar atento do Sr. Costa cuja saúde ainda lhe permitia ilustrar certas posições de guarda, mas raramente as mais ousadas de parada e de pancada, as guardas rijas e as guardas em movimento ou varrimentas. Aí o José dava cartas valendo-se das palavras do mestre e do parente afastado da mãe que encontrara repouso na Ortigosa depois de muitos anos de vida nas galés na carreira das Índias e de luta contra o isolamento de um naufrágio, que só por intervenção divina lhe poupava a vida. Assim conseguira chegar à sua terra natal, desfeito das tormentas do mar; do saque dos homens; da fome e das lutas com o inimigo e da fé na Senhora dos Milagres, da Vieira e também na Senhora da Ajuda, da Passagem, cuja devoção o acompanhava desde que aos dezasseis anos começara a trabalhar no cais de madeiras da foz do rio de Leiria. A partir daí foi um pulo até ao Arsenal da Marinha onde trabalhou até se alistar numa viagem para o Oriente, que em diversas e adversas condições o levaram para destino desconhecido. Há quem diga que fora na carreira da Índia para o Brasil.

José, reconhecendo a necessidade destes exercícios ia treinando com a foice roçadeira intercalando esse manejo com as tarefas a que era chamado a cumprir na limpeza das silvas, da mata, dos bastios e da terra onde trabalhava. O exercício em si exigia força muscular, concentração e muita astúcia para poder derrubar o inimigo. À sua maneira foi aperfeiçoando as atitudes exigidas por essa arte marcial: as guardas e os ataques; os cortes e as fintas; os deslocamentos e as manipulações que lhe saíam à maneira sempre que se concentrava a estudar o manejo do adversário, a inverter os seus golpes, a anular a força das arremetidas em proveito próprio, a cansar o inimigo, a derrubá-lo – se assim fosse necessário - quando este menos o esperava.

As técnicas que lhe foram ensinadas e melhoradas na sua execução acabaram por lhe salvar a vida em muitas circunstâncias. Ao que consta foram até deixadas nas terras da Borda d'Água, que mais tarde passara a visitar sobretudo depois da fama o ter introduzido no círculo de servos de D. Miguel. Com os seus botões ia pensando que podia vir aí um salteador, um francês, ou mesmo um exército deles, mas só à falsa fé é que o apanhavam.

Apesar da pouca idade já tinha acompanhado um grupo de amigos que se haviam deslocado ao Pinhal do Rei, junto à Passagem, onde estavam acampados os soldados ingleses que tinham vindo da Figueira da Foz do Mondego para proteger a foz do rio Lis. E um belo dia lá foi, atravessando as motas do campo velho, como pôde. O rio estava com as margens alagadas e dizia-se até que iam ser reconstruídas, mas o dinheiro dos antigos Morgados de Leiria não havia chegado e depois de ter assumido a sua posse, a Coroa resolveu dar o seu contributo para as obras do campo dos Infantes como se dizia, ou terras do Infantado, para realizar trabalhos de reconstrução das valas e das pontes. Para isso mandara vir um francês que fizera as obras de consolidação da foz do rio Lis na parte final do seu percurso, o que tornou os campos mais secos, mais produtivos e saudáveis para a população residente.

Conhecedor dos trilhos que os conduziam de um e do outro lado do rio – pelas pescarias que fazia por essas bandas com o seu parente Eugénio, que trabalhava nas valas do Campo dos Infantes, ali para os lados de São Lourenço de Carvide - o mancebo foi com os companheiros receber instrução militar que os ingleses davam no terrado onde acamparam. Tratava-se de uma instrução simples, de obediência às ordens de comando e de manejo da arma com baioneta. Apesar da sua pouca idade pôde mostrar a sua destreza de tal forma que o Sargento só não o obrigou a ficar mais tempo por que este lhe garantiu que era o amparo da família e o comprovava com um documento do Padre Patrão.

O inglês, que não queria saber das “crendices” nem das rezas dos católicos, teve de aceitar a justificação pois só os quartéis tinham autoridade para reter os mancebos.

Conhecedor do manejo da baioneta e das armas de fogo, cada vez mais apurado no manejo do varapau – inicialmente de marmeleiro e que passara a acompanhá-lo desde o tempo em que pêlos da barba começaram a surgir-lhe no rosto – o seu uso era agora indispensável por via dos boatos de que andavam perto os franceses. Um dia o rapaz regressara com um grupo de amigos do Pinhal do Rei e ao entrar pelo lado do Casal das Várzeas deparou com a Conceição e o pai que seguiam para uma das suas propriedades. Esta, ao vê-lo, baixou os olhos mas não se conteve assim muito tempo. O pai havia parado o cavalo e quis saber por onde andava aquele grupo, àquela hora e o que fazia José no meio de rapazes mais velhos. Não devia estar em casa a ajudar a mãe?

Logo os amigos lhe disseram de onde vinham e lhe transmitiram os encómios que o jovem tinha recebido do Sargento. Entre todos era o melhor no manejo da baioneta e da vara. Esclarecido, o Sr. Luís olhou-o de forma diferente enquanto a filha, cúmplice do pai, ia escutando a narrativa com um sorriso nos lábios. E à despedida levantou a mão, timidamente, como forma de aceno e de chamamento: até logo. Ainda que de forma discreta, os amigos deram conta do sucedido e ao subirem o caminho de casa comentavam entre si os amores, já pressentidos, que tinham confirmado.

Ao chegarem ao adro da capela foram saber novidades. Havia notícias dos invasores? Andavam ali por perto? Tinham morto alguém? Receberam a notícia de que havia um pequeno grupo que tinha passado por Pombal, atravessado a Ribeira de Carnide e estavam parados perto da Bajouca. Daí talvez se encaminhassem para Monte Redondo ou então mais para o interior, aos baldios dos Milagres. Não se sabia se estavam a aguardar mais reforços ou não. Estas informações condiziam

com o que os ingleses lhe disseram: o corpo do exército francês deslocava-se muitas vezes em secções e em grupos mais pequenos e, por isso, eram menos facínoras para com a população. Talvez fosse esse o caso.

A estratégia estava definida. Em caso de perigo os homens saíam de suas casas e iam esconder-se na mata, ali nos lados do Paul ou mais a nascente, se fosse caso disso, nas Fráguas. Eram locais de difícil acesso e apesar dos lobos que lá andavam, permitiam um ataque cerrado quando da passagem do invasor. A partir daqui cada um seguiu o seu caminho, sempre atento às mensagens dos ingleses e a qualquer movimento mais suspeito que descobrisse em redor. Cuidados ainda a ter com o milho e o azeite, o dinheiro (se o tivessem) e a pouca resistência no caso de serem encontrados a sós. As balas dos franceses matavam a valer... E assim pensando encaminhou-se para casa. Aí, os irmãos correram para ele, inteirou-se da mãe, que tinha ida à horta, acarinhou o Farrusco, que não parava de abanar a cauda, e foi tratar das suas coisas depois de três noites fora do lar.

A notícia correu veloz. Havia na verdade um grupo de soldados franceses que tinham saído dos lados da Ilha a caminho de Monte Redondo onde tinham incendiado os moinhos de Santo Aleixo e a Capela, passado pelo campo da Carreira e estavam parados no Picoto. Por onde haviam passado restavam as queimadas de palha, de espigueiros e das escoras de madeira que sustentavam os tabuleiros carcomidos das pontes da vizinhança. Além disso os cereais que encontravam eram repartidos em sacos pelas mulas do regimento e os demais lançados ao caminho. Sabendo que alguns dos “desterrados” precisavam da sua ajuda, sem demora o rapaz meteu alguns haveres numa serapilheira que servia de saco, pegou na foice mais rija e na vara e despedindo-se da família, dirigiu-se para o adro da capela do Santo. Era entendido que uma dúzia de badaladas dava o sinal de alarme. Se

assim viesse a acontecer os homens mais novos deviam sair de imediato da terra, mantendo-se vigilantes ao que decorria em redor. Depressa o grupo que tinha estado no Pinhal do Rei e mais dois ou três moços dos Conqueiros, juntaram-se e rumaram agora para a Ortigosa de Cima. Decerto que não ficariam ali, mas não iam para muito longe da povoação para se manterem informados do que acontecia e, em caso de necessidade, atacarem.

Ainda não tinham chegado à bica que corria próximo da capela, quando apareceu um mensageiro com informações sobre o grupo de invasores. Depois de terem descansado no Picoto onde, por sinal, só tinham recuperado forças com os bens deixados pela população em fuga o grupo, aí de duas ou três dezenas de soldados, passara pelas Várzeas e estava ali bem próximo, no Paul, marchando em silêncio em direção à povoação. Sendo um pelotão tão pequeno, decerto que não ia haver problemas mas seguindo as instruções dos ingleses, era melhor andarem para o esconderijo mais próximo de onde podiam sair em defesa dos seus ou atacá-los se houvesse oportunidade. Decidiram entre si e assim o fizeram, deixando informações aos seus onde iam pernoitar. Bem perto, tinham já escondido alguns mantimentos, dinheiro e umas imagens que o Senhor Vigário tinha pedido para colocar a salvo do ímpeto dos ladrões. Sim porque os templos do Senhor, onde havia pratas, dinheiro das esmolas e imagens douradas, eram sempre alvo daqueles malvados.

A meio da tarde o pelotão de franceses passou perto da capela do Santo, abriram as caixas das esmolas – já vazias por iniciativa do sacristão, bem como os altares despidos de toalhas e do Sacrário – e depois de terem contemplado o Santo esculpido em pedra, acharam-no pouco esplendoroso em comparação com a imagem da Senhora que destruíram, sem contemplação. O mesmo aconteceu aos confessionários e às grades do altar, que resistiram à pederneira

incendiária do cabo do pelotão. Por alguma razão parecia que não estavam interessados na povoação. À frente deste grupo vinha um “sargentão”, barrigudo, de chapéu bem enterrado na cabeça que ia abanando ao ritmo do trote do cavalo. Atrás seguiam, em duas filas, pouco mais de três dezenas de soldados com os sabres e as mochilas às costas, em passo vagaroso e ordeiro. Eram acompanhados de três mulas que carregavam uns fardos envoltos em pano escurecido pelo tempo e amarelecido pelo pó.

O homem da frente ia olhando para uns papéis, assentes sobre o dorso do cavalo, e parecia mais interessado na paisagem do que nas pessoas que não haviam conseguido fugir e a medo os espreitavam escondidas nos casebres da palha e barro. Foi assim que passaram ao lado da Capela, uma construção ainda modesta, só com uma torre e um sino e ao chegarem ao Chão da Feira, o mais velho desmontou da besta em que seguia a abeirou-se da casa da família do Domingos. Os pequenos, que brincavam cá fora sem saberem do que se tratava, logo que o viram correram para dentro e esconderam-se debaixo das saias da mãe. Esta, inquieta, veio ver o que se passava. Ao colo trazia a Iria, miúda de pele branca, também com olhos azuis e cabelos encaracolados.

Com a aproximação dos forasteiros o Farrusco fez o que lhe competia, ladrando com bons pulmões, até que obedecendo à voz da dona deu meia volta e a resmungar chegou-se perto do mais barrigudo, cheirou-o, alçou a perna e ali mesmo satisfaz as suas necessidades. Este, ocupado em olhar para a criança ao colo, só deu por si ao sentir o líquido quente a escorrer sobre o peito da bota. Mas antes de ter tempo de a sacudir viu a mulher baixar-se e com um pano que cobria a criança e limpar-lhe o produto com que o cão tinha assinalado o seu território.

Foi um gesto que agradou ao bretão. Com uns papéis na mão, cheios de traços que só ele sabia decifrar, apontava para a mulher como que a

perguntar-lhe o lugar que procurava. Esta, aflita por não saber responder, franqueou-lhe a porta e deixou-o entrar juntamente com outro subordinado. Ao ver a aflição da mulher e compadecido, talvez, pelos garotos que estavam ali, entraram os dois e colocaram os papéis sobre a mesa, discutindo entre si. Depois fizeram sinal à mulher, apontaram para um rabisco que esta interpretou como sendo uma capela. A mulher, aflita, abanou com a cabeça. Depois, apontaram para uma linha azul que passava perto da capela, ao que ela, mais aflita, entendeu que fosse uma das valas ou mesmo o rio principal. De novo acenou que sim enquanto as crianças, que nunca tinham visto nada semelhante, aproximavam-se para ver os papéis que pousavam em cima da mesa. E, mais do que isso, olhavam para aquelas fardas garridas, que os tropas traziam vestidas. Um deles, mais atrevido, chegou-se mesmo à canhoeira que traziam mas foi repellido pelo olhar desconfiado do sargento.

Ao ver a curiosidade das crianças o francês tirou o chapéu e colocou-o em cima da mesa. Depois, sacou de uma espécie de relógio que trazia consigo e colocou-se em cima dos papéis. Foi rodando em função do ponteiro que estava dentro de um aro de metal. Passados uns instantes, voltou a chamar a mulher e mostrou-lhe o papel o qual, já aberto, tinha mais uns desenhos com várias igrejas, casas e umas letras por baixo. O homem soletrou:

- L-E-I-R-I-A.

Finalmente a mulher, sem palavras, abanou mais uma vez a cabeça e confirmou, apontando com a mão na direção do meio-dia. Aflita, bem queria mandar uma mensagem ao filho dando-lhe conta que estavam ali os franceses mas que ficava bem com os irmãos. Certamente que este já tinha conhecimento e devia estar igualmente ansioso com a situação em casa.

Para desviar as atenções dos presentes Felismina chamou os filhos e mandou-os para a cozinha. Então aí e de forma instintiva, pegou nuns tigêlões já usados e indo ao fundo da panela, ainda fumegante, tirou umas conchas de sopa de abóbora com batatas e carne que foi deixando em cima da mesa para que estes se servissem. Quando a panela ficou vazia voltou para a sala, pondo-a à frente dos militares. O homem mais velho, que estava já sentado num dos mochos de madeira a tomar notas, olhou para ela e não se fez rogado. Saboreou o caldo com tanta satisfação como se fosse um pitéu dos mais saborosos da sua Gália distante. O mesmo aconteceu com o acompanhante.

Vendo que a estratégia resultara, a mulher fez sinal indicando o canto da lareira onde fervia outra panela de sopa, como que a perguntar se queriam mais. Sem entender patavina do que diziam, ouviu estes trocarem palavras com os soldados que tinham ficado na rua, entretidos na procura das pinhas caídas dos pinheiros mansos e à procura dos pinhões dispersos pelo chão. Depois, cheirando o caldo que havia naquela casa, aproximaram-se e num instante sacaram a panela do lume e trazendo-a para cima da eira, saborearam a sopa preparada para a ceia da família. Ao mesmo tempo a mulher da casa abriu a arca do pão de onde tirou a fomalha que havia cozido dias antes e sem se fazer rogada pô-la em cima da mesa juntamente com uns nacos de carne que tinha a secar na chaminé e que serviam de conduto a toda a família.

Cumprida esta missão e sempre com o papel nas mãos, o grupo parecia que o petisco lhe tinha agradado, abandonou a casa e partiu na direção do campo da Ruivaqueira. Esta marcha deixou descansada a dona da casa e outras vizinhas, cuja primeira preocupação foi a de virem a casa da Felismina inteirarem-se do que tinha acontecido. E respiraram de alívio quando souberam que nada de mal lhes sucedera.

O que fora consumido seria recomposto pela vizinhança à medida que viesse a ser necessário.

Quando a noite caiu já os franceses tinham acampado na Ruivaqueira, num sítio de olival sobranceiro ao porto do Campo e a dois passos da casa habitada pela Ti Ana, uma parente da família do defunto Domingos, já velhinha e quase cega que vivia sozinha e quem os vizinhos tratavam como se fosse sua avó. Dizia-se que tinha poderes estranhos, que falava com os Anjos e fazia muitas rezas e defumadouros. Não podia ir à Igreja e por isso o Prior ia visitá-la muitas vezes, algumas das quais acompanhado de outros senhores, vestidos de preto e com ar inquisitório. Iam revistar uns papéis que ela lá tinha. Uma coisa era certa, em casos de mau-olhado, quebranto, erisipela, bucho caído e muitas outras maleitas, o povo recorria à velhota que apesar da grande cegueira entretinha-se a apanhar ervas, que conhecia só pelo cheiro, secando-as e distribuindo-as pelos vizinhos. Infalíveis eram as orações que dedicava a Sta. Bárbara (pelas trovoadas) e a São Cipriano (pelos espíritos). Quando da perda de algum objeto, o Responso a Santo António era certo; pelo mau-olhado, a reza contra o quebranto não falhava; a todos e sobretudo aos mais pequenos, ia transmitindo a oração mais antiga que conhecia:

“Com Deus me deito

Com Deus me levanto

Na graça de Deus

Divino Espírito Santo.”

Reza feita por esta mulher era sinal que o objeto perdido era recuperado. Alguns diziam até que as suas orações eram infalíveis em casos de desavenças, de perda de namorados e de maridos ou na cura das infidelidades que já então corriam nos meios pequenos. Era certo que os acusados tinham sempre o castigo à mercê...

A instalação dos soldados foi breve. Como o tempo estava seco, deitaram-se sob as oliveiras ajustando as folhas secas para a cabeceira. Só o graduado teve direito a uma tenda triangular onde se meteu depois de trocar algumas palavras com o seu ajudante. Sob efeito do caldo quente no bucho para quê acender a fogueira? Dois deles colocaram-se de sentinela, um voltado para o lado do campo e o outro para o lado do caminho que os havia conduzido até ali. Embrulhados nas mantas aí ficaram, não sabemos se a dormir ou acordados. Vigilantes, pareciam estar. Na manhã seguinte já toda a gente dos lugares próximos sabia da presença dos franceses. Mas como tinham sido pacíficos, ninguém ousou tocar o sino da capela. Mesmo assim foram enviados mensageiros para reunir forças, uma vez que sabiam bem que gente daquela não era bem-vinda e todos conheciam os seus feitos e crueldades. Pela madrugada veio um emissário da aldeia ter com os homens do grupo, dar-lhes conta das voltas que dera pelos lugares próximos a recrutar gente. No entanto, armados só com varapaus, como podiam fazer frente às armas dos franceses? Só podiam vencê-los se os apanhassem à socapa, distraídos ou então caindo-lhes em cima a matar.

No acampamento militar, a vida começara cedo. O pelotão dividiu-se em duas patrulhas: uma que saiu para o lado do campo e daí seguiu, rio abaixo, na direção da foz; a outra, foi reconhecer o lugar percorrendo-o demoradamente, para receio dos adultos e velhos presentes e encanto dos mais pequenos que nunca tinham visto uma gente assim vestida: chapéus altos, embora amarrotados e casacos azuis com vestígios de enfeites dourados; calças cinzentas, acastanhadas pelo barro e pó do caminho; espingardas a tiracolo. Marchavam ordeiramente sem nada dizer ou comentar. Acompanhava-os um silêncio preocupante e nem o latido dos cães os fazia mudar de atitude ou posição. Até parecia que vinham para conhecer o lugar e os seus moradores.

Ouvindo barulho em redor de sua casa a Ti Ana, sabendo que havia tropas em redor, veio com a bengala nas mãos ao encontro das pessoas que ali andavam. Acompanhava-a o Farrusco, um rafeiro tão velho como ela e que era a sua melhor companhia. Ao caminhar pelo olival ouviu vozes, vozes que a mandavam parar mas ela, não entendendo nem vendo o que se passava, continuou a avançar. O cão ladrava em seu redor mas ela, coitada, mandou-o calar e foi andando, devagar até que sentiu um forte esticão no braço e uma voz grossa a seu lado gritando-lhe algo que não percebia. Era uma sentinela que vendo a mulher caminhar na sua direção, a ameaçava com a baioneta julgando que esta o entendia e lhe ia obedecer. Mas como continuou a andar, este empurrou-a sem saber que se tratava de uma cega. Com a força do empurrão a mulher ficou estatelada no chão, sem se poder mexer e queixando-se do joelho e do pulso que haviam ficado amachucados e a sangrar.

Ao perceber o que acontecera a sentinela afastou-se sem lhe prestar qualquer auxílio e vendo a porta aberta lá de casa, foi ver se havia algo de valor. Vasculhou, vasculhou, mas nem pinga de azeite encontrara. Só uns livros velhos e muitas, muitas plantas e velas espalhadas pela casa. Não era coisa boa, de certeza, pensou ele, associando estes objetos a más práticas religiosas. Não era que andava, há vários dias, desde que a cigana da Ilha lhe rogara uma praga, com uma dor cega que lhe estoirava a cabeça? Se a velha era da mesma laia, tinha de se vingar. Enquanto isto a velhota tentava levantar-se, pedindo a Deus e aos soldados que ali andavam, que a ajudassem a ir para casa. Em vão o fez. Só mais tarde conseguiu recuperar as forças e com a ajuda do pau que trazia lá se foi arrastando, consciente que tinha ali um osso da perna partido ou deslocado. Na verdade as dores que sentia e o inchaço que lhe envolveu a parte superior da coxa faziam-lhe temer o pior. Quando encontrou a soleira da porta, respirou de alívio e arrastou-se para a

enxerga que ocupava o canto da única divisão da casa, ao mesmo tempo quarto, sala e cozinha.

Movidos tanto pela curiosidade como pela ajuda à velhinha os vizinhos, que nada sabiam do acontecido, deixaram que as crianças fossem a casa dela para verem de mais perto as tropas e os arreios dos soldados. Contudo, quando souberam que a mulher tinha sido assaltada e estava a esvair-se em sangue conferenciaram entre si e decidiram quem poderia vir em maior segurança e sem levantar suspeitas, tratar da velhinha. A escolha recaía na Felismina, por ser a parente mais próxima e por saber lidar com aqueles homens.

VI. O massacre da Ti Ana

A morte nada respeita

Tudo à campa vai parar.

O rico, vai pró jazigo

O pobre, fica a penar.

Correu célere a notícia do que a velhota se encontrava em casa, ferida. Com a saia levantada até à rótula, a perna a sangrar e o joelho descarnado, a Ti Ana recuperou os sentidos e agora atingida pelo susto, pela queda e intimidada com a presença de tal companhia, não conseguia dizer coisa com coisa. As palavras sumiam-se por entre os dentes e os ais sucediam-se em catadupa. Foi assim que a mulher do casal e a Rita mais velha, sua vizinha, a encontraram. Quando a viu, não sabia o que pensar. Às perguntas que esta lhe fazia a mulher, agonizante, só respondia:

- “Foram os franceses, esses cães que estão lá fora”.
- “Deus me leve para junto de si”.

- “Avé Maria (...)”.

Nada mais. Perante este cenário, a Emília Rita pensou até o pior. Talvez a tivessem agarrado para a violar, quem sabe? E sempre que alguém conta um conto, “acrescenta-lhe um ponto”, foi com esta notícia que voltou para o lugar, prontificando-se a ir buscar uns unguentos para a tratar. Sem saber no que se ia meter nem tão pouco a lista de atrocidades cometidas por outros corpos militares mais longe dali, na Diocese de Coimbra e em Pombal, a Emília lá foi protegida pelas preces que dirigiu à santa de seu nome, como lhe havia anunciado o Frade descalço que todos os anos corria a sua missão.

Entretanto a população do lugar estava revoltada com a descrição do estado da velhota. Não podia ser. Os malandros dos franceses tinham violado a mulher e isso não podia ficar impune. Foi esta a mensagem que fizeram passar aos homens que continuavam acoitados em local onde não podiam ser vistos, mas bem perto da povoação para a socorrerem em caso de necessidade. Aqui, crescia o sentimento de raiva e o mulherio estava já preparado para fazer justiça popular não fora outra triste notícia que corria veloz: havia mais um grupo de homens, com mulas e peça de fogo, que tinha sido vista para os lados de São Miguel. Isto significava que depois destes, outros deviam seguir-se, se não fosse já todo o corpo expedicionário. Era o fim daquela gente. Depressa mandaram esta notícia pelo mesmo mensageiro, o Jacinto, doze anitos, franzino, mas um corredor veloz e muito hábil ao jogo do peão. Pediram-lhe ainda que os homens se preparassem para dar uma coça àqueles intrusos antes dos outros chegarem.

Com a sede de vingança o Jacinto lá foi, tão discreto que ao encontrar a patrulha de soldados que regressava para o acampamento até lhes deu os pássaros que havia morto à fígada. Sempre era um gesto de confiança, que não ia levantar suspeitas e que justificava a distância a que se encontrava do lugar. O rapaz era esperto e logo que perdeu os

franceses de vista, “pernas para que te quero”, foi a correr até ao covil onde estavam escondidos os companheiros. No local, o grupo de homens armados com foices, sacholas e varapaus recebeu a notícia com preocupação. Nada de bom estava para acontecer e assim urgia mandar juntar mais homens. Por isso lá foi um deles a caminho da Moita da Roda para reunir novos reforços, enquanto o emissário regressava por outro caminho, para passar a mensagem aos dos Conqueiros.

Entre o grupo de homens começaram-se a fazer os preparativos. Ia um grupo pequeno à frente, dava uma boa sova aos franceses e os outros só atacariam em caso de necessidade. E se assim pensaram, melhor fizeram. Com mil cuidados puseram-se a caminho da Ruivaqueira por um caminho à borda do campo. Havia aí vimes e marmeleiros com fartura, alguns salgueiros e certamente que não iam ter maus encontros até porque sabiam que os soldados regressavam da direção do Pinhal do Rei. Foi ao cair da noite que iniciaram a viagem e quando subiram a encosta do campo toparam os militares.

O grupo de franceses estava agora reunido, em maior número, próximo da casa da Ti Ana. Tinham acendido uma fogueira e parecia que estavam a cozinhar qualquer coisa. Entre eles um grupo, em pé, discutia em voz alta e não se cansava de olhar para os lados do mar e para o outro lado do campo, parecia que a caminho da terra da Rainha Santa Isabel. No meio deles estava o gorducho que havia interpelado a Felismina, com o papel e o que parecia ser um relógio, em cima. De vez em quando anotava qualquer coisa e frequentemente esticava o braço e voltava a apontar para baixo. Graças a Deus que não era na sua direção, mas sim das mulas que diante de uns fardos de palha, roubados na povoação, descansavam debaixo de umas oliveiras. Depois de muita conversa a fogueira abrandou e os vultos começaram a enrolar-se nas mantas que traziam. Gradualmente dois dos homens que estavam no

grupo começaram a ronda em volta do acampamento. Eram as sentinelas.

Estudados os movimentos do inimigo, a troupe conferenciou sobre a forma de atacar. O melhor seria contornar o acampamento e seguir para junto das mulas ou seja, em sentido oposto ao que se encontravam. Daí os acessos ao campo eram mais fáceis e logo que tivessem o trabalho pronto desciam a encosta e dirigiam-se para um novo esconderijo. Sob a calada da noite lá se dirigiram para o lugar escolhido passando a palavra para o grupo que vinha atrás. Conhecendo os cantos da terra foi-lhes fácil movimentarem-se, contornarem sem ruído a casa da Ti Ana e a casa do Rita e colocarem-se em jeito de ataque. Às vezes o Farrusco lá dava sinal de vida mas os franceses não ligavam pois a seguir respondia lá longe um, outro e depois outro cão. Era um diálogo canino a três ou mais latidos. Não se sabia quantos eram... De súbito, há um soldado que regista movimentos em redor, dispara a arma sobre o grupo revolucionário e, por pouco, não atinge um deles. Descobertos pelo inimigo só havia que retroceder ao esconderijo.

Na manhã seguinte o acampamento dos soldados acolheu um novo grupo, tão numeroso como o primeiro. Chegaram pela manhã com o mesmo dispositivo e formação. Traziam consigo uma peça de fogo atrelada a duas mulas que deixaram presas junto ao milho, voltadas para o campo. Parecia que esperavam o invasor do lado Nascente. Depois de muito conferenciarem, formaram-se vários grupos que começaram a patrulhar a aldeia. Deixando para trás a casa da Ti Ana e da Rita, por serem casas pobres e a cair, entraram na maior parte das outras e aí cobraram a sua maquia: azeite, presuntos e moedas de ouro e de prata. Não lhes interessou mais nada. Só as imagens dos Santos, colocadas sobre a cómoda é que foram calcadas pelos pés dos invasores. Também coube a vez à casa da Felismina, mas um dos soldados lembrando-se do caldo de abóbora que o havia confortado na

antevéspera, mandou seguir os homens em frente. Não houve mortes e apenas uns feridos pelas coronhadas desferidas à porta dos que apresentavam maior resistência. Decerto que este gaulês, talvez cansado das viagens e da guerra em que participava, da simplicidade do povo e das atrocidades já cometidas até ali, resolvera abrandar a ira e apoderar-se, apenas, do que materialmente fosse mais útil para si e para os soldados.

À noite foi vê-los sentados em redor da fogueira a partilhar os despojos do dia. Não contentes e depois de muito conferenciarem sobre o sucedido na noite anterior, há um grupo que se dirige a casa da velhota. Vasculham mais uma vez a casa e para além dos papéis e plantas ressequidas só encontram as arcas despejadas e um velho pote de azeite, completamente ressequido e vazio. Não contentes com a pobreza franciscana que encontraram, pegam no crucifixo que tinha sobre a mesa, atiram-no ao chão e decidem trazer consigo o único troféu que lhes restava: a mulher que é arrastada pelos cabelos para junto do graduado que viera em último lugar. Esta, alquebrada pelas dores e aos gritos, só pede a Deus para a deixarem em paz.

Satisfazendo, talvez, um dos seus planos, tapam-lhe a boca e a custo penduram-na pelas tranças, numa oliveira. Depois, vêm as perguntas, e mais perguntas sobre a povoação, os ingleses e, pasme-se, sobre as igrejas que havia nas redondezas. A mulher não entendia a língua deles nem sabia responder e contorcia-se com dores e gritos, agravados ainda pelo sofrimento atroz da posição em que estava. Apesar da fragilidade física tenta manter-se em pé aliviando a pressão do peso sobre os cabelos presos a um dos ramos. Compreende que o seu fim está próximo e em pensamento vai rezando as suas últimas orações e pedindo a Deus que a tire daquele sofrimento. Eis senão quando acontece um incidente que precipita o passo seguinte.

Sentados diante dela os soldados riem-se do seu sofrimento. Há quem alvitre que lhe furem os olhos, que lhe arranquem a língua, mas a noite dos horrores parecia mais amena. Dois militares, os vigias, estão armados quando uma carrasca da fogueira acesa salta para dentro da bota que ele repela com um gesto de vigor. Em simultâneo e porque tinha o sabre em pé, coloca-o encostado ao primeiro vulto que vê a seu lado: o corpo da Ti Ana. Descalça a bota e nesse entretanto, perante a risada dos companheiros, o corpo descai e enfia-se na baioneta do soldado. Estes são despertos por um grito abafado, por um jorro de sangue e por um corpo que se contorce perante a violência de um golpe que lhe rouba a vida. Em vez de lhe retirarem de imediato a faca e de a tratarem como ser humano, o grupo excitado com os vapores do vinho proveniente do saque do dia e inebriado pelo sangue da vítima, procura segurá-la encostando o outro sabre nas suas costas. Aquecidos pela fogueira e calor da bebida, assistem ao agonizar da velhota com o corpo descaído e espetado entre as duas lanças. O espetáculo é interrompido algum tempo depois quando a presença de um graduado impõe o silêncio e após conferência com os membros do grupo, este desfaz-se. Contudo o crime estava consumado e o cadáver permaneceu, ainda quente, pendurado no ramo da oliveira.

Que morte traiçoeira. Uma vítima indefesa tinha tombado em nome dos habitantes do lugar. Que atrocidades e que dores não teria sofrido aquela velhinha? E como ia ser a seguir? Não sabiam, mas tinham a certeza que apesar de serem poucos não iam ficar parados e corriam atrás deles, logo que soubessem do seu paradeiro. Só que, desta vez, teriam de pagar o sangue com o sangue, custasse o que custasse. Revoltados com tal morte e quando achou oportuno, o grupo que havia escolhido a mesma posição da noite anterior, atacou. Aproveitando uma ronda dos soldados junto das mulas saltam-lhes em cima, tapando a boca e enfiando serapilheiras em torno da cabeça e da face. Por fim,

tratam-lhes da saúde deixando cada um deles atado à sua oliveira, descalços, sem armas nem cinturão. Antes da fuga soltam as mulas e conduzem-nas de mansinho pelo caminho do campo. Era a vingança possível: despidos, sem armas, feridos e com as mulas soltas, tinham a sua paga. Depois puseram-se a caminho mas ficaram dois por perto, alapardados, para ver o que acontecia.

Só de madrugada é que um dos soldados se levantou, certamente para ir substituir um dos colegas. A claridade da manhã já despontava e o galo da Rita deu o sinal de levantar. Ao chamamento daquele os companheiros soltaram de dentro das mantas e correram para junto dos colegas que permaneciam atados às oliveiras, meio atordoados e com ferimentos causados pelos atacantes. Bem procuraram as mulas, mas não as encontrando, distribuíram-se em grupos e foram ao seu encalço. Um deles seguiu o rasto e desceu ao campo. Não podiam estar longe, pensavam eles. Mal sabiam, no entanto, que o José e outro amigo seu, pensando bem, não se quiseram desfazer do tesouro que haviam adquirido aos franceses e como não o podiam mandar de volta, resolveram levar as bestas consigo. Contentes com as suas presas e mesmo sem arreios lá foram a caminho do seu esconderijo, acima das matas do Paul. As mulas seguiram para outro lugar mais distante.

Completada a procura nas redondezas, os soldados entraram nas casas do lugar e agora, uma a uma, viraram os pátios e os currais. Os vizinhos, que nada sabiam, acordaram estrebuchando perante a invasão da propriedade alheia, mas à semelhança do que já sucedera, a quem podiam recorrer senão aos Ingleses? Como estes estavam longe só havia uma solução: ter calma e depois resistir até poder. Foi o que fizeram durante o dia. As patrulhas de soldados passaram várias vezes pelos mesmos lugares mas via-se no rosto o ódio que carregavam cada vez que encontravam algum habitante. Não deviam cantar vitória pois cedo chegariam mais reforços e depois se veria quem se ria em último

lugar. Mas sinal de mulas, nada... Que belo sumiço lhes havia sido dado. Sem mais incidentes, nem mesmo sobre a capela do Santo cuja imagem se parecia com a de um bispo gaulês, na manhã seguinte o grupo põe-se em movimento partindo para Monte Real seguindo um esteiro mais largo para a peça de fogo não se atolar. Ao que parece depois dos estragos e das mortes causadas na terra da Rainha Santa, partiram para a sede do concelho onde continuaram a destruição e os massacres.

Apercebendo-se do barulho das bestas e dos homens, os vizinhos vieram cedo a casa da Ti Ana, para a socorrer. Chamaram uma, duas vezes até que repararam na chegada do Vaidoso, com o rabo entre as pernas, tristonho, que vinha do outro lado do casal. Foi então que o vizinho, olhando com mais atenção vislumbrou um vulto, ao longe. Foi ao seu encontro e não quis acreditar no que via. A primeira vítima jazia meio pendurada numa oliveira, banhada em sangue no ventre e nas costas. Amordaçada pelos soldados antes de partirem ainda lhe tinham deixado, como que a simular as baionetas, uma cana de cada lado a gozarem com a desgraça da vítima. Não podendo esconder a sua raiva, mas não aguentando o cenário, a mulher do casal Rita desfaleceu ali mesmo e deixou ao seu companheiro de toda a vida o encargo de a tratar e de dar a triste notícia aos vizinhos.

Quando o corpo da Ti Ana desceu à terra envolto no lençol que a mãe lhe deixara, um sentimento de consternação e de dor profunda envolvia os habitantes do lugar e sobretudo as muitas mulheres que a quiseram acompanhar à sua última morada. A encomendação do Vigário do Souto não pôde ser feita na capela do Santo porque as portas se encontravam fechadas com medo de mais assaltos dos invasores. Com marcas profundas dos últimos acontecimentos os habitantes acolheram com dor o corpo no adro da igreja. Ali jazia uma mulher sacrificada pela vida e martirizada pelos invasores, que colhia os favores do Céu. Uma mulher pobre mas sempre pronta a servir, à medida dos seus talentos,

todos os que ali estavam. Quem, de entre eles, nunca recorrera à sua arte e ensinamentos? Quantas pessoas podia aquela mulher ainda vir a curar se não fosse a brutalidade do agressor? Como iam agora sobreviver as crianças com o bucho virado durante as suas brincadeiras? E os outros, os que sofriam de mau-olhado, de erisipelas ou se queixavam de cobrão? Estas foram algumas das questões que se afogaram nos soluços da última reza e no toque das Trindades que ecoou no silêncio de uma noite lúgubre e funesta.

Não havendo outras notícias dos invasores, apenas que já haviam chegado a Monte Real, o grupo de defesa decide voltar para casa, cuidar dos enfermos e dos filhos já que a defunta tinham ido a sepultar. Acompanhados, já então, pelas três mulas, que decidiram pôr à venda na feira para custear os roubos às pessoas mais necessitadas, puseram-se a caminho de casa. E ao nosso rapaz coube a responsabilidade e o prémio de cuidar de uma delas. Era o reconhecimento do grupo ao jovem que nesta primeira aventura tinha mostrado toda a sua valentia, a sua destreza, conhecimento e bom coração. Tínhamos herói!

No contexto da invasão francesa, bem perto dali, no palco da Portela, haveria de ter lugar uma das maiores mortandades da cidade de Leiria. Um grupo de populares revoltados contra a presença dos agressores decide enfrentar a coluna armada que vinha do sul, sem mestre e apenas com as armas de que dispunham: as sacholas, os paus, as foices e os foicinhos. Irados com esse acolhimento sucederam-se balas certas e baionetas afiadas do exército agressor, que fizeram cair para cima de uma centena, entre homens e mulher do povo. Agora, além da morte, a cidade estava de novo a saque: incêndios, roubos e destruições que as tropas invasoras deixavam por todo o lado obrigando a fuga de muita gente, entre eles, a do bispo da Sé que veio refugiar-se em casa de uma família na Ortigosa.

Reconhecida pelas benesses do Santo, a população podia agora receber as bênçãos do prelado que durante os dias em que esteve exilado mandou franquear as portas da Igreja e dirigiu as preces em honra dos mortos e pelo fim próximo da guerra que devastava a nação. Não esquecera, igualmente, as preces pelo Rei que há mais de dois anos tinha sido obrigado a sulcar as águas do Atlântico e a refugiar-se no Brasil. Iam seguir-se dias difíceis, assim pensou o prelado, entre a reza do seu Breviário, as missas, as visitas aos doentes e as consultas dos fregueses do lugar e das redondezas, que não paravam de vir beijar a mão ao Prelado da Diocese. Apesar do furor do exército inimigo a devastação causada pela coluna de Pombal não tinha sido tão severa como a de outros pontos de país. A topografia do terreno, embora plana, era bastante arenosa; no litoral abundavam as zonas pantanosas e as lagoas junto ao mar; a vegetação abundante e a ausência de estradas tornava a circulação mais difícil; os casais dispersos não asseguravam a alimentação simultânea de vários pelotões militares.

Estar próximo do Senhor Bispo era como estar próximo de Deus, diziam os devotos do Santo, por isso tinham de aproveitar os seus ensinamentos, partilhar com ele as suas rezas e receber a sua bênção. Além disso, apesar da sua posição na hierarquia da Igreja, parecia um homem simples e com quem dava gosto conversar. E gradualmente o homem de Deus lá explicava aos seus fregueses a sorte que atingira outros paroquianos, vencidos pela morte ou foragidos de suas casas, que mereciam o carinho e a oração de todos. E era por isso que ele por ali andava, a animar as ovelhas do seu rebanho tresmalhado, não por desobediência ao Senhor, mas sim pela força das baionetas e dos canhões; do saque e da violência física; da ira religiosa que fazia incendiar os templos da Fé e consumir de forma tão violenta os bens daquela gente duramente atingida pelo trabalho e doença, pela luta pela vida e constrangimentos que lhe pendiam sobre a cabeça.

VII. As sortes

*A palavra “despedida”
Muito de “sofrer” contém.
Quem parte vai a chorar
Quem fica chora “também”.*

Ao completar os vinte anos de idade, José - que nessa altura já se distinguia dos demais pela sua corpulência e postura -, conjuntamente com outros amigos que com ele haviam partilhado os acontecimentos ligados às invasões francesas que conduziram à perda, ao medo e à desmoralização de tantos, foi apresentar-se no quartel do Castelo, para o serviço de armas. Foi uma decisão simples de tomar na medida em que o Padre já tinha enviado, como lhe competia, o rol dos rapazes a incorporar. A sua destreza no manejo de armas brancas e do varapau era já reconhecido por algumas famílias que a ele recorriam quando havia alguma missão mais difícil. Uma delas, de origem fidalga, residente na cidade do Lis, sempre que se deslocava às terras de que era proprietária não dispensava a sua companhia. Por serem ordeiros os habitantes do campo eram vítimas de roubos frequentes aos celeiros e às suas propriedades uma vez que as colheitas locais, recolhidas em solos mais férteis do que as dos lugares da gândara, atraíam muito a “mão alheia”. Esses trabalhos davam-lhe a possibilidade de se ir tornando conhecido e de ir fazendo face às despesas da família. Por altura dos Santos até recebia muitas maquinas dos agricultores que tinham as suas propriedades arrendadas e que recorriam à viúva do Domingos para continuar a receber as prestações em dívida.

Como a fome apertava devido à fuga da população jovem e aos maus anos agrícolas decorrentes das cheias e da crise social que continuava a persistir depois das destruições causadas pelos franceses, o rapaz ia assegurando o sustento dos seus com o trabalho nas glebas domésticas e em tarefas de outros senhores da terra. Ao mesmo tempo cuidava dos irmãos e da mãe, dos familiares e dos que no Casal, na Lagoa, na Ameixoeira e nas redondezas, a ele acorriam. Mas para isso era preciso acertar com o dia e a hora. Já então, apesar da sua juventude o seu jeito, por vezes agressivo, tinha de ser contornado com boas palavras. É que apesar do seu ar calmo o rapaz, quando se irritava, tinha um temperamento tempestuoso e por isso era preciso saber tratá-lo com falas mansas.

Chegado o dia aprazado para se apresentar no quartel do Castelo a mãe, que lhe havia preparado um pequeno farnel da véspera com broa quente, um naco de carne guisada e uma cabaça de vinho de São Miguel, meteu tudo numa talega de pano-cru e o filho dirigiu-se à capela do Santo. Era hábito os jovens mancebos, antes de irem cumprir as sortes, rezarem na capela com as suas famílias e as pessoas do lugar que pudessem estar presentes. Esta era uma forma de os encomendar ao Senhor e de os responsabilizar pela festa que tinham de preparar após o regresso do cumprimento das tarefas militares.

Depois de um período de instrução rudimentar na guarnição, os soldados regressavam a suas casas e só compareciam novamente quando eram convocados. Era assim no quartel do Castelo uma vez que todos sabiam que o serviço militar era uma perda de tempo e uma fonte de vícios para a rapaziada. O período em que ficavam de costa ao alto, sem trabalhar, não lhes fazia bem e quando regressavam a família já sabia que a maior parte deles o que queria era safar-se do trabalho do campo. Além disso às vezes até vinham doentes e sarnosos, alguns até tísicos, pois apesar da boa vida faltava-lhes o unto e a sopa rica que a

custo a família ia preparando com as colheitas domésticas. Seguindo os procedimentos do Conde de Lippe tal acontecera ao José depois das invasões dos franceses, mas a desmoralização dominante no aquartelamento, as preocupações com os feridos que restavam da guerra, a desorganização do material e das instalações, aliadas ao conhecimento que alguns militares tinham da força do soldado, facilitaram-lhe a vida.

À hora aprazada o Padre Patrão, que havia pernoitado no lugar, abriu as portas da capela e ordenou ao Zacarias, o sacristão, que acendesse as velas e tocasse as três badaladas para a missa. Apesar da idade e das dificuldades em se mexer o pároco do Souto cumpria ainda as suas obrigações com o desvelo habitual. Tinha para com a população da sua Paróquia um carinho, sem excesso, mas que agradava aos seus fregueses. Na localidade tinha lugar, em meados de Janeiro, uma das maiores romarias das redondezas – a festa de Santo Amaro – que lhe rendia uma boa maquia. Além disso apesar da maior parte da população ser muito modesta, havia algumas famílias que não podia desprezar. Uma delas, os Pereiras, familiares de um Padre da Sé que havia morrido no regresso do Brasil, pagava-lhe uma boa cômgrua e ajudava-o muito nas despesas da Igreja do Santíssimo Salvador e da capela do Santo. E como tinham propriedades noutros lugares da paróquia, o seu contributo era sempre bem-vindo para as obras das capelas e para os pobres aí residentes.

Quando os rapazes entraram na Igreja José ficou surpreendido quando reparou que os lugares da frente, do lado da Epístola, estavam quase completos. Não era que as duas meninas do Casal das Várzeas, com a mãe e uma das criadas, estavam ali para assistir à Missa? Nem queria creditar que fosse por sua causa, tanto mais que apesar das suas tentativas, o pai Luís não lhe dava oportunidade de saudar e muito menos de falar com a filha mais nova que tanto adorava. Confuso,

pensando umas vezes que sim, outras que não, lá se foi sentar com os colegas do lado contrário, onde era lido o Evangelho. Antes porém de se benzer estava já a apanhar com uma cotovelada, seguida de uma piscadela de olho de um dos seus companheiros a quem não tinha passado despercebida aquela presença. Mesmo que quisesse o rapaz não podia voltar a cabeça para o outro lado da Igreja. Além de dar nas vistas não teria sucesso uma vez que a menina estava sentada em penúltimo lugar, ao lado da criada, e os corpos da mãe e da irmã interferiam com o seu campo visual. Mesmo assim quando da homilia virou-se de esguelha para o padre para poder alargar o seu raio visual. E não é que foi bem-sucedido?

Por duas vezes, então e quando regressava das grades com o corpo do Senhor, conseguiu trocar um olhar com a rapariga. A terceira vez foi no final da missa quando o Padre, a pedido dos mancebos, voltou-se para os fiéis e agradeceu aquela missa, recordando aos fregueses o significado do texto de um dos Salmos que havia lido: “O Senhor é quem te guarda, o Senhor está a teu lado, Ele é o teu abrigo...”, completando de seguida:

- “Ide meus filhos, que Deus vos abençoe”.

Foram as palavras de despedida do Cura que ao entrar na Sacristia mandou apagar as velas do altar deixando a Igreja às escuras. Em época de fome não se podia queimar muito azeite. Cumpridos os deveres religiosos os rapazes despediram-se dos familiares e amigos mais próximos e depois de uma espreitadela sobre a pequena carroça onde ia a Conceição e a família, os rapazes detiveram-se em frente da campa do soldado que matou vários inimigos com o seu cavalo e que, por isso, numa atitude de arrependimento, pedira para ser sepultado em frente da Igreja para que todos os fiéis o pudessem pisar, e oraram. Pediram a Deus que não viessem a ter o destino daqueles inimigos..., mas sim a sorte do soldado que conseguira aviar uns tantos e ficar por cá, para

contar como tinha sido. Depois, puseram-se a caminho rumando para Leiria. Era um trilho bem conhecido de alguns deles, pelo menos em parte, dada a sua participação frequente em algumas romarias das paróquias vizinhas.

Naquele dia, a festa era outra... Por isso lá seguiram sem grande alarido só parando quando chegaram à Ponte da Pedra para comer uma bucha e tomar um copo. Dali para a frente, franqueado o rio Lis, foi uma carreira até ao quartel do Castelo. Antes de começarem a subida da encosta, rumo à guarnição, aproveitaram para limpar os pés da lama do campo e pôr os tamancos que levavam às costas. Daí para a frente por causa dos acessos, cheios de piteiras, o percurso foi em fila. Assim chegaram à porta de armas.

A concentração no largo de terra batida, fronteiro ao aquartelamento, foi rápida e silenciosa. Todos sabiam ao que vinham e quando chegaram ao portão já o guarda que estava de serviço havia mandado dois berros para dentro anunciando a chegada de novos reforços. Já dentro do recinto são acolhidos por dois soldados, um dos quais já de idade, com bigode retorcido e patilhas que cobriam os maxilares quase a tocar os beiços. Parecia um dos franceses.... Este olhou para o contingente e arregalando os olhos de curiosidade passou em revista os mancebos. Observava cuidadosamente cada um dos rapazes, passava-lhes com a mão em frente aos olhos como que desejando apreciar os seus reflexos, abria-lhes a boca (como se fazia aos cavalos...) - não para contar os dentes mas para ver o estado da cavidade bucal - e, não raro, mandava-lhes um soco na barriga ao que eles correspondiam com uma inclinação forçada do pescoço para a frente, a provocar uma forte cabeçada. Os que o presenciavam riam com a cena, mas quando chegava a sua vez, caíam como os demais. Chegado em frente ao José olhou-o de cima a baixo e disse-lhe:

- “Pareces um ‘alamão””.

Fitou-o nos olhos, retorceu o bigode e seguiu em frente.

Ao chegar ao fim da revista entraram num dos edifícios em alvenaria e dirigiram-se a um divisão onde havia uma mesa e alguns papéis. O graduado sentou-se e pegando na pena começou a confirmar os dados pessoais de cada um deles, a recolher a sua assinatura, se a soubessem fazer, ou as impressões digitais do indicador direito. A todos fazia uma pergunta sacramental: “Onde estavas quando andaram para aí os franceses?” Lá foram respondendo e quando chegou a vez do “alamão”, encostou-se na cadeira, ouviu o relato deste e no fim disse-lhe:

- “Ah, és tu o tal do Souto?”

O José corrigiu, acrescentando:

- “Da Ruivaqueira, Senhor”.

O militar mandou à ordenança que os acompanhasse a outra dependência onde se amontoavam umas peças de fardamento (ao que diziam, umas deixadas pelos ingleses e outras recuperadas aos invasores) e ordenou que cada um deles arranjasse um par de botas, umas calças, um blusão e um barrete. Virando-se para o José logo lhe disse:

- “Não temos roupa toda para este grandalhão. Arranja a que puderes... Logo decido o que te vou fazer”.

Enquanto dizia isto encaminhou-se para dentro e mandou-os para outra divisão, de madeira, onde estavam as enxergas. Tratava-se da camarata onde iam dormir. Quando chegaram deram com mais rapazes da sua idade e apesar de estar a escurecer, reconheceram vozes e rostos de companheiros. Afinal já tinham chegado os camaradas do Souto, de Monte Real, de Monte Redondo e dos Milagres. A maior parte deles eram seus conhecidos.

Trocadas as saudações habituais e escolhida a enxerga, foram convocados através do toque da corneta, para a ceia. Uma malga de sopa e uns peixes fritos esperavam-nos em cima da mesa, onde estavam

colocadas umas picheiras de tinto e uns nacos de pão casqueiro meio ressequido. Depois de uma jornada a pé aquele caldo era bastante reconfortante. Já sentados, o graduado que os havia acolhido subiu para cima de uma cadeira e deu as boas vindas a todos aqueles que tinham vindo fazer a instrução de armas. Aproveitou para ler algumas regras a seguir, e explicar como ia ser a vida no aquartelamento. Como tinham falta de meios, a instrução devia ser reduzida a algumas semanas e depois cada um ia para sua casa e aguardar, em caso de necessidade, outro chamamento. Ao descer chamou o José e levou-o lá dentro a uma outra divisão, esta bem iluminada, onde estava o Comandante, um homem já de idade, com o rosto cheio de cicatrizes e umas lunetas na face.

Atrapalhado, o mancebo não sabia o que fazer, mas muito hirto respondeu às perguntas que este lhe fez sobre a sua participação nas lutas contra os franceses. É que, além do cerco da Ruivaqueira, José havia estado noutras emboscadas - o que só alguns amigos mais chegados tinham conhecimento -, juntamente com os expedicionários da Universidade de Coimbra. Além desta participação, já conhecida no quartel, tinha sido recomendado por um dos fidalgos de Leiria, pedido que o comandante queria respeitar.

Não foi demorada a conversa e quando o novo soldado entrou na sala para acabar de comer, logo um dos seus companheiros de aquartelamento exclamou:

- “Lá vem o grandalhão”.

Esta a alcunha que o ia acompanhar enquanto esteve no aquartelamento. Privilegiado por não ter roupa à sua medida, mesmo assim foi escolhido para mostrar a sua agilidade na luta corpo a corpo, no manejo do sabre, na defesa com a baioneta e no jogo do pau. Aqui o difícil era conter o nosso homem que por várias vezes arrojou o militar-instrutor ao chão, para deleite dos seus camaradas e furor dos outros

graduados. Até que um dia um golpe mais certo (ou talvez propositado...) com o lodão, atirou com tal força o cabo instrutor ao chão que este ficou com um galo na cabeça. Entretanto, até chegar a hora da partida, os mancebos iam aprendendo as primeiras letras na Escola Regimental do Quartel, ocupação que no caso do nosso mancebo servia para aprofundar os conhecimentos que já possuía e para ler alguns documentos que estavam na estante à disposição dos soldados. Agradava-lhe, sobremaneira, ler o “Regulamento de Infantaria e Cavalaria” que o Conde Lippe estabelecera como manual de boas práticas do exército português quando fora chamado a organizá-lo, nos finais do século anterior.

Nessas consultas José não entendia muitas coisas, mas havia lá um princípio que o havia de animar pela vida fora: o da organização hierárquica do exército, com o comando devidamente estabelecido, a disciplina e a comunicação entre os soldados e os seus chefes. Entre outros documentos havia ainda umas pastas com cartas e mais cartas, que ele ia vendo e tentando descobrir onde era a cerca do castelo, o leito do rio Lis, a fonte santa de Monte Real, o Casal das Várzeas, os Moinhos de Carvide, a foz da Vieira. Quem as tinha elaborado sabia da poda... Aqueles desenhos representavam mesmo os lugares, a vegetação, as culturas e até tinham desenhos dos peixes e dos barcos da terra. Dizia-se que tinham sido deixados pelos franceses.

Tratando-se de um grupo jovem e bem-humorado não foi difícil a sua instrução militar, melhorando a destreza e as manobras ensinadas pelos graduados. Contudo depois do incidente com o cabo da caserna, o tal que ficou com comichão durante dias... José passou a ser olhado de forma diferente: não era indisciplinado e, por isso, não o podiam castigar. Mas era melhor mandá-lo para casa ou para outro quartel. Temido por todos, quando chegaram ao fim as seis semanas de permanência ininterrupta no aquartelamento, os mais fracos foram

mandados para casa. Ele e outros camaradas foram enviados para as obras do quartel de Santarém. Dois deles, que desejavam seguir a vida de soldado, deviam frequentar a Escola Regimental durante mais tempo e depois iam para o referido quartel onde iam fazer um novo período de aplicação militar. Embora o perigo das invasões tivesse passado, havia que reconstruir alguns acessos das defesas da cidade do Tejo e a soldadesca local era insuficiente para o fazer.

Pouco se sabe da sua permanência no antigo Castelo e no aquartelamento das muralhas de Santarém ou dos ganhos que aí teve. Contudo no regresso o nosso amigo trazia consigo, além dos horizontes mais alargados, umas moedas, umas botas novas, uma calças e uma jaqueta que o Comandante lhe havia oferecido. Tinham sido feitas à medida e como não havia muitos soldados assim tão fortes os chefes entenderam que era melhor verem-se livres daquelas peças, procedendo ao seu abate e dando-as ao ex-soldado.

De volta à Ortigosa discutia-se quem ia ser o mordomo da festa, conforme a tradição e o hábito que tinha sido recuperado depois das invasões dos franceses. É certo que a população estava depauperada com as pilhagens e as infâmias sofridas, pela doença e pela fome, pelas más colheitas e fraqueza dos habitantes perante a vida pesada que levavam. Além disso algumas pessoas haviam mesmo saído da terra para junto de outros familiares; outras andaram perdidas pelo Pinhal do Rei e quando chegaram tiveram de reconstruir o seu património, embora escasso, a partir do zero. Nessa viagem de regresso, pelas faldas da serra de Aire, por Leiria, pela Gândara do Lis e depois pela borda do Campo, os mancebos que o acompanharam foram espalhando as vitórias do ‘alamão’ que enquanto esteve no aquartelamento não deixou que um só o vencesse em destreza manual, com a baioneta, no simulacro da luta corpo a corpo com a canhoeira de serviço e com o “cajado de guerra”. Bem o quis derrubar o tal cabo-esperto que o

apanhou de surpresa numa razia pelos artelhos ao que o nosso herói respondeu com um golpe de rins e uma cacetada enviesada que o deitou no chão, a sangrar e a amaldiçoar o instruendo. Para sorte de ambos, jamais se haviam de encontrar.

Quando subiram a ladeira que ladeava as vinhas da encosta do Casal e da Ruivaqueira, já a notícia se tinha espalhado pelo lugar, transmitida pelos putos que se dedicavam à pesca das enguias e dos peixes do rio. Houve até alguém que de longe gritou: “Os ‘ruivacos’, os ‘ruivacos’ estão de volta”, ao que se juntou o latido dos cães que presentiram os passos e a algazarra do grupo. Alguns deles puseram os barretes de militar que tinham trazido da caserna e tirando da trouxa a jaqueta debotada que lhes coubera, prepararam-se para assim saudar os familiares que os aguardavam. As botas, pelo contrário, permaneciam penduradas às costas porque à semelhança da galinha do campo, que não quer capoeira, também eles não se sentiam bem com os pés apertados dentro do calçado.

Uma vez chegados, subida a encosta do Campo rumaram por entre os olivais e os campos de milho até ao adro da capela onde, ao repicar do sino, acabaram por se juntar com os amigos e a família. Ao som das flautas de cana tocaram umas modinhas, cantarolaram umas lengalengas que sabiam e animaram os presentes com as suas graçolas. Era o costume da terra. O simulacro do bailarico só na festa do Santo e à vista de todos, em especial das mães das cachopas é que podia ter lugar. Mesmo assim aquelas não despegavam olho das filhas e dos intrusos que procuravam conversar.

Assomando à janela de sua casa o Senhor Pereira, homem rico da terra mas agora viúvo, mandou os criados convidarem-nos para a sua adega onde lhes deu a beber do pipo de vinho seu preferido, colhido nas encostas barrentas de São Miguel, que era um primor. E depois de todos concordarem com a escolha da comissão de mordomos da festa do

Santo, da qual fazia parte o José e mais dois amigos, cada um recolheu a sua casa. No dia seguinte cada um por si tinha de se fazer à vida. Para malandrice bastara o tempo que tinham estado no quartel, aquela espelunca onde as baratas passeavam à vontade por cima dos cobertores sujos, desalinhados, funcionando como um terreiro propício aos piolhos que teimavam em persistir depois dos cabelos rapados e das lêndeas varridas pela água quente da barrela ao corpo, e removidas para o cano que corria ao longo da encosta do Castelo até ao rio Lis. O mesmo sucedera para os lados de Santarém. Como habitualmente a sarna tinha-se apoderado de alguns deles, que ainda se coçavam e mantinha-se entranhada nas enxergas. Era por isso que os rapazes não gostavam de lá estar.

Além do tempo que perdiam estando fora da família e sem ganhar, não viam utilidade nesse serviço onde até os tratava mal, muitas vezes abaixo de cão, obrigados a comerem pior que os porcos de casa aos quais não faltava uma boa lavagem quente de couves, abóboras, milho e por vezes fruta de qualidade. Ali, abundava o pão casqueiro, rijo que nem cornos e uma aguada a que chamavam sopa. Salvava-se o conduto de carne, embora desviado para a pança dos cabos e graduados que lhes davam a instrução. E só os restos e o peixe frito sobravam para a soldadesca. Também por isso não traziam grandes recordações. Todos os dias tinham um período de instrução e o resto do tempo foi gasto a trabalhar nos arranjos dos edifícios, no desbastamento da mata do castelo, nos trabalhos de limpeza do leito do rio e na reconstrução da ponte dos Arcos que as cheias desse ano tinham arruinado. Em Santarém a tarefa tinha sido idêntica mas o conserto das muralhas ocupara mais tempo do que a instrução militar e não lhes dera grande tempo para descanso. De qualquer modo as paisagens do rio Tejo tinham impressionado a todos pela sua extensão e variedade de culturas.

Já a entrada no quartel do Castelo havia sido uma mudança no quotidiano da soldadesca que então se viu obrigada a marchar a toque de caixa, a viver ao som do corneteiro e a baixar a mola para não ser castigada. E só ao 2º Domingo que passaram no Quartel foi concedida autorização para irem ao Rossio e subirem à encosta dos Capuchos, a visitar o Santo Estevão e o seu aquartelamento. Esse percurso passou a ser feito várias vezes ficando algumas delas ali pela torre da Sé à espreita de quem saía da missa. Não que conhecessem alguém mas pelo menos havia um certo movimento de carroças, de cavalos e de pessoas a pé. Embora de longe, gostavam de apreciar as muitas cachopas que ali iam rezar. Alguns deles tiveram ainda tempo de subir, por entre o mato e as brenhas, à Igreja de N^a Sr^a da Encarnação para orar. Havia notícias de milagres atribuídos à Senhora. Do claustro podiam contemplar a escadaria, o convento dos Agostinhos, as baixas da cidade e as margens do rio e pagar a promessa de um deles, à Relíquia da santa aí guardada.

Quando chegou a casa, acompanhado dos dois irmãos que o tinham vindo esperar ao adro da capela, já a mãe do José estava deitada junto das duas filhas. Mesmo assim levantou-se para lhe dar a ceia e depois de uma oração de graças em que todos participaram, os rapazes seguiram para a divisão do fundo e as raparigas juntaram-se à mãe-viúva. Antes de seguir os irmãos, o rapaz quis ainda saber pela boca da irmã mais velha notícias da terra, em especial da menina do Casal: como estava, se haviam falado, se ainda pensava nele, se toda a família ia bem...

Contente com o que ouviu seguiu embalado nos sonhos pelo acolhimento e união familiar. Estava de novo em casa e o ar dos pinheiros dava-lhe um novo alento. Ceou, pôs os assuntos em dia com os seus e dirigiu-se para a enxerga que lhe pertencia. Cansado como vinha quase se esqueceu de descalçar as botas, mas quando deu por isso

resolveu devolvê-las ao chão. Depois, já meio esquecido das orações que a mãe lhe encomendara - ainda assim rezou uma delas - e consciente que após aquela ausência os dias seguintes não seriam fáceis, adormeceu.

VIII. O regresso à Ruivaqueira

Minha terra! Minha terra!

Não é terra ao Deus dará.

É terra de gente honrada,

ditoso quem nasce lá.

Mal José havia chegado à terra quis ir ver a casa da sua parente, a Ti Ana e podar a oliveira onde ela havia sido torturada. Estava bem longe de saber que o principal responsável por esse e tantos outros massacres, pela guerra e pela destruição do país, estava agora a caminho da deserção, depois da derrota do seu exército na Europa. No dia seguinte ao da chegada, pegou bem cedo na sachola e a pretexto de ir tratar de umas árvores e desmatar as silvas na propriedade do avô, para os lados da Relva, saiu de casa e pôs-se a caminho. Não eram as silvas que lhe interessavam mas sim procurar ver ou saber notícias da moça que habitava no Casal e que não via desde a despedida que havia tido lugar no adro da capela.

Animado pelo desejo de recolher um sorriso ou só um olhar fortuito da Conceição foi indo pelo caminho, procurando seguir o piso mais seco e com menos pó do trilho percorrido pelos carros de bois, pelas mulas que se dirigiam com o milho no dorso aos moinhos da várzea e pelas pessoas no seu uso diário. Havia uma razão de sobra para o fazer: ia calçado com as botas que lhe haviam dado no aquartelamento e esta

era, sem dúvida, a melhor forma de se apresentar àquela que desejava ser sua conversada. Pelo caminho encontrou vizinhos com quem trocou palavras de saudação, palavras breves porque o seu destino era outro.

Ainda não tinha chegado à Relva ouviu os gritos do irmão que vinha a correr atrás dele para lhe dar um recado: o criado de um dos Senhores de Leiria estava lá em casa. Contrariado por este chamamento e resmungando com a sua sorte ainda pensou em prosseguir caminho e voltar mais tarde. No entanto logo se lembrou dos favores que seu pai devia a estes fidalgos e as recompensas destinadas à mãe e aos irmãos que estes tinham sempre à mão quando visitavam as propriedades do campo. Com um ar contrariado e um “corisco” proferido a condizer, descalçou as botas e pôs-se a caminho seguindo o irmão. Quando chegou a casa deparou com o cavalo em que o criado vinha montado. Uma bela égua, de crina limpa e cauda aparada, amarrada junto das piteiras e da eira. De pé, jaqueta vestida e chapéu de abas largas, apoiado na vara de montar, aí estava o seu mensageiro. A conversa foi breve:

- “O senhor fidalgo do Terreiro precisa de ti para trabalhares na quinta de Leiria. Quere-te lá, já”.

Recebida a notificação preparou uma pequena trouxa com os haveres pessoais, pegou nas botas e depois da bênção da mãe e do aceno aos irmãos, seguiu montado no mesmo dorso da égua, a caminho de Leiria. Já sabia, quando regressara das sortes, que a sua vida ia mudar. Por isso antes da partida tinha instruído a irmã e os irmãos do que haviam de fazer quer em casa, quer no campo. Em casa, tinham de cuidar da mãe e ajudá-la na engorda do porco, sempre pronto a grunhir como que a reclamar mais e mais comida para engrossar as banhas que se iam acumulando debaixo do pêlo negro e nutrido que cobria o dorso; lá fora, tinham de seguir as recomendações da mãe acerca das lides do campo e na recolha da caruma e do mato para a casa. Eram cinco os

irmãos que faziam companhia à viúva mas nos últimos tempos andava a ficar mais magra e cansada. Com alguma frequência ia ao barbeiro fazer uma sangria mas o certo era que as melhoras não eram muitas. Ao cair da noite tossia, tossia muito e queixava-se com pontadas nas costas. Por isso antes de partir deixou-lhe a alpendorada cheia de lenha e mais uns peixes junto da carne que estava na salgadeira. Aí estavam ainda dois potes com azeitonas, um outro com banha de porco e uma pequena reserva de azeite. Por sinal o presunto que a mão sabia preparar melhor que ninguém, já tinha voado. Em seu lugar estavam os ossos pendurados, meio descarnados, mas dos quais era ainda possível tirar umas lascas para uma merenda mais frugal.

A viagem até Leiria, nas costas da besta, foi bem mais rápida do que a pé. E uma vez entrados na cidade foram a caminho da Sé seguindo pela Rua Direita até ao Terreiro. No escritório de uma dessas casas solarengas, recheado com móveis de madeira negra, com torneados e medalhões de metal nas portas e nas gavetas, estava o Senhor com uma visita, um cavalheiro de porte fino, patilhas crescidas e bigode cuidado.

- “Dá-me licença? Aqui está o homem”.

Disse o criado da casa para o patrão entretido na janela a mirar os miúdos que brincavam no terrado. Este acenou com a cabeça e olhando para o rapaz, veio ao seu encontro:

- “Vossa Mercê mandou-me chamar?”

Perguntou José ao mesmo tempo que se curvava, com o chapéu na mão, saudando o dono e o seu convidado.

- “Sim, Sim”.

Retorqui-lhe aquele. E interrompendo a conversa com o visitante, que se manteve distante a ler uns documentos que trazia. Na breve conversa o senhor da casa convidou-o para feitor de umas propriedades suas que tinha nos campos de Monte Real. Como sabia que o rapaz era sério e filho de gente humilde, queria dar-lhe uma oportunidade e por

isso fez-lhe um conjunto de recomendações que desejava ver seguidas no seu trabalho.

- “Bem-haja a Vossa Mercê”.

Disse ele, dobrando-se, à despedida. Em seguida, curvando a cabeça a cada um dos presentes, rumou na companhia do criado até ao pátio da casa. Aí esperava-o uma mula castanha já conhecida por ser o transporte utilizado pelos criados nas suas viagens ao campo do Lis, acima de Regueira de Pontes. Eram propriedades que ficavam a meia distância de Leiria, mas eram um atoleiro durante quase todo o ano. A cultura do arroz e do milho enchiam por completo a veiga e os caminhos laterais, cobertos de areia fina, mas onde os carros circulavam aos solavancos. Esses trilhos estavam cobertos de bosta, de moscas e outros bichos, que segundo diziam transportavam aquela doença má das “sezões”. Por isso havia muita gente que não gostava de ir para aí trabalhar. Preferiam seguir para outros lugares mais secos, como fosse a apanha da azeitona ou a colheita dos cereais onde recebiam salários iguais aos dali. Para os convencer José tinha de lhes saber falar e de lhes pagar melhor. Foram estas as ordens do seu patrão.

À chegada a casa já os irmãos e a mãe o esperavam com ansiedade. Há um bocado que o Farrusco não parava de ladrar como que anunciando o seu regresso. E quando viu entrar o José com a mula presa pelas rédeas, calou-se e em vez de correr para o dono voltou-lhe as costas e foi para o seu canto espreitar o novo inquilino. Que grande bicho pensou certamente o cão resmungando consigo próprio por não se ter oposto ao intruso que acabava de invadir a sua propriedade. O dono chamou-o e com duas festas no focinho apresentou-lhe a sua nova companheira:

- “Vês, tens aqui a tua companhia. Não lhe mordas”.

Os irmãos e a mãe estavam agora contentes com a chegada da nova mula e quiseram saber os pormenores da viagem. Quando a conversa

acabou cada um recolheu à sua enxerga e o rapaz disse à mãe que ficava um pouco mais, sozinho, a aquecer os pés. O que ele queria não era isso, mas sim refletir um pouco sobre o modo de chegar à fala com a Conceição. E se bem pensou, melhor decidiu. No dia seguinte ia a São Miguel e aproveitava para falar com o Senhor Prior e pedir-lhe a sua ajuda para conversar com a rapariga. Absorto com estes pensamentos nem sequer deu pelo avançado da hora. Já passava bem da meia-noite quando se retirou para a enxerga do fundo e pondo a saca do dinheiro debaixo do travesseiro de palha, adormeceu.

No outro dia, mal o sol despontara já o jovem tinha arreado a mula e preparava-se para ir contratar gente para trabalhar nos campos do fidalgo de Leiria. Veio no caminho da Capela do Santo e abaixo seguiu para os Conqueiros e depois para São Miguel. Era um trilho um pouco difícil para a besta por causa da subida logo a seguir à Ortigosa de Cima, mas esta portou-se bem. Apesar da idade tinha ainda força suficiente para fazer muitas viagens, pensou o rapaz. Quando parou em frente à Igreja do Santíssimo Salvador, junto à casa do pároco, estava mais uma pessoa à espera. Era a velha Quitéria, uma peixeira da Vieira muito conhecida na região pela venda de peixe seco e salgado, apanhado na foz do rio ou mesmo no mar e que depois de bem seco sobre as carumas e as ramagens do Pinhal do Rei ia vender aos lugares próximos.

- “Bom dia, Ti Quitéria, então tão cedo por aqui?”

Inquiriu o rapaz. Esta, embrulhada nos trapos do xaile que lhe cobria os ombros e olhando desconsolada para o fundo da canastra vazia que estava a seus pés, diz-lhe em voz baixa:

- “Cala-te homem, não sabes da tristeza que me vai na alma!”

E calando-se deixou que este lhe fizesse nova pergunta:

- “Mas que foi que aconteceu?”

Ao que ela respondeu:

- “O meu Xico, o homem que tenho em casa, que é a flor dos meus olhos, anda sem trabalho. Com o mar tão ruim nem tem ido ao mar. E a foz do rio, rota como está, não dá para tirar peixe. E como vamos viver este Inverno?”

José, pensando na missão que o levava por lá, faz-lhe uma pergunta:

- “O seu rapaz é aquele da perna torta, não é?”

Ao que ela acenou afirmativamente com a cabeça. Bem se recordava desse moço que já tinha visto na foz de fora durante um dos banhos santos em que participara, um pouco antes das sortes. E pensou para consigo, apesar de coxo o rapaz anda na areia sem recorrer a nenhuma muleta. Então, porque não ajudá-lo? E de imediato responde à mulher:

- “Oiça lá, se ele quiser, pode vir trabalhar comigo aqui nas propriedades. Sempre é melhor do que andar de costa ao alto. Tenho trabalho para os próximos tempos, acha que vai querer?”

Os olhos da mulher levantaram-se e confrontando-se com o passado de mar da sua família e o trabalho agrícola que era oferecido ao filho, manteve o seu olhar penetrante diz-lhe:

- “Deus te abençoe, homem. Vou dizer-lhe para vir ter contigo”.

Nesse instante chega o Padre com a estola ao pescoço e o vaso sagrado na mão. Tinha ido, depois de Missa, dar a extrema-unção ao Sr. Gaspar, um vizinho que se contorcia na cama com reumatismo e com as dores dos pés e das mãos deformadas pela gota. Sofria a bom sofrer pois os seus gritos, muito intensos, eram ouvidos pelas pessoas que subiam a ladeira a caminho da Igreja. Desta vez, devido às complicações da doença, preparava-se para partir.

- “Deus esteja convosco”.

Disse o prior ao aproximar-se deles. Depois disso escutou a Ti Quitéria que meio reconfortada com a oferta de trabalho para o filho, até se esquecera de metade das coisas que tinha para lhe dizer. No fim dirigiu-se à porta da casa entreaberta, onde transparecia o vulto negro

da Perpétua, a irmã mais velha do pároco que a família tinha destacado para ficar solteira e acompanhar o padre. Como habitualmente havia sempre qualquer coisa naquela casa para dar aos mais necessitados, ou fosse um caldo, um bocado de broa ou um naco de carne salgada. Depois da Quitéria foi a vez de o José confessar, mesmo ali no adro, ao que vinha. O prior começou por saber de quem era a mula, quem lhe dera aquelas botas e o que ia fazer. Pacientemente este foi respondendo até que teve oportunidade de atalhar:

- “Sabe, senhor Vigário, eu agora queria arranjar uma conversada e preciso da sua ajuda”.

-“Oh homem de Deus, sabes bem que eu não me meto nisso”.

Atalhou o prior, como que antevendo o que dali ia sair.

Meio atrapalhado José lá lhe explicou que queria ir falar com o Sr. Luís mas precisava que o padre lhe “preparasse o caminho”. Pois então, porque não, pensou consigo o padre antevendo a oportunidade de na próxima oportunidade, quando se deslocasse à capela do Santo, ficar desobrigado de tão espinhosa missão. Antevia uma resposta favorável uma vez que sendo ele de uma família humilde mas trabalhadora, honrado e possante, certamente que o senhor do Casal não se ia opor, embora com muitas regras, a um namorico entre os dois.

- “Vai com Deus, homem de paz”.

Foram estas as palavras que ele ouviu antes de beijar a mão e de se despedir do padre enquanto espicaçava a mula com a vara, pondo-se a caminho para São Miguel. Como o sol ia alto ia passar pelo Penedo pois certamente que ia encontrar gente que andava no mato e isso facilitava-lhe a vida. Assim aconteceu. Falados mais dois homens e um casal, o rapaz deu meia volta e como o dia ainda estava para durar, resolveu passar pela Moita da Roda para ver se arranjava mais gente. A ida a Carvide ficava para mais tarde. O Campo estava já com muita água e a colheita do arroz tinha acabado. Por sinal tinha sido, mais uma vez, um

ano muito mau que não tinha ainda superado o abandono causado pela vinda dos franceses. Malditos soldados que ele tinha ajudado a escorraçar naquela noite distante para se vingar da morte da Ti Ana. Graças a Deus que teve ainda a oportunidade de se voltar a cruzar com eles e aí não receou limpar-lhes o sarampo. Mas isso era outra história que agora não valia a pena recordar. Para já, tinha de se preparar para a jornada que ia começar.

Foi com algum alvoroço que nesse dia e nos seguintes a família pressentia a chegada o novo feitor. O cavalgar apressado e o relinchar da mula confirmavam a sua presença já no pátio da habitação. Em camisa e ceroulas os irmãos vinham saudá-lo. A mãe, retida no leito com uma tosse de morrer, recebia-o com alegria e um dia deu-lhe a boa nova: o senhor Padre Patrão já lhe tinha mandado o recado: o senhor do casal permitia o José que fosse falar com ele. Sem saber como foi essa a melhor notícia que podia receber. Mas, como tinha sido possível uma resposta tão breve, pensou o rapaz? Decerto que havia ali mouro na costa, ou então já tinham falado nesse assunto sem ele saber. Uma coisa era certa, daí por diante ia mesmo começar uma nova vida.

José estava de novo envolvido em cuidar das terras e das gentes que o iam acompanhar naquela quinta, um pouco abandonada, no campo de baixo. A tal que os franceses, sempre os malditos franceses, tinham incendiado e que os senhores de Leiria queriam pôr de novo em pé. Para isso teria de contar com o seu trabalho e com a generosidade e disponibilidade dos que haviam confiado na sua palavra e que em breve iam começar a chegar.

Com a aproximação do Natal crescia a ansiedade na família. No Domingo da oitava ia à quinta falar com o senhor Luís e pedir-lhe para conversar com a Conceição. Há muito que mantinha as botas ensebadas e prontas para o caminho; a camisa de linho e o colete que comprara na feira dos 29, conjuntamente com o chapéu domingueiro, pronto para

ser usado. E no dia aprazado, depois da Missa matinal em que cruzou um olhar terno com a Conceição sentada bem à frente com a família, junto às grades da comunhão, foi a casa comer um naco de carne engrolada, uma xícara de café e seguiu o caminho até ao Casal das Várzeas. Despediu-se da família como quem parte para uma viagem distante ou mesmo como quem tem de lutar contra um inimigo possante. Batia-lhe o coração e tremiam as pernas quando se aventurou ao caminho. Mas dados os primeiros passos, há pernas para que te quero, isso é que foi andar, devoluto, de vara em punho, até à casa do Arneiro. E ao entrar no portão bem reparou nas silhuetas que se refugiavam atrás das cortinas que naquele dia, como que por artes mágicas, não estavam corridas como seria habitual...

Com passo firme, descoberto e devidamente ataviado, atravessou o umbral da porta do corredor que dava acesso à cozinha e foi conduzido pela criada à sala de fora onde estava o Senhor Luís. Nesta divisão, a mais pequena da casa, o dono recebia as pessoas que o procuravam. A sala maior, situada à direita da entrada, na segunda porta da casa, servia apenas para a visita Pascal e velório para os defuntos da família. Na sala onde entrara havia uma mesa com um contador, a candeia, uns papéis, a caneta e a lente para ler. Ao lado, uma estante com livros e no parapeito de baixo uma garrafa e alguns copos cobertos com um pano de linho. No lado contrário, uma gravação antiga mostrava a cruz de Cristo e umas almas ajoelhadas a seus pés como se fosse uma imagem da Paixão.

Antes que tivesse tempo de reparar em tudo o que o cercava o senhor da casa quis saber coisas e mais coisas dos últimos acontecimentos da sua vida: a luta contra os franceses, o serviço militar, os rendimentos que tinha, os trabalhos futuros e, finalmente, o que o trazia por lá. A tudo o nosso herói soubera responder de forma resoluta e acertada. Mas quando quis responder a esta última questão, foi como se lhe tivesse

dado um nó na garganta. Antes de responder, pediu licença para beber um trago de abafado que o senhor lhe havia oferecido e começou a falar:

- “Sabe senhor Luís, o que me traz por cá é a Conceição. Se Vossa Mercê me desse licença, gostava de conversar com ela”.

Ao balbuciar estas palavras sentiu um enorme alívio e ao mesmo tempo ouviu um ruído estranho, semelhante a risos abafados do outro lado da parede. Talvez houvesse alguém a escutar e antes do Senhor responder, o nosso amigo, com fôlego redobrado, acrescentou:

- “Sabe Vossa Mercê que sou de família pobre, mas tenho muita fé em Deus e coragem para a defender. Que o Senhor lhe dê muita saúde para ver os nossos filhos”.

- “Calma homem. É preciso que ela queira”.

Disse, sorrindo, como que querendo atrapalhar o nosso herói.

Daí para a frente a o diálogo a sós decorreu de forma simples até que deram entrada na sala a D. Marquitas e a filha. Ao cruzarem o olhar, o rosto de ambos ficou da cor do pimentão e depois de uns “Bons dias”, em que o rapaz se curvou tanto que ia partindo um jarrão que estava ao canto da sala, o Senhor Luís tomou a palavra e explicou à filha o que trazia ali o jovem. E depois de um relambório de perguntas e mais conselhos, foi a vez da dona da casa acrescentar, que dali em diante, podia vir a casa deles ao Domingo à tarde para conversar com a filha, na mesma sala onde as outras irmãs mais velhas recebiam os namorados. Teria autorização para o fazer depois de a cozinha estar arrumada e até ao por do sol. À parte disso, não queria ninguém a rondar-lhe a casa.

Findo o encontro cumprimentou a família e antes de sair deixou em cima da mesa um pequeno barco esculpido em madeira que havia comprado a um pescador da Vieira. Era um daqueles trabalhos feitos nos dias em que não podiam fazer-se ao mar e passavam o tempo a remendar as redes, a preparar os apetrechos, a fazer agulhas de emalhar

e a esculpir pequenas peças que vendiam aos lenhadores que queriam atravessar o rio. Ali ficava para que a jovem se lembrasse dele quando não o pudesse contemplar. Sensibilizada por esta oferta a dona da casa abriu uma das gavetas da estante e de dentro de um missal de capa de pano preto, tirou um santinho com a imagem de um Anjo da Guarda e deu-lho dizendo:

- “Não te esqueças de o trazeres sempre contigo”.

Desde aquele Domingo, oitava de Natal, sentiu-se um homem novo. Tinha sido correspondido no amor e obtinha o apoio da família da Conceição. Esta situação veio confirmar-lhe os segredos que a velha Ti Ana, antes de morrer, lhe confidenciara:

- “Essa menina é o melhor partido cá na terra”.

Antes disso já o safado andava de olho nas irmãs, que ao Domingo se escondiam debaixo do véu que cobria a cabeça para a ida à missa com a família, quando era celebrada no templo do lugar. No caminho nunca podiam falar para ninguém, nem tão pouco no Catecismo uma vez que as meninas, depois da celebração iam de imediato para o Coro da Igreja e tomavam o lugar nos bancos junto das grades da comunhão. Aos rapazes era dado mais algum tempo para dar umas correrias pelo adro e para uma jogatina ao botão antes do Sr. Pereira os chamar para se sentarem ao fundo do templo. Bem lá no fundo, para não perturbarem o coro celestial das criaturas que se sentavam nos lugares da frente.

Como havia sido combinado dali em diante José não faltou às conversas com a sua conversada. À hora aprazada, quando o Sol começava já a declinar sobre os campos dos Infantes, mas muito acima ainda das copas do Pinhal do Rei, metia-se a caminho do Casal. Em regra procurava levar sempre consigo um pequeno presente de fruta, flores ou apenas uma verdura que pedia à Conceição para entregar à mãe. Esta, sabendo da gentileza do rapaz, preparava-lhe sempre uns biscoitos de ovos que ele trazia consigo para repartir com a mãe e os

irmãos. Foram-se conhecendo, sob o olhar atento das irmãs e dos seus namorados e tantas vezes na presença da mãe que aproveitava as tardes de Domingo para continuar a bordar o enxoval das filhas e frequentemente, a pretexto de uma opinião sobre o ponto ou o desenho do pano, da toalha ou do lençol, lá se demorava mais do que o costume a empatar os namorados.

Quando podiam, estes bem se desviavam do centro da sala, nas suas conversas domingueiras... Sendo a sua conversada a mais nova e sendo a última a começar a namorar não podia ter os mesmos direitos das irmãs que já tinham deixado o banco do centro e ocupavam os assentos laterais, estrategicamente colocados para que do corredor não fossem visíveis nas suas conversas. Contrafeito, tinha de cumprir as regras estabelecidas desde o início. E quando havia necessidade de visitar a casa por razões de trabalho, por trazer um outro recado para o Sr. Luís, era certo que embora procurando sempre um aceno da Conceição ou das suas irmãs, ou mesmo demorando sempre um pouco mais na despedida, na esperança de um encontro a sós, o certo é que o rapaz cumpriu religiosamente a promessa que havia feito nesse Domingo de oitava de Natal.

No final de Janeiro o frio varrido pelo vento que soprava do lado do mar trazia consigo, além da chuva, uma humidade que se entranhava nos ossos. Era assim que diziam os antigos e as gerações da época confirmavam. Pelo contrário o vento do lado da serra era mais frio e intenso e acompanhava-se de geada que cobria os campos, desde o Paul até ao vale do Lis. Quando chovia era certo que as poças de água ficavam cobertas de uma fina película de gelo que os miúdos nas suas brincadeiras diárias usavam para fazer as suas traquinices. Nessa ocasião tinha lugar a festa do Santo e a sua romaria esse ano era mais desejada do que nunca. Pela primeira vez o jovem podia cumprimentar

o Sr. Luís e as suas filhas depois da procissão e, quem sabe, acompanhá-las até à carroça que depois da bênção as transportava a casa.

Conforme veio a saber junto do namorado da Teresa, a irmã mais velha da Conceição, se a despedida tivesse lugar já próximo da noite era certo que nesse dia já não havia encontro. Por isso no dia do Santo quando o vento de manhã mudou de rumo e deixou de soprar do lado do Souto, para se virar para o dos campos de Monte Real, enquanto uns pediam a Deus que não mandasse chuva para assim poderem gozar à vontade o arraial festivo, o nosso bom rapaz pedia justamente o contrário: que a chuva viesse quanto antes para que a procissão fosse rápida e assim pudesse rumar cedo para o Casal.

Correspondendo às intenções do rapaz, S. Pedro fez-lhe a vontade e antes da missa festiva começar mandou uns pingos de água que serviram para Sr. Prior acelerar as suas rezas e homilia. De qualquer modo já era essa a sua intenção quando saiu de manhã da casa paroquial. Andava com um resfriado e este ano na pregação ia deixar de lado a referência ao sofrimento das almas do Purgatório. Ia, sim, concentrar-se nas obras do bem e na caridade para com os irmãos necessitados depois das Invasões e da fome que se seguira. Sim, porque apesar das ajudas que o Governo tinha dado, ao que se dizia por iniciativa do país aliado de Portugal, o certo é que os cereais que haviam cruzado o Canal da Mancha não tinham chegado àquela terra. E o dinheiro, esse tinha ficado todo nos cofres rotos do governo, na capital.

Depois da Missa e da comunhão participada por quase todos os presentes, saiu a procissão e desta vez o Padre Patrão pediu-lhe para vestir uma Opa, uma capa vermelha já ruçada e para seguir à frente do pátio com uma das lanternas. Não podia ser maior a distinção. Ainda, na Capela, tinha oportunidade de olhar bem de frente para a Conceição quando da saída do cortejo; durante este, era ela que o podia admirar sem ter necessidade de se voltar para o lado e no fim da cerimónia podia

sair pela porta da Capela-Mor, local por onde entravam os Senhores da terra que no final iam despedir-se do Vigário. Assim aconteceu. E ao fim do dia quando regressou ao adro no intuito de encontrar os amigos, era outro homem. Contudo, ao chegar ao arraial notou um grande alvoroço. Um meliante que rondava a povoação há alguns dias, montado num burro já quezilento, teimava em pernoitar na Igreja apelando para a sua devoção ao Santo.

Como era habitual no dia da festa, ao som de tambores reuniam-se os fregueses com andores cobertos de fogaças e de frangos assados, de espetos de carne, de pão cozido e merendeiras de milho e mel e participavam na procissão. Os produtos agrícolas, os nacos de toucinho, as galinhas e os ovos de oferta seguiam em cestos de vime sobre as rodilhas de pano à cabeça das devotas, sendo leiloadas no fim da cerimónia religiosa. Uma vez dada a bênção final a capela permanecia aberta à devoção de muitos romeiros que depois do toque das Avé-Marias continuavam a pagar as suas promessas. E como o sacristão reconheceu que em vez de uma grande devoção havia ali uma grande bebedeira, pegou nele pelo braço e trouxe-o para a rua. Não contente com o sucedido o romeiro pegara na vara e havia desferido um golpe baixo que lhe deixara as canelas a correr sangue. Logo se armou uma zaragata e se não fosse José aparecer e fazer-lhe frente com o pau que o acompanhava e depois de o desarmar, parti-lo em pedaços à frente de todos, a coisa tinha-se complicado.

Uma vez acalmados os ânimos reuniu-se aos irmãos, petiscou umas enguias e uns torresmos e acabou por beber um caneco de vinho. Bem lhe ofereciam mais, mas não podia ser. Tinha que se manter no seu lugar, de voltar a Leiria e dar conta aos Senhores do trabalho que lhe tinha sido destinado e como ia o rancho que contratara. Assim o fez no dia seguinte e no meio do cerimonial habitual deu conta ao Senhor do Terreiro o que havia já feito e o que restava para fazer. Dele escutou,

mais uma vez, as recomendações para o futuro e depois de feitas as contas tomou o caminho da Sé e voltou para casa. No regresso, seguindo o seu caminho já conhecido, saiu de Leiria pelo Arrabalde quase sem dar por isso. Com o pensamento na sua Conceição, tomou o caminho de casa.

Contrariando a promessa que havia feito no Domingo da oitava do Natal, José não se conteve e antes de tomar o caminho do chão da feira rumou ao Casal das Várzeas. Sabia que embora sendo a hora do almoço, se batesse à porta da casa do Arneiro esta se abriria. E tomada esta decisão bastou-lhe chegar bem perto da casa quando deu de frente com a futura noiva e a mãe que andavam a jardinar. Descobrimo-se perante as senhoras e pedindo mil desculpas pela visita, justificou atabalhoadamente essa presença com a sua deslocação, agora para o campo de cima... Mesmo assim, apanhado a mentir, a visita foi agradecida por ambas as partes e condescendendo ao inesperado da visita, D. Marquitas permitiu que ao fim da tarde desse dia, por ser 4^a feira, e depois da sua visita ao campo de cima, podia aparecer. Era uma permissão só concedida aos noivos quando estava aprazado o casamento em que se podiam passar a ver, a meio da semana, e assim acertarem os detalhes do noivado. De regresso a casa o rapaz compreendeu que tinha de dar os passos seguros, na hora certa e que esta estava a chegar.

O tempo, sempre o tempo, correu veloz naquele verão. Entre os trabalhos de casa, a ajuda à família, as fainas do campo e os fins de tarde de Domingo e de algumas 4^{as} feiras com a Conceição, o calendário correu vertiginosamente. Pelo meio foi a sua vez de ir à feira dos 29, em Monte Redondo, a pedido de um vendedor de gado da terra para o ajudar a ajustar umas contas antigas que este tinha com um porqueiro que lhe andava sempre a estragar o negócio. Era ali dos lados das Colmeias e com que ele já se havia travado de razão a pedido de um

amigo³. Acontecera que depois de um dia de brigas deixara-se apanhar, incauto, a dormir no palheiro, tendo sido tratado desapidadamente. Por isso chegara a gora a vez de ajustar contas, tanto mais que o dito porqueiro em vez de ir negociar em terreno aberto, lá debaixo do pinhal onde as propostas se deviam fazer, mandava os seus homens para os caminhos e quando os incautos lavradores passavam com os animais estes assustavam-nos e depois de se embrenharem no mato vinham recolhê-los e levavam-nos de volta dizendo que os tinham encontrado ao abandono. E já que a intervenção do Juiz de Paz não era suficiente, que solução havia senão a de resolver as coisas pelas suas próprias mãos?

Esta foi uma cena que nunca mais pôde esquecer. Quando a zaragata começou reclamando o vendedor a necessidade de um negócio limpo e ajuntando alguns dos pobres que haviam sido roubados com estas artimanhas, meteu medo ouvir as mulheres a gritar:

- “Arreda que vem aí o tufão”.

Seguiu-se a troca de insultos, o rugir do freixo dos varapaus, o pó levantado pelas andanças da luta e os chapéus pelo ar. Sem dar por isso José “varreu” o recinto à paulada, por entre o choro das mulheres e das crianças e o gemido de algum, que inadvertidamente havia sido colhido pela fúria da contenda. Depois foi a retirada do usurpador, com a vara partida, nariz a escorrer em sangue e camisa rasgada, acompanhado dos seus homens, pelo arneiro das Eiras a caminho casa. Não sabia quantas lhe tinham caído em cima, mas a intervenção do jovem da Ruivaqueira tinha sido eficaz e tão cedo, enquanto se lembrou desta cena, não houve mais roubos nem se registou mais a sua presença nesta feira. Alguma vez tinha de ser a última. Como recompensa o senhor lá da terra, no fim da contenda ofereceu-lhe um capote, uma dessas

³ Ano de 1862 (O Couseiro)

vestimentas que uns vendedores vindos da serra sabiam costurar melhor do que ninguém. Debruado com uma gola de pele de coelho e uns enfeites sobre os ombros, o rapaz nem queria acreditar. Esta seria a prenda do casório e que bem lhe ia servir quando tivesse de ir, manhã cedo, atravessar os lameiros gelados e as valas dos campos do Lis.

A vida estava a correr-lhe bem, pensou o rapaz quando se meteu a caminho e parou junto da ermida dedicada a N^a Senhora da Piedade para ver os estragos do incêndio provocado pelos franceses e que eram ainda visíveis na edificação. A torre, ao lado da entrada, tinha de ir abaixo e o telhado estava ainda por reparar. Aqueles malvados tinham andado por todo o lado. E enterrando o chapéu ainda mais na cabeça, espicaçou a mula e acelerou o passo junto de alguns conterrâneos seus, frequentadores da mesma feira, que seguiam junto a ele. É que apesar da proximidade, tinham de atravessar arneiro dos Belos, local onde se acoitava a gente de má fama da região. Nesse dia, por ser quase de noite, não desejavam ser importunados. Assim o entendeu José que seguiu à frente dos demais.

IX. Casamento e primeiros filhos

*Rosa branca, ó rosa singela,
A mais bela no seu jardim.
Por muita lama que te atirem,
Não se apega a ti nem a mim.*

A aproximação do casamento trazia a família inquieta. Lá se ia embora o chefe e com a sua saída a mãe tinha de repensar a forma de manter o sustento dos filhos mais novos. Há muito que se sentia tão cansada que por vezes nem conseguia andar de pé. A família dizia-lhe

que andava sem cor e ela sabia-o bem, pois aquela fraqueza não era bom sinal e isso preocupava-a a cada dia. É certo que no lugar havia proprietários abastados onde eles podiam trabalhar sem andarem à procura da jorna. Ou então tinham de ir para a labuta no Pinhal do Rei, onde a vida era mais difícil mas também não havia falta de ocupação. Quanto ao filho mais velho, a Felismina estava tranquila. Ia ficar em casa do sogro, numa das alas da habitação que tinha sido reconstruído a partir de um imóvel mais antigo. Podiam viver a sua vida em separado. Não se preocupava com grande enxoval pois as suas posses não eram muitas e a família da noiva não precisava. Em boa verdade a ida deste para casa da mulher até era uma boa solução agora que a irmã do meio também ia casar com um homem rico, do lado das Colmeias e viver para casa da família do marido.

Por sua vez José convencia-se que tinha de manter a situação como feitor, solução que lhe permitia viver a sua vida sem depender do sogro. Claro que se a mulher assim o aceitasse tinha de passar algumas temporadas fora de casa. Tudo bem no princípio, mas como seria depois de nascerem os primeiros filhos? Estas reflexões traziam-no preocupado e traduziam-se no olhar ansioso, nas rugas da cara mais vincadas e no temperamento mais agressivo do rapaz. Até que um dia a Senhora do Terreiro, que há muito observara a angústia do seu criado, pergunta-lhe se ele não quer ir viver para a Quinta do campo. Era de facto uma possibilidade mas tinha a certeza que tal não ia ser aceite pela noiva. Deixar a companhia da mãe, tão juntas que elas eram? Deixar o solar do Casal e o lar da família, não era proposta que lhe fizesse. E o que iria dizer o Padre Patrão quando soubesse que tinha sido enganado nas suas diligências ao deixar arrastar para fora da terra a jovem Conceição? Não, essa não era uma possibilidade que desejasse admitir. Tinham de repartir o mal pelas aldeias e como ele ganhava bom dinheiro no trabalho que fazia na quinta, na contratação de jornaleiros

e na maquia que no final do ano o Senhor lhe atribuíra, o melhor seria continuar assim para sustentar a sua família. Esta era uma decisão tomada antes de pedir a mão e de acertar o casamento com a filha do Senhor Luís. E tinha de o fazer quanto antes uma vez que não sabia bem como ia correr a doença da mãe.

Até à celebração do contrato de casamento, foi um pulo. Os trabalhos no Campo do Lis estavam a correr bem e jornaleiros não lhe faltavam. Alguns vinham de longe, como foi o caso de alguns vieiros e dos carreiros que não se importavam de atravessar o leito do rio para transportar os cereais e a lenha para Leiria. Como sabia e podia, o feitor ia solucionando as questões que lhe apareciam. A gestão do calendário agrícola e das obras do campo, em particular a reconstrução das motas do rio, das valas e das represas, dava-lhe volta à cabeça. Quanto ao pessoal, andavam contentes uma vez que o patrão não lhes faltava com a jorna e o barracão amplo onde pernoitavam, no campo de baixo, estava agora totalmente reconstruído. Até o forno de cozer o pão tinha sido posto em ordem com a substituição de uns tijolos de burro meio esfarelados, devido ao uso e à intensidade da chama, na entrada da boca e no lastro do meio.

Para o experimentar os amigos reuniram-se na véspera da festa para afinarem a garganta e cantar o Epitalâmio – *Amanhã vais à Igreja* - que ao fim do dia, sem a presença do nubente, foram recitar à porta da noiva:

*“Amanhã vais à Igreja,
linda florinha do campo,
quando entrares na Igreja,
lembra-te do Sprito Santo.*

*Amanhã vais à Igreja
levas muito que sentir,
pede a bênção a teus pais
quando for ao despedir.*

*Amanhã vais à igreja,
no altar de Deus jurar
que serás mãe extremosa
e uma esposa exemplar.”*

Foi com emoção que no dia da cerimónia José fechou a porta de sua casa e conjuntamente com a família pôs-se a caminho da Igreja de Santo Amaro. A meio do caminho, em Mato d'Eira, esperava-os o Sr. Augusto, amigo dos noivos e que juntamente com a mulher, a D. Júlia, aceitaram apadrinhar a cerimónia. A mãe bem queria outra solução, mas a saúde do Sr. Costa não lhe permitia sair de casa e por isso combinara com o seu sobrinho, Augusto, deste servir de padrinho em sua vez. Esta a proposta que o Cura aceitara e até lhe parecia mais proveitosa para o noivo: em vez de um, ficaria com dois padrinhos. Na verdade logo no dia do convite o Sr. Costa passou-lhe para a mão duas moedas de ouro com o pedido dele não se esquecer de lhe rezar pela alma quando fosse a enterrar. Além dos irmãos e duns familiares próximos ali do lugar, do Casal da Várzea, da Ameixoeira e da Ortigosa, não o esperava muito mais gente. Isto tinha sido combinado com o pai da noiva. No entanto este dissera-lhe que a cozinha e a adega de sua casa estavam abertas a quem mais quisesse aparecer.

Com ar trémulo o noivo entrou no adro da Igreja nem querendo acreditar como o tempo passara tão depressa desde a última vez que ali se tinha encontrado com a Conceição, na procissão do Santo. Por duas vezes seguidas, o Sr. Vigário concedera-lhe a honra de vestir uma das capas vermelhas e seguir na fila junto ao pálido. Numa das varas ia o senhor seu sogro. Agora a missão era outra. Desposar aquela rapariga e constituir uma família feliz e abençoada por Deus. Quando chegou perto do templo apercebeu-se da algazarra que vinha do lado do cemitério. Ali vinham uns rapazes amigos, em jeito de cortejo, em passo acelerado e em despique a ver quem chegava primeiro. Com eles vinha

um grupo de vieiros, daqueles que costumava ajudar nas fainas piscatórias quando ia ao banho Santo, lá junto da foz do Lis e por lá ficava uns dias enquanto houvesse conduto na talega e pinga na cabaça. Vinham a mando da peixeira, a Ti Rabita, que ao saber do casório quis trazer uns peixes secos de presente para a família dos noivos.

Quando o outro cortejo chegou com a noiva, a mãe e as irmãs, o pai já tinha descido da égua, devidamente arreada com a crina enfeitada e um laço na cauda. No adro estava reunido o grupo de visitantes, com instrumentos de sopro (pífaros), cântaros, tocados com uns abanos de penas de aves marinhas e umas pinhas a servirem de castanholas que os vieiros tocavam em honra dos nubentes. Era simpático aquele acolhimento que antecedia o toque das sanfonas contratadas para o jantar e a ceia da festa. Muito ciente do seu papel, José subiu as escadinhas e como mandavam as regras esperou voltado para o Altar do Santíssimo a chegada da noiva, envolta na mantilha de onde sobressaíam duas vistosas argolas em ouro, do tempo da sua avó. Esta, que não podia olhar o noivo de frente antes de dizer o sim, vinha corada, metida num vestido de cor clara, com uma grinalda na cabeça e um véu branco a cobrir-lhe a face. Um ramo de laranjeira no braço e as mãos enfiadas numas luvas que já haviam servido nos casamentos da família e agora usadas na cerimónia. O mesmo já tinha acontecido, meses antes, quando do casamento da irmã do meio, que ali estava com a barriga um pouco empinada e por isso merecia a atenção dos amigos mais chegados. Seria rapaz ou rapariga, interrogavam-se?

A cerimónia da união foi rápida. E quando o Padre tomou a palavra e perguntou:

- “Aceitas José, a Conceição, como tua legítima esposa?”

Este o que queria era dar-lhe a resposta o mais depressa possível e poder olhar, frente a frente, a sua jovem mulher. Tudo o mais vinha depois tanto mais que era hábito, embora ficando na mesma casa, os

noivos só se juntavam ao fim das festas do casamento. Diziam os pregadores que só depois da festa terminar é que estes se podiam consagrar um ao outro. E por isso as “visitas” dos casais jovens ao novo par, traduzidas sempre na oferta de um pequeno presente de enxoval ou outro, só tinham lugar no Domingo seguinte ao do casamento, quando os noivos estivessem já a sós a viver o seu estado de graça.

Quando a cerimónia acabou seguiu-se a assinatura no livro de assentos da paróquia. Os cumprimentos à saída da Igreja vieram depois do lançamento de pétalas de flores e de umas mãos de arroz sobre os casados, e não fora uma trovoada de verão que se abatera durante uns minutos, poderíamos dizer que tudo tinha corrido da melhor forma. Ali cruzaram-se dois comentários: o dos agricultores da terra que sabiam que “a falada água de S. João tira azeite e vinho e não dá pão” e a da Ti Caçoila, uma outra peixeira da Vieira que vendia também peixe lá na terra que dizia:

- “Oh filho, casamento molhado, casamento abençoado”.

A água que escorria do céu só vinha prejudicar os vizinhos que como costume haviam colocado no umbral de uma das alpendoradas por onde os noivos iam passar travessas de arroz doce e umas garrafas de abafado para matar a fome e a sede aos convivas. Em troca estes deixavam umas moedas para a cozinheira que seria revertida na visita aos noivos. Aconteceu que os vieiros lançaram-se de imediato sobre os doces e não fora um dos criados dizer-lhes que podiam vir beber um copo com os noivos, não tinham deixado nada para os demais convidados. A fome era negra lá nas dunas, junto ao mar ...

À entrada da casa da Várzea, no meio de flores e de verdura pelo chão e de uns arcos ornados com fitas e balões estavam os dois criados da casa com as sanfonas. Foi o que os vieiros quiseram ver. Juntaram-se a eles e não fora a ameaça de mais uma chuvada bem a canja de galo velho, o arroz de cabidela, o cabrito no forno e os doces, muitos doces,

tinham arrefecido com a animação do grupo, antes ainda do repasto nupcial. À mesa o sacerdote rezou uma oração por alma da família dos senhores da casa, do pai do José e até se lembrou da Ti Ana que ali gostaria de estar, se fosse viva, para contar as suas muitas histórias e acalmar algum comedor mais inveterado. Como de costume o repasto prolongou-se pela tarde dentro e no dia seguinte os convivas regressaram ainda para recuperarem forças para a viagem. Depois, as sobras foram distribuídas pelos pobres do lugar.

Como era costume a festa, devidamente preparada, foi vivida pelos vizinhos que durante esses dias associaram-se à felicidade dos noivos e da família. Contudo depressa a vida normal recomeçou. Agora sim, José e Conceição estavam juntos e como tinha ficado aprazado, iam habitar a parte sul da casa. Tinha entrada e serventia independentes e com possibilidade de ser aumentada quando a família crescesse. Havia muito espaço junto das figueiras e mesmo que fosse necessário cortar uma das nogueiras para fazer mais um quarto, não fazia mal: havia outras para as substituir.

No dia seguinte ao da despedida dos convidados, como era habitual, o noivo devia ir com o sogro visitar as propriedades da família. Uma vez que não havia filhos essa tarefa competia ao genro mais velho. Não era o seu caso mas como o outro não quisera assumir essa responsabilidade, tinha de ser ele a fazê-lo. Depois, só depois dessa visita, podia concentrar-se em casa e cuidar da sua jovem esposa.

Como era usual a mulher tinha uma função muito caseira, devendo cuidar do lar e ajudar a mãe. Não podia sair sem ser acompanhada e essas saídas eram curtas e raras. Só era permitido ir junto com a família à Igreja e visitar um ou outro doente. É certo que as camponesas tinham de trabalhar no campo, de sol a sol, na companhia dos homens. Mas como a noiva era de família com algumas posses não ia fazer essas lides. Contudo, à semelhança do que fazia sua mãe, não devia deixar de

acompanhar os jornaleiros e de orientar os trabalhos do casal que agora repartia com os do seu próprio lar. Assim correram os primeiros meses enquanto não lhe surgiram os enjoos, os vômitos, os desejos inesperados. A barriga, essa não parava de crescer. Seria uma ou duas crianças, como se dizia no lugar? Só o tempo o iria mostrar.

O Senhor de Leiria, ao saber que José ia ser pai, chamou-o e congratulou-se com essa novidade. Aconselhou-o ainda a não esquecer de dar o seu nome paterno à criança, caso fosse do sexo masculino ou o nome da mãe, se fosse do sexo oposto. Era uma proposta em que ele não tinha pensado uma vez que a atribuição dos nomes dependia da vontade dos padrinhos e da sugestão do padre. Os pais pouca interferência tinham nesse processo. Mas como era sugestão do patrão decerto que a ia cumprir. E não lhe sobrava tempo para deixar de pensar na sua casa, na Conceição e na criança que esta carregava no ventre. De tal forma que era vê-lo agora mais pensativo, sentado à porta da casa sempre que podia e a contar as estrelas do céu que ornamentavam o firmamento. Depois de cumpridos os trabalhos no campo, o futuro pai refugiava-se em casa como que em retiro espiritual a preparar-se para a sua nova missão. As paródias com os amigos tinham ficado para trás. Assim aconteceu durante o período de gravidez.

Quase ao fim de uma semana ausente nos trabalhos do campo, José decidiu antecipar o regresso e quando abriu o portão reparou que havia luz no quarto da mulher e vultos que se movimentavam. O que estava a acontecer? Sem se preocupar muito com o alforge que trazia ou mesmo com a água que escorria da capa que lhe guardara a chuva, soube do se passava. Tinha rebentado o saco das águas e a todo o momento, ia ser pai. A família estava inquieta pois ainda faltavam uns dias para a fase da Lua. A antecipação do nascimento podia não ser um bom augúrio. E contrariamente ao que era estabelecido depois de beijar a mulher, que

se contorcia no leito, suada e banhada em lágrimas, o recém-chegado encostou-se à cabeceira da cama e tomando a mão da mulher entre as suas, deixou-se ficar. Nenhuma das presentes ousou dizer-lhe palavra, atrapalhadas como estavam em socorrer a futura mãe. No comando das operações estava a avó Iria, a curiosa que o tinha já amparado e que servia de “Ai-Jesus” a todas as mulheres do lugar e mesmo de outros sítios mais distantes. Todas as famílias confiavam nela. Foi assim que depois de várias tentativas no sentido de colocar o feto em posição de sair, o nascituro decide deixar a barriga da mãe, para alívio seu, da progenitora e contentamento dos presentes.

Tinha nascido um rapaz, já com bom peso, com todos os sinais vitais próprios de uma criança normal. O pai colou-se à cabeceira da mulher, beijou-a novamente mas esta não teve oportunidade de lhe retorquir: fechara os olhos e parecia adormecida com o esforço do parto. Aquele atravessou a sala e encaminhou-se para junto da imagem de N^a Sr^a da Luz, uma imagem com uma Senhora vestida de branco e murmurou a oração que havia aprendido na Igreja. Estava grato por estar ali bem perto da família quando ela mais precisava. Ia ainda embrenhado nas suas orações e promessas quando a porta se abriu e entrou, apressado, o sogro. Um abraço prolongado foi firmado entre as duas personagens que trocaram informações sobre a mãe e a criança. O resto seria apreciado mais tarde.

Como lhe competia, o jovem pai certificou-se que as coisas estavam calmas, levantou-se do cadeirão que estava junto a uma das janelas, voltadas para a mata que cercava a casa e foi avisar o sacristão. Como este ia todos os dias a casa do Pároco tinha de lhe mandar a notícia e pedir a marcação do batizado do petiz, José Jorge. Assim o fez depois de uma paragem na capela do Santo, onde deixou uma pequena moeda de agradecimento e devoção. Embora tivesse mais moedas no bolso, tinha de as guardar para as despesas imediatas. Depois de falar com o

sacristão foi a casa do barbeiro e pediu-lhe para passar lá por casa para se certificar do estado da Conceição e da criança. Este era um homem experiente e embora confiante no trabalho da tia Iria, o certo é que as novas responsabilidades perante a sua família assim o aconselhavam.

Dando meia volta quando já se encaminhava para casa, voltou atrás e foi a casa da mãe. Depois de muitas perguntas e recomendações despediu-se e seguiu o caminho conhecido. Regressado a casa, como a mulher ainda dormia, provou a canja de galinha velha que ia alimentar a parturiente nesse dia e nos dias seguintes. A cozedura da galinha deixava um lastro de gordura na panela que ia sendo alimentado com carregamentos sucessivos enquanto durasse a dieta. Tirou umas colheres para o prato que ele enfeitou com um ramo de hortelã e umas migas de pão cozido nos dias anteriores. Também ele precisava de recuperar do esforço de ser pai e manter a forma para os dias imediatos, sobretudo para o batizado de seu filho.

Ao longo dos quinze anos seguintes, José viu nascerem-lhe mais seis filhos: três varões e três raparigas, das quais a Rita e a Angélica foram enterradas como anjinhos. De nada lhes valera as rezas da mãe e da avó, as curas do barbeiro ou as mezinhas que o pai trazia de todo o lado. Pelos 3 anos, o garrotilho e o sarampo levaram as crianças mesmo depois de terem ficado em quarentena na parte traseira da casa para não pegar a doença aos irmãos. Foi uma tristeza nessa casa. Lá se tinham ido os anjinhos que ele tanto gostava de ver a brincar na lareira e, sobretudo, quando a mãe pegava na cilha de madeira e os punha no banho, ali bem perto da fogueira para não arrefecerem e terem a roupinha e os cueiros bem quentes.

À medida que as crianças iam crescendo brincavam uns com os outros, como se os mais velhos sentissem já a responsabilidade de cuidar dos mais novos. Como de costume a mãe estava sempre presente e lá os ia ensinando a rezar, a comer, a vestirem-se, a ler e a tratar da

família e dos conhecidos. Certo era que as refeições eram tomadas sempre em conjunto. Estas eram um espaço de convívio onde se estabeleciam as regras de conduta: primeiro o pai agradecia ao Senhor, antes da refeição; este era o primeiro a servir-se e antes que ele metesse o garfo na boca, ninguém o devia fazer; a broa era servida coberta por um pano, nunca sendo colocada na mesa com o lar para cima; as migalhas do pão e os restos da comida eram postos num alguidar para servir os animais. Nada se podia perder... A conversa fazia parte do cardápio habitual; a reza final, sobretudo na refeição da noite, assinalava o fim do encontro familiar com a ida para a cama dos mais novos, o tempo de descanso para os mais velhos e a preparação das lides do dia seguinte.

A vida familiar fazia-se em conjunto, com as ausências previstas do pai e a ajuda da tia materna e de um jornaleiro diário que ia trabalhar no campo e ajudar a contratar gente das redondezas, se necessário. Pelo meio tinha as idas a Leiria prestar contas ao patrão, viagem que fazia na sua montada oferecida por uns senhores do Ribatejo e que substituiu a velhinha mula que há tanto o acompanhava. E como nestas questões de negócios a inveja anda no ar certo dia, na saída da Gândara, encheu-se o saco com as conversas do companheiro que o seguia – ainda por questões antigas do tempo do namoro – e acabaram por brigar no chão, sob o olhar espantado das mulas de carga com os alforjes carregados de melões que acabavam de colher.

Iniciadas as viagens à Borda d'Água, José ia conhecendo novas gentes e afirmando a sua pessoa entre o dono da quinta que servia, os capatazes, os vareiros e os jornaleiros que às suas ordens seguiam para as Lezírias de Santarém. Sempre disposto a partir e sorridente à chegada, fazia por render os talentos aprofundados em função das necessidades da vida. Para ele, “tempo que se perde não se torna a

achar”. Foi então que numa dessas deslocações, ia aí para o seu quarto filho, que a demora foi mais prolongada.

Em casa de um dos senhores, no sítio da Goucharia, celebrou-se uma grande festa em honra ao Príncipe D. Miguel - o infante que durante a sua estadia no Brasil havia sido tão molestado pelas febres, pela tísica, por vermes intestinais e queimado uma das mãos com uma bomba dos santos populares - agora regressado do Brasil e que, diziam, fortemente apoiado pela rainha sua mãe, vinha tomar conta do Reino de Portugal. Uma vez regressado ao seu país o futuro Príncipe Regente, por ora na capital do Reino, tomava conhecimento das muitas alterações políticas e sociais que varriam a Europa. Ao tempo, como terceiro filho do rei D. João VI e da rainha Carlota Joaquina, deslocado para o Brasil em 1807 - com cinco anos, apenas – quando da ameaça das invasões francesas e regressado daquele país em 1821, cumpria a missão de orientação dos negócios públicos do Reino, tarefa que assumira a pedido da Rainha que sonhava tomar o poder absoluto em Portugal e que lhe ocupava todo o tempo.

Apesar das lutas entre os liberais e os absolutistas a guerra ainda não tinha estalado e os movimentos de uma e de outra parte restringiam-se, por enquanto, na afiliação de novos adeptos para as duas causas. E em Leiria a situação era idêntica à do país: os partidários do poder tradicional e absoluto da realeza e os adeptos das novas ideias e práticas introduzidas na Europa depois da revolução francesa, confrontavam as suas razões e argumentos. À data os fidalgos dos dois partidos encontraram uma situação de poderem avaliar as forças que tinham a seu lado e incentivaram as festas e torneios de luta e defesa pessoal, como que querendo intimidar os adversários.

Foi nessa ocasião que José foi chamado ao jogo da vara. Conheciam-lhe os seus dotes e habilidade confirmada nas festas, nas romarias religiosas e nas feiras onde se deslocava frequentemente. Deste

encontro saiu-se tão bem que foi convidado a capitanear o grupo de defesa da casa do Terreiro. Rendidos à sua audácia e destreza logo lhe vieram com novas propostas de trabalho. Entre elas a apresentada por um amigo do patrão, com origem no guarda-mor da casa real, era irrecusável: pedia-lhe para ir a Lisboa dar umas lições de “esgrima popular” – como lhe chamavam na corte - ou seja, de manejo do varapau, ao Príncipe D. Miguel tido como confidente de sua mãe, a rainha Carlota, e muito dado a festas e a manifestações populares.

Estes traços não seguiam o perfil da soberana, com origem na família dos Bourbons - tetraneta de Luís XIV - de França, tida como mulher culta e dedicada para com a família, embora politicamente ambiciosa, sobretudo depois de se ter afastado para o Palácio de Queluz deixando o rei a viver no Palácio de Bemposta, em Lisboa. A sua ascendência familiar trazia-lhe orgulho sobre o seu passado, sobre a vida futura e o tipo de regime que queria impor ao reino de Portugal. Tal está consubstanciado no Alegreto que mandou preparar e pagou para acolher seu filho, D. Miguel quando da sua chegada a Lisboa (1828) – *D. Miguel chegou à Barra:*

“Dom Miguel chegou à barra
sua mãe lhe deu a mão:
anda cá meu filho qu’rido
não queiras Constituição.

Rei chegou, rei chegou
Em Belém desembarcou.
Aos malhados não falou,
realistas abraçou.

É certo, e mais que certo,
D. Miguel ser nosso rei:
É certo, e mais que certo,
que assim é que manda a lei.

Rei chegou, rei chegou, etc.

Se Miguel nos altos Céus
Anjos maus fez confundir,
É Miguel no trono luso
Que os mações vem destruir.
Rei chegou, rei chegou, etc.”

Com aquele pedido José nem queria acreditar. Então ele, trabalhador rural, era assim considerado tão bom? Na verdade lá nas redondezas ninguém o levava de vencida, a não ser à falsa fé, mas daí até ir ensinar a pelejar o futuro Rei, era algo que não lhe passava pela cabeça. E não fora as ceroulas apertadas que lhe cobriam o ventre até acima da cintura, decerto que se tinha borrado só ao ouvir esse convite... E agora vinha-lhe à memória quanto tinha sido bom, em pequenito, ter escutado as conversas da Ti Ana que lhe dissera que um dia havia de estar perante o “trono”. Na verdade quando morresse devia esperá-lo o Reino dos Céus e então sim, havia de confessar os seus pecados ao Criador que o julgaria a preceito. A velhota afinal tinha mesmo poder de adivinhação. Antes do juízo final ia encontrar-se com o futuro Rei...

O Senhor de Leiria recomendou-lhe para se ir treinando enquanto ele mandava guarnecer um lodão especial com as armas da casa real gravadas em chapa de prata, para o mestre oferecer ao seu aluno quando houvesse oportunidade. Dada a popularidade do príncipe e o gosto que tinha em se reencontrar com o povo depois do seu regresso do Brasil, tudo podia acontecer. O que se verificou no entanto foi que, quando este chegou a Lisboa, em plena crise política causada pelas lutas liberais, não foi além de Salvaterra de Magos. As preocupações eram muitas e não podia afastar-se demasiado da Rainha, sua mãe. Foi nesse local que o mestre veio a ficar durante uns dias, procedendo ao polimento das varas com que ia ensinar ao futuro monarca as regras básicas e os passes de defesa, de ataque individual e de combate em

grupo. Entre eles o que o Príncipe mais apreciava eram as “varredelas” e a “enviesada”, também conhecida por ‘atirar a matar’. Era tido como um golpe fatal e se o inimigo não se resguardasse seguia direitinho dali para a vala comum...

Quando começaram os preparativos para esta saída já Conceição começara a sentir uns enjoos, prenunciado o estado de gravidez em que se encontrava. Contudo, para não atrapalhar a ida do marido, só na noite anterior à sua partida é que lhe confirmou essa novidade. E ele nem queria acreditar. Ser pai de uns matulões que o pudessem acompanhar por todo o lado, era um sonho que estava ao seu alcance. Pela primeira vez o baú de viagem foi devidamente tratado por mãos femininas. Roupa interior limpa, camisa de ver o Senhor dobrada e a jaqueta domingueira devidamente composta, para não se engelhar. Na saca do farnel seguia o unto e uma broa para matar a fome. A cabaça, cheia de um tinto de São Miguel, era outra companhia que não se podia desprezar.

A viagem até à beira do Tejo foi feita com o feitor dos senhores de Leiria. Começou na Portela e seguiu pela Azóia até próximo de Porto de Mós. Depois foi continuar serra acima, serra abaixo até à planície do rio Tejo. É certo que o percurso era longo mas os homens iam tagarelando até que chegaram à casa de um parente afastado dos patrões, onde havia sempre um palheiro e um caldo quente para retemperar as forças. A seu lado, José ia observando com cuidado o percurso: uma subida aqui, um pedregulho além, uma lapa mais à frente onde se acolhiam bons coelhos, outra mais distante onde se podiam acoitar lobos que desciam até a povoação e, mais distante, o percurso mais perigoso por ser talhado em pedra solta, que nalguns casos sustentava os muros de vedação dos pequenos pedaços de terra vermelha onde se semeavam os cereais. Mais longe, umas grutas que segundo uns diziam davam para as “entranhas da terra”. Constava até que um dia um dos mendigos que

ali passava, ao entrar numa dessas bocas, escorregou e nunca mais apareceu. Em dias de vento, o eco dos seus gritos de dor pareciam vir ainda lá do fundo e assustavam os incautos que por ali passavam. Não deveria ser lenda dessas terras para afugentar os intrusos, pois era certo que em dias de tempestade ouvia-se um som abafado que vinha das profundezas das rochas.

Mais à frente, quase ao chegar às bordas do planalto, em zona estéril mas no cruzamento de outro caminho, assinalado por umas alminhas meio destruídas, era necessário ter muito cuidado. Não raro apareciam ali uns malandros que roubavam e maltratavam os caminheiros. Naquele dia, porém, não se via viva alma. E como estavam ainda frescos da viagem, isso é que foi andar até que, já de noite, conseguiram chegar à baixa da serra onde pernoitaram. No dia seguinte esperava-os uma viagem mais fácil do que a dos caminhos pedregosos e íngremes do planalto de St^o. António, até ao local aprazado. O príncipe tinha subido o Tejo e encontrava-se ali bem perto, em Salvaterra de Magos, terra bem conhecida das famílias régias desde que D. Dinis, aproveitando-se dos ensinamentos do Frei Martinho de Alcobaça, decidira mandar romper os pauis aí existentes, conjuntamente com os de Muge e de Valada, como havia procedido no termo de Leiria com o paul de Ulmar.

Quando se deu o almejado encontro, José já vinha instruído sobre os procedimentos a tomar. Devia ajoelhar-se e beijar-lhe a mão, tratá-lo sempre por Vossa Mercê, dar-se sempre por vencido, dizer poucas palavras e nunca ousar olhar-lhe nos olhos. Quando muito, ao nível do nariz... Foi assim quando se iniciaram essas lições. O mestre tremeu que nem varas verdes quando o Príncipe apareceu, pronto para o combate. Nesse primeiro encontro, ajoelha-se e remata:

- “Meu Real Senhor, aqui está o seu criado para o servir”.

Este, que não contava com uma receção tão calorosa, diz-lhe com voz de monarca:

- “Levanta-te homem. Estou aqui para me ensinares a defender contra os meus inimigos”.

E dito isto levantou a vara de freixo que trazia consigo e que lhe chegava à cabeça, e preparou-se para a primeira lição desta arte marcial. Não foi de imediato que o fez, mas logo o príncipe compreendeu que se devia desfazer da farda militar e ficar em mangas de camisa.

As regras que José transmitiu ao futuro monarca resultavam da sua experiência pessoal, cruzadas com um conjunto de ensinamentos que primeiramente lhe tinham sido transmitidas pelo pai e pelo tio-avó Joaquim, quando este regressou à terra vindo das armadas do oriente, tão cheio de fé e de palavras acertadas que não se cansava de repetir: “Se queres aprender a orar, entra no mar”, assim se justificava. Deu-lhe igualmente umas dicas sobre o pouco que aprendera no aquartelamento quando foi às sortes e, sobretudo, da experiência acumulada em algumas refregas mais complicadas. Não as tinha escrito, mas na sua cabeça estava tudo registado:

- Como iniciar a luta? Tinha de ser em espaço aberto e desocupado, num raio superior ao do comprimento da vara e de braços estendidos;
- Que precaução ao manejar a vara? Bem agarrada por ambas as mãos e bem longe do corpo;
- Como treinar? Fora do alcance de outras pessoas, proibindo a aproximação de terceiros, sobretudo pela retaguarda;
- Como colocar os pés e o corpo em defesa e no ataque à sua esquerda ou à sua direita;
- Como aproveitar a força do inimigo, anulando-a e ganhando poder sobre ele;
- Como sair da luta, em caso de necessidade.

Feitas estas considerações iniciais passou depois ao exercício físico ensinando-lhe as diferentes posições: no início, a postura vertical e a postura base do jogo. Aí o corpo tinha de estar dobrado sobre o membro inferior e a vara em posição de ataque; depois, o modo de pegar a vara com as duas mãos; a seguir, os deslocamentos relativos ao avançar e ao recuar, ao entrar e ao sair da área do jogo; por fim, os deslocamentos laterais e, ainda, os sarilhos de cima e de baixo. Já depois do futuro monarca dominar estas técnicas fundamentais, foi a vez de lhe ensinar o “sarilho”, a “guarda” e a “enviesada”, técnicas pelas quais o “alamão”, devido à sua estatura e força, arrumava definitivamente o adversário mais difícil e com a qual, diziam os amigos, havia aviado alguns dos franceses (e não só...) com que havia combatido. Quando esta técnica falhasse, a “arrepiação”, não sendo do seu agrado, era a que os adversários mais temiam por este golpe poder atingir as “partes”, situação que os colocava de imediato fora de combate.

As lições sucediam-se pela manhã, quando o jovem estava ainda fresco e antes de começar a receber as muitas pessoas que o vinham saudar. Por isso o contrato do mestre incluía, durante a tarde, o mesmo tipo de lição aos guardas do príncipe perante o olhar atento deste que da sala onde recebia as visitas continuava, à distância, a seguir as técnicas de defesa marcial sem ser obrigado a danar o corpo. Tinha de se preparar para outros voos e acontecimentos e por isso as lições que tomara serviam-lhe apenas para cuidar da sua defesa pessoal. Durante dias os encontros seguiram-se com proveito para D. Miguel, que pelo meio dos ataques e defesas procurava saber, por parte de José, como estavam as culturas nos campos do Infantado de Leiria, dos quais recebia uma mesada estipulada em Cortes quando do seu regresso do Brasil.

Aproveitando os momentos de ausência, os guardas e os seguidores que passavam pela quinta para o saudar e jurar a sua fidelidade ao ideal

absolutista do príncipe iam beneficiando das lições de esgrima portuguesa. Mais tarde, como paisanos armados, muitos acompanharam o Príncipe e o seu exército até ao chão de Vila Franca. Aqui instalado a sua oposição ao poder régio acaba por ser bem-sucedida com a sua designação, pelo pai, para Chefe do Exército e preponderância junto da Corte, alicerçando o peso dos Realistas no governo do Estado. Tal aconteceu depois da sua submissão ao poder régio e a santa aliança da família real.

No decurso dessas sessões de treino o príncipe, antes do seu exílio na Europa e posterior regresso a Portugal para assumir o trono, tinha tempo de trocar impressões com o mestre, que aprendera a admirar pela sua rudeza espontânea, pela valentia e, imagine-se, pelos conselhos que o homem lhe dava. Em recompensa o futuro Monarca oferecera-lhe trabalho numa das suas propriedades próximo da capital. José recompensado financeiramente pelo seu esforço agradeceu e não fora o exílio do Príncipe antes ainda das lutas liberais que marcaram o seu reinado e conduziram à sua derrota e saída do país, certamente que teria tido outro futuro mais risonho do que aquele que o esperava.

No regresso a casa e durante a viagem - como sempre por caminhos diferentes devido aos maus encontros e aos recados que se comprometia a fazer - o mestre foi sabendo notícias dos desaires do futuro Monarca, mantendo o seu trabalho de Maioral dos ranchos que das terras do Lis vinham trabalhar para a Borda d'Água. Mais tarde, quando D. Miguel voltou do seu exílio na Europa, o futuro monarca requisitou novamente os seus serviços, desta vez no palácio da Rainha, em Queluz, onde mantinha a sua guarda pessoal. Só que, desta vez, as muitas solicitações do Príncipe regente não lhe permitiam tempo para grandes lições, deixando-o liberto para a instrução aos seus servidores mais próximos.

Já durante o reinado deste as responsabilidades assumidas pelo homem do Souto na condução dos ranchos para o vale do Tejo levavam-no a afastar-se de alguns locais onde a chama Liberal estava mais acesa ou dos que sabiam do seu trabalho com pessoal do Rei. Não que renegasse a sua estima por tal personagem, mas porque se apercebera que a Magnanimidade do Príncipe não era devidamente acompanhada por muitos dos que lhe eram mais fiéis. Mesmo assim não esquecia a canção Miguelista e “caceteira”, que havia aprendido nas terras de Santarém – *Venha cá, ó sôr Malhado* (1832-1834):

“Venha cá ó sôr malhado,

ai ló!

Sente-se nesta cadeira

Tim, tim, dones, dones. (bis)

Diga viva D. Miguel

ai ló!

Senão parto-lhe a caveira

Tim, tim, dones, dones. (bis)

Venha cá, ó sôr malhado,

ai ló!

Tire já esse barrete

Tim, tim, dones, dones. (bis)

Diga Viva D. Miguel!

ai ló!

Senão dou-lhe com um cacete

Tim, tim, dones, dones. (bis)

Venha cá, ó sôr malhado

ai ló!

Meta a mão nesta gaveta

Tim, tim, dones, dones. (bis)

Diga Viva D. Miguel

ai ló!

Senão parto-lhe a corneta.

Tim, tim, dones, dones. (bis)”.

Triste com esses acontecimentos, nas suas viagens e itinerâncias aproveitava para recordar os bons momentos que conseguira disfrutar na companhia de tanta gente boa que o acolhera com prazer e que escutava as suas piadas e ensinamentos como se de um Mestre se tratasse. Afinal o José além das artes de defesa e da destreza do manejo da vara, sabia manter uma conversa sadia e com as suas graçolas animar os companheiros que com ele lidavam no dia-a-dia. Estes sabiam que ali contavam com um amigo que apesar de rude nos gestos e trabalho, os protegia e prestava auxílio sempre que necessário. Era por isso saudado no seu regresso e acolhido entre os amigos e até entre os que se opunham ao Príncipe, não o obrigando a alterar o estilo de vida quando da derrota em Almoester - estacionando depois em Almeirim, que tão bem conhecia - e da assinatura da Convenção de Évora-Monte, que levou ao exílio definitivo de D. Miguel, para o país do seu coração. Por isso se dizia: “Aonde his? A Évora Monte fazer barris”.

Embora tendo trabalhado nos campos de Santarém, cidade ligada à guerra civil que atingiu o país no início da terceira década de Oitocentos e da derrota dos partidários de D. Miguel na ponte de Santa Maria, os ensinamentos da luta clássica de manuseamento do varapau haviam sido aprendidos por ambas as partes da contenda e isso gerava alguma simpatia mesmo por parte dos adversários dos miguelistas, atentos às movimentações das tropas e do exército régio. Nem ele nem seu pai Soberano haviam conseguido “a restauração da tranquilidade pública, da justiça, e da segurança geral” como este tão ardentemente desejara.

Anos mais tarde a sua memória foi reforçada pelo envio de uma carta, escrita pelo punho do seu Rei preferido, a dar-lhe conta da tristeza que lhe ia na alma e a agradecer ao grupo do campo do Lis que o haviam acompanhado em algumas das suas lutas no continente, a sua

ajuda e colaboração. Então, sim, José chorou amargamente por reconhecer que não voltaria a ver o seu Senhor, contar-lhe mais uma das suas histórias, admirá-lo no seu uniforme e seguir o rasto da carruagem e guardas, quando se deslocava para fora do Palácio. Mesmo assim foi com orgulho que a carta com as armas do ex-Monarca permaneceu guardada no baú da sala de fora, junto da camisa de linho, da faixa de fazenda preta e do chapéu que o acompanhavam nos dias de festa. Servia até para ilustrar as voltas de uma vida partilhada com a família e os amigos, os habitantes de margens de rios diferentes e de serras distintas, em trabalhos sempre forçados pela vigilância e condução de ranchos e de grupos mais pequenos por terras de ninguém. Esse foi um documento que o acompanhou até ao fim da vida.

À medida que se intensificaram as lutas entre correligionários aliados do antigo regime monárquico e do liberalismo nascente, essas viagens passaram a ser mais espaçadas. A qualquer momento os trilhos de viagem, tão bem conhecidos desse homem, podiam ser invadidos por trauliteiros isolados, por grupos partidários e por salteadores que a coberto da insegurança no reino e nos muitos ermos do território atacavam os viajantes, assaltando-os sem dó nem piedade.

X. Retalhos de vida

As contas do meu Rosário

Não são contas de contar.

São contas que só têm conto

Nas contas pra me salvar.

Modesto como era, José continuou a trabalhar como feitor nos campos do Lis e a cuidar dos seus filhos e familiares como o fizera até

ali. Além disso não podia separar-se deles nem cultivar muitos sonhos uma vez que o Senhor que ele entronizara no jogo da vara estava agora bem distante do país, casado com uma princesa austríaca. Dessas viagens duas coisas eram certas: deixara os outros boquiabertos com a destreza do manejo da vara e eficácia das estocadas que nenhum senhor daquelas terras lhe tinha dado resposta; gostava daqueles campos abertos e muito férteis por onde corria o rio Tejo, cheio de peixe que até se via a saltar. Tal como nos campos de origem dizia-se: se “saltou o peixe, alegrou-se o tempo”, o que era bom sinal. E não podia esquecer a fertilidade da terra e a força do gado que lá se criava. As pessoas nem sabiam o bem que tinham e se era certo que todos os anos as cheias entravam pela porta dentro, a verdade era que nesses anos eles recolhiam a dobrar. A colheita do milho e do arroz, a criação de gado, a vindima e depois a apanha da azeitona - que iam ganhando maior importância desde que a rainha, a “Piedosa”, havia permitido novas plantações e a consolidação de novas tapadas e valados - compensavam os prejuízos causados pelas intempéries.

A vastidão dessa terra não se comparava à dos campos de Leiria, onde o rio sem caminho certo corria ao Deus dará. Se tal não bastasse apareciam por ali as sezões que deitavam os homens abaixo, quer na sua juventude quer em adultos, período em que mais precisavam de viver. Entre as febres que corriam na região, além das causadas pelo paludismo dos campos de arroz, a cólera foi insistentemente uma das pragas que atingiu os homens adultos envolvidos nas guerras liberais, sobretudo nas fileiras miguelistas, fazendo-lhes quebrar o ânimo, sobretudo na região do vale do Tejo onde o monarca D. Miguel, além de propriedades, contava muitos fiéis seguidores. Entre eles estava o capitão-mor de Santarém, conhecido pela sua fidalguia e caça às lebres que promovia, pelos bailes e festas de salão, pelas touradas que encantavam o descendente do rei “O Clemente”, deslocado com a sua

família para o Brasil onde o primogénito deu origem a um novo reino. Muitos reconheciam a nobreza do futuro rei D. Miguel, que segundo diziam, sem nos conhecer até nos saúda...

Foi no final do Verão que a família aproveitou para ir em peregrinação ao Senhor dos Milagres, colocar uma fita ao santo e levar-lhe uma vela para que guardasse os filhos que restavam e os que Deus ainda podia vir a dar-lhe. Pôs-se a caminho com mais uns lavradores da terra que levaram consigo, como era habitual, uns capões assados, uma tachada de arroz e um tinto de boa qualidade. O pão era comprado às boleiras dos Milagres, que rivalizavam com as do Chão da Laranjeira. Em cima das carroças puseram-se a caminho de manhã cedo a tempo assistirem à chegada dos círios de Leiria e das Colmeias. A chegada destes andores era um acontecimento digno de se ver. Enfeitados de verdura e de flores, com pães e frangos pendurados em espetos que exalavam um cheiro que só apetecia provar, vinham os fiéis com cânticos e orações sem fim. Era ainda a oportunidade de agradecerem as colheitas e de pedirem a bênção para os males dos animais da casa.

À entrada do recinto eram benzidos pelo Padre e depois seguiam em procissão com a imagem do Santo em volta da Igreja, uma construção de rico traço, com duas torres cimeiras e um corpo central que se assemelhava ao de uma pequena catedral. Diziam os entendidos que o modelo tinha sido trazido de Mafra por um soldado que lá tinha passado muito tempo e que depois se fizera mestre nas pedreiras de Pedra Furada. Não se sabia bem como ele conseguira tal desenho, mas o certo é que a Igreja era uma construção imponente, erguida em cumprimento de uma promessa de um parálítico que ao ser atacado e vendo-se desprovido da cortiça em que assentava os cotos dos membros inferiores e sem meios de poder seguir a sua jornada, encheu-se de fé e chamou pelo Senhor Jesus de Aveiro. Sendo atendido depois de um sono profundo e sentindo-se curado, fez erguer ali uma cruz. Com o

dinheiro das promessas foi depois construída uma capela e mais tarde um santuário dedicado ao Senhor de Maio, mais tarde ao Senhor Jesus dos Milagres, situado no termo da cidade de Leiria – “a três quartos de légoa distante para a parte de Noroeste, hem uma charneca sobranceira à ribeira de Godim”⁴. Iniciada a sua construção em 1730, era bonito visitá-lo nos quatro dias de festa em que o recinto ficava repleto de gente de fora, quando as arcadas laterais albergavam os romeiros que iam em peregrinação e pernoitavam no local para assistirem às missas cantadas, aos sermões e ao fogo preso, próprio de “galantes inventos”.

À chegada, José teve um mau prenúncio. Dera de caras com um pedinte que diziam muito perigoso e com o qual já se tinha cruzado ali perto do Arneiro dos Belos, numa ida à feira dos 29. Agora fazia-se passar por santo juntando-se aos demais romeiros. Sem o querer fez um gesto de revolta mas conteve-se e seguiu o seu caminho com os demais que o acompanhavam. Pagou as suas promessas e voltou para o arraial como que a querer certificar-se de que não haveria mais presenças incómodas. Foi então que notou um forte alarido, à saída do Santuário. Aí deparou com o dito personagem em apuros, agarrado pela multidão. Não é que o danado tinha mesmo sacado a bolsa a um dos peregrinos? Ferido de raiva, José correu em socorro da vítima e obrigou-o, ali mesmo, a devolver a dita.

Depois de uns pontapés bem assentes no traseiro do ladrão, ao virar as costas, este dá meia volta e incita o gigante para um desafio. Por ser um local de culto José hesita e antes de tirar a jaqueta que trazia aos ombros já o outro, à falsa fé, estava a dar-lhe uma varada que lhe feriu os pés. Movido de raiva o paroquiano do Souto salta-lhe em cima e desfere-lhe uma paulada que se o apanha tinha encomendado, ali mesmo, as medidas do caixão. Valera-lhe um burro lazarento que o

⁴ Gazeta de Lisboa Occidental, nº 42 (1738), p. 504

acompanhava, mais a uns comparsas que vinham com ele. Com a violência da paulada o bicho dobra as patas dianteiras e estatela-se no chão. Ao cair, o alforge onde estavam armazenadas as mercadorias dos furtos, entre elas uma arma de fogo, para o que desse ou viesse, cai-lhe à mão e o malvado agarra-a e aponta-a ao adversário, incitando-o a chegar perto dele.

O ruído da confusão chegara entretanto às portas da Igreja e fez ali acorrer mais peregrinos, entre eles a família e amigos que tinham saído da Ortigosa. Junto a eles vinha o padre, um cónego da Sé de Leiria, com uma estola rendada por cima da batina e chapéu de quatro bicos na cabeça. Era o mesmo que momentos antes, para se ver livre do ladrão, tinha-lhe passado para a mão uma moeda das grandes com a promessa deste sair do recinto e fazer-se à viagem. Quando chegaram à cena da luta já os filhos mais novos estavam agarrados às calças do pai, pedindo-lhe para ficar quieto. Conceição e os filhos mais velhos tentavam segurar a espingarda do malvado que teimava em mantê-la fixa e apontada ao peito do adversário. Diante desta cena as mulheres choravam e os homens faziam tudo para os separar. Habitado a lidar com situações perigosas o paroquiano do Souto continuava a desafiar o intruso e a incitá-lo a atirar ali mesmo, diante do Senhor dos Milagres⁵, pois “homem honrado, antes morto, que injuriado...” E só a presença do Cónego, que ameaçou o malfeitor de excomunhão e de o levar à justiça de seguida, fez com que este baixasse a arma, que foi confiscada pelo sacerdote, e empurrando-o para fora do recinto, aquele seguiu viagem. Mais reflexivo, José pensara no seu íntimo: “onde se dão, aí se apanham”...

Foi um alívio quando a família voltou a sentar-se na carroça e depois de terem rezado mais uma vez ao Senhor dos Milagres, voltaram a casa.

⁵ Ano de 1849 (O Couseiro)

Os miúdos, inconscientes do perigo que o pai tinha corrido, agarravam-se às suas calças mas agora de contentamento. Por sua vez a mulher rezava baixinho para que os seus pedidos fossem escutados pelo Senhor. E, depois de mais uma volta de despedida em torno da Igreja, rumaram a casa. Durante a viagem o chefe da família foi meditando como é que a sua vida vinha a correr desde o dia em que, chegado a casa, por antecipação do destino, encontrara Conceição em trabalhos de parto e, sem o contar, acabara por lhe prestar a sua assistência presencial. Daí em diante o seu auxílio foi uma constante em todos os partos da família de tal forma que a tia Iria dizia que se José fosse uma mulher, já tinha quem a substituísse. E não fosse ele homem, estaria decerto preparado para emparelhar com qualquer curiosa menos experiente, trabalho que decerto não ficaria incompleto.

Quis o destino que estas experiências o levassem a dar uma ajuda aos animais. Sempre que necessário, aí estava ele com o cuidado de mestre a esperar e mesmo a provocar as primeiras águas e a aliviar o trabalho das bestas, manejando no interior do útero o feto do animal quando teimava em não sair. E na hora certa, aí estava a cria, pronta a ser acolhida pela mãe. O trabalho agora feito ia até mais além e juntava-se ao serviço de capador. Era vê-lo nestes trabalhos a manter a presa entre os joelhos, a espernear e grunhir que às vezes até metia medo, a pegar nas bolsas do animal, a retalhá-las com a sua navalha afiada e depois da extirpação dos testículos, a lavar a bolsa com azeite e um unguento feito com aguardente e umas plantas que ele trazia consigo e que poucos conheciam, a cozer as partes de forma cuidada. Por fim, espalhava um pouco de farinha sobre o escroto para impedir o serviço das moscas e ele mesmo se encarregava de pôr de pé o suíno e de lhe dar o primeiro caldo de abóbora na pia de pedra usada como comedouro. Dizia ele que esta planta ajudava a recuperação do animal evitando as complicações que poderiam surgir. Não sabemos as razões mas o certo é que este

trabalho, que nem todos sabiam fazer, era bem realizado e raras vezes algum conterrâneo seu fora obrigado a mandá-lo chamar para abater a besta por causa da doença.

Tal como fazia com a navalha de capador, e com a faca, também o cebolão - de maiores dimensões do que o usado na descamisada - era um instrumento que ele bem conhecia e manejava aí entre o Natal e o Entrudo, quando as manhãs eram mais frias e era chamado para as matanças do lugar. A ponta certa do ferro pontiagudo entrava no peito do animal, direitinha ao coração, esbatia a agonia do grunhir do suíno, ferido de morte. Depois entregava-se à queima do pêlo com o tojo e carqueja ardente sobre a forquilha; a lavagem do pêlo com água quente deitada pelo cabaço sobre a pele e raspada com a telha de barro. As voltas que ele dava até pendurar o bicho no chamariz de madeira antecipavam a operação de corte de cima abaixo, o esventrar do bandulho e a limpeza do ventre antes de o deixar a escorrer e esquartejar o animal. O troféu, que era o rabo do bicho, cabia-lhe por direito. Embora rude e teimoso José, quando podia, gostava de reinar. Por isso não esquecia de aproveitar um momento de conversa de um dos ajudantes para tirar as unhas do porco e metê-las sorrateiramente nos bolsos de um deles. Este troféu indesejado era sempre sinal de inexperiência e só aos novatos cabia esta prenda. Em dia de matança a festa prolongava-se pela noite dentro, com um cardápio diversificado que incluía a degustação das queixadas, o fritado das vísceras, o assar das febras sobre as brasas da cozinha e a pinga a condizer.

Pronto nas suas tarefas familiares não deixava de acompanhar a família nas celebrações religiosas do Domingo, nas festas dos Santos e nas festas do Souto. Aí foi mordomo do Santíssimo Salvador, tal como em Santo Amaro, sua terra. E crente como era e devoto do Bispo de bastão, na primeira linha estava a formação religiosa da família. Por isso desde garotos que a filharada partilhava a Missa na igreja do

Santíssimo Salvador com as aulas de Catecismo da irmã do Senhor Pereira, depois da morte deste. E ao Domingo, fizesse sol ou chuva, acompanhava os miúdos pelos caminhos do Paul, depois pela encosta da mina e era um pulo enquanto chegavam ao Souto. Aí, enquanto os garotos ficavam entretidos na brincadeira, ia com uns amigos comer uns tremoços e beber um abafado à tasca do Sr. Salvador - o tasqueiro com o mesmo nome do Santo – e trocar as últimas informações sobre a vida do lugar. Mas quando o sacristão tocava as últimas três badaladas, era certo que juntamente com os seus pares já estava a benzer-se junto das grades do altar-mor. Esta era a sua tarefa domingueira. Por sua vez, Conceição fazia o percurso de carroça, juntamente com a Mãe e a irmã. No regresso, os lugares vagos iam-se revezando entre os garotos que iam a pé e os que, porque lhe mordiam os sapatos ou por preguiça, se acolhiam no colo da mãe.

Pelo nascimento da Angélica - assim chamada pela pele branca que lhe cobria o rosto e fez a tia Iria dizer que até parecia um anjinho - mal ela sabia que meses depois, antes de gatinhar, ia partir como a irmã seguinte, a Rita, causando uma grande sofrimento à família. Daí que esta última gravidez tenha sido muito inquietante, com a mãe sempre muito pálida, com muitos suores e febre. O barbeiro, além de lhe dar as bichas de vez em quando e de lhe aplicar frequentemente as ventosas no dorso, obrigara-a a permanecer deitada pelo menos até ao sexto mês. Nessa altura José pensou que seria pai pela última vez e que depois desta ameaça, não voltaria a ter mais filhos. Era uma situação que não o incomodava. Esperava poder vir a ser pai mais vezes, mas isso dependia da saúde da mulher. Depois, ainda enfraquecida, a mãe engravidou dando à luz mais um rapagão e depois uma menina saudável. As coisas estavam a correr muito melhor, tanto assim que deu à luz mais dois rapazes que lhe serviam de companhia, enchendo os

corredores de algazarra nas suas brincadeiras traquinas com tudo o que encontravam à mão.

Com os cuidados do marido e da família, com o auxílio dos garotos e o prazer da sua companhia, Conceição recuperara até as suas boas cores. As maçãs do rosto e as ancas estavam novamente bem marcadas e a alegria de viver transparecia no seu dia-a-dia. De tal modo que além de acompanhar o marido frequentemente à foz do rio Lis, onde ia tomar os ares do mar e estar com a cunhada que tinha aí constituído família, também decidira visitar o cunhado que morava para os lados de Alvaiázere. Ainda não decidira descer até à Borda d'Água. Era uma viagem muito longa e o perigo espreitava. Por isso, quando a velha Iria lhe disse que o filho devia nascer na Lua seguinte, o patrão da casa foi ter com o substituto do Vigário e a pretexto dos quinze anos do seu casamento pediu-lhe para rezar uma missa festiva no altar do Santo. Como o sogro andava já com dificuldade e a velhota da sogra, rija como um pero - mas surda que nem uma porta - não entendia nada do que lhe diziam, tinha necessidade de alguém para lhe transmitir ao ouvido o que os outros diziam. Era um trabalho que o neto mais velho cumpria com prazer, recompensado por uma moedita que a avó lhe dava como paga desse serviço.

No Domingo aprazado foram em cortejo à matriz do Santo. O Padre tinha obtido autorização especial do Bispo de Leiria para celebrar sem ser em dia festivo e para isso tinha pago uma bula especial que remeteu ao Paço Episcopal. Foi bonito escutar a homilia que nesse dia escolhera sobre o tema da Sagrada Família de Nazaré. Sem se querer comparar às figuras do Evangelho, revia-se como o descendente de David e a sua Conceição, como a mãe de Jesus, que protegia o menino evitando as iras de Herodes. Uma vez rezado o ofício a carroça da família pegou a mãe de José - agora acompanhada apenas da sua filha Rita, uma solteirona que mantinha a ideia de entrar no Convento das Irmãs

Descalças - e rumou para o casal da Várzea. Como faltasse um pouco para o jantar, a pequenada teve permissão para ficar no jardim a brincar e só a mais velha é que entrou para ajudar a pôr a mesa. Por sua vez o dono da casa ficara a falar com uns jornaleiros que aproveitaram a ida à Missa para receberem as ordens do trabalho que tinham de concluir durante a semana. Quando o cheiro dos fritos chegou ao exterior, a família rumou para a sala de jantar ocupando cada um o seu lugar, ao mesmo tempo que a voz da tia Rita convidava para a oração de família.

Depois deste encontro por duas vezes a velhota do chão da feira quis saber do estado da nora. Parece que não gostara das olheiras que estavam a aparecer nem do esbater do brilho dos olhos que era seu timbre irradiar. Mas para não ser inconveniente, despediu-se dela com um beijo demorado, que repetiu em ambas as faces. Depois partiu na carroça conduzida pelo filho e pela pequenada que quis acompanhar a “Bó Mina”, como lhe chamavam. Atento às observações da mãe, no regresso o filho resolveu passar por casa do barbeiro e trocar impressões sobre o estado da mulher. Nada que este não soubesse uma vez que continuava a acompanhá-la com dedicação.

Colhida a informação rumou a casa e entreteve-se o resto da noite a fazer umas contas para acertar os pagamentos aos jornaleiros, devidos pelo reforço que o senhor do Terreiro lhe havia mandado depois de ter constatado as boas colheitas desse ano. Seguiram-se dois dias preocupado com as fortes dores de cabeça que obrigavam a mulher a ficar de cama. E ao terceiro dia, durante a noite, José fora surpreendido com as lágrimas da mulher, com o ventre a esvaír-se em sangue que ela afirmava serem as águas a rebentar. Tomado de surpresa mandou chamar a Ti Iria e ele próprio começou a ajudar a mulher. Como se contorcia a Conceição, com dores e mais dores. De vez em quando lá vinha mais uma jorrada de sangue vivo que a filha mais velha ia

limpando num gesto tão dedicado que não passou despercebido aos pais. E quando a idosa chegou, nada mais havia a fazer senão intensificar os preparativos para o parto.

Os esforços de José e de sua mãe, Iria, a que se juntavam agora os da sogra, não estavam a dar resultado, pelo que o patrão da casa mandou chamar de imediato o barbeiro para as ajudar. Talvez ele pudesse dar-lhe a cheirar algum daqueles sais que trazia, ou mesmo dar-lhe a beber dos pós que ressuscitavam os moribundos. Não era o caso, mas não podiam ver o sofrimento da Conceição que se contorcia e mais contorcia, sem que o parto tivesse lugar. Melhorada a posição eis que surge a cabeça do feto a querer sair. Mas nada. Havia algo a impedir a saída da criança. E o barbeiro, temendo que fosse o cordão a enrolar-se ao pescoço da criança, não está com meias medidas: puxa do bisturi e com a experiência que já tinha nestas situações, retalha com um golpe profundo a vulva da parturiente e a custo consegue retirar a criança da barriga da mãe.

Conjuntamente com esta vem nova jorrada de sangue e mais outra, qual delas mais abundante. Parecia que as entranhas estavam rotas... Depois preparam-se para limpar a parturiente. Esta porém, pálida como um cadáver, não abre os olhos, não esboça um sorriso, detém-se quieta e deixando cair os braços para o lado da cama, adormece esvaída em sangue. Não podia ser: a mãe acabara de falecer ao nascer o seu último filho, um rapaz de bom porte mas chorando intensamente. Como que antevendo o pior, a sogra cruza o olhar com o filho e acena com a cabeça. Desta vez tinha adivinhado o desaire. O luto seguinte foi duro de enfrentar mas o tempo correu a seu favor.

Agora viúvo e com um rancho de filhos à sua volta, José não tinha mãos a medir. Com a morte dos sogros, no espaço de um mês, tinha de cuidar das propriedades que havia comprado e das terras que herdara. Possuía as suas próprias cabeças de gado e mais umas tantas a “meias”

com os agricultores da região, que assim beneficiavam dos seus cuidados na altura do nascimento das crias e nas orientações que iam recolhendo junto deste homem cuja experiência começava a ser reconhecida nas redondezas. Com o dinheiro do gado criado “a meias” ia acumulando alguma riqueza à que ia juntando com a exploração da lenha, do mato, do milho e dos moinhos que já tinha ali para os lados de Carvide. Com a morte da Conceição chamou a mulher do jornaleiro para ajudar a irmã nos trabalhos da casa, e como estes não tinham filhos deu-lhes espaço para viverem junto aos seus.

Apesar de ter feito várias viagens nunca sentiu grande desejo de partir para muito longe da sua terra natal. É certo que tinha feito pela vida mas se tivesse seguido os passos do tio avó, que fora para o Brasil e nunca mais regressara (embora o dissessem rico), o que teria sido a sua vida? Restavam-lhe os filhos e, pelo sim pelo não, tinha de ir esperando que estes decidissem a sua vida e o que queriam fazer. Ele, independente como era, não gostava muito de se meter nessas coisas nem admitia que lhe falassem demasiado nas decisões da família. Tinha aprendido a viver sozinho e gostava que os seus construíssem a sua própria autonomia.

Por enquanto tinha de rever a sua posição como feitor. Os senhores das terras estavam idosos e quem mandava eram os filhos. Estes gostavam muito de cavalos mas devido às questões da política não se davam lá muito bem. E o feitor é que pagava as favas... Por isso uma recomendação aqui, outra recomendação ali e o certo é que ele tinha de fazer de mensageiro. “Não, assim não”, pensava para consigo: “Vou tratar de outra vida”. Remediado e sendo um homem de bem, não lhe faltavam pretendentes viúvas que esperavam dele um sinal, sobretudo depois da partida da mãe. Contudo mantinha-se fiel à memória da sua Conceição. Por isso, decidiu não voltar a casar.

XI. As viagens à Borda d'Água

Abaixa-te ó Serra de Aire

Que tenho de te passar.

Eu venho das terras baixas

Vou-me aonde, a trabalhar.

Nos primeiros tempos de viúvo os pedidos de trabalho continuavam a chegar-lhe. Foi então que um amigo do senhor de Leiria que residia na capital, sabendo que o “mestre do varapau” estava vivo, fez-lhe chegar um convite para lhe arranjar um rancho de bons trabalhadores para seguirem para umas propriedades que tinha para os lados de Santarém - cidade já conhecida do seu tempo das sortes e conhecida por “celeiro da capital” – a pouca distância da Golegã, em plena lezíria do Tejo. Mais ainda, precisava que ele fosse ensinar a sua arte, como o fizera já ao Príncipe Miguel, aos feitores da sua nova quinta do vale do Tejo.

A parte baixa da bacia deste rio, com as suas grandes lezírias, era o celeiro do país e a nobreza e os grandes senhores da terra bem sabiam o valor destas propriedades e das produções. Além disso a sua proximidade à capital e o preço baixo da mão-de-obra que aí se praticava, permitia que tivessem bons ganhos com poucas despesas. O Senhor em causa desejava vir a dedicar-se cada vez mais às coisas agrícolas e precisava que a sua casa se afirmasse como quinta modelo da gestão rural, da produção agrícola e ganhasse fama nas artes marciais. Assim, o seu prestígio subia junto dos outros proprietários do baixo Tejo e ficava descansado em relação aos ladrões de gado e da azeitona preferida pelos larápios sem terras que por lá andavam. Manda-lhe ainda dizer que aproveitava uma deslocação a Leiria para

acertar os detalhes em casa de outros fidalgos, compadres do seu antigo patrão. Decidido a mudar, José pôs-se a caminho.

A conversa não foi longa até porque o viúvo já se tinha apercebido, quando entrou no pátio da casa, que havia uma carruagem arreada, pronta a partir, com o cocheiro e o ajudante a darem os últimos retoques nas fivelas dos cavalos. O convidado do senhor da casa voltou-se para o viúvo e mirando-o de alto-a-baixo, disse-lhe:

- “Tenho ouvido falar na tua valentia e honradez. Pois bem, quero agora pôr-te à prova. Quero que me trates de arranjar um rancho, aí uma vintena de pessoas, homens e mulheres, para me tratem das propriedades, do gado e da apanha da azeitona lá para os lados de Santarém, em Alpiarça”⁶.

Dito isto, puxou de uma bolsa que jazia em cima da mesa e deu-lha, dizendo:

- “Isto é para o avanço do teu trabalho e para pagares aos que te acompanharem.”

Depois, acrescentou:

- “O resto será pago quando voltarem a casa. Tens aí o suficiente para os convencer a ficar na quinta até ao Natal”.

Abrindo o saco puxou de algumas moedas em ouro, que fez questão de as meter na mão do viúvo como que a incentivá-lo a partir depressa e a não regatear. Este assim o fez. Seguiu-se uma conversa breve em que lhe foram dadas algumas instruções sobre o trabalho, a jorna a pagar, os mantimentos necessários, a viagem e o regresso. No fim, o fidalgo da casa completou:

- “Fica bem entregue a este valentão”.

Da parte do criado foram-lhe dadas outras recomendações sobre os perigos da viagem, os assaltantes mais temíveis e os locais mais

⁶ Ano de 1842. A Azeitona era de Passos Manuel (“O Couseiro”)

perigosos, sobre os caminhos de ida e de regresso. Estes pormenores já ele tinha conhecimento quando das suas viagens à Borda d'Água e até através de outras descrições que ouvira junto de outros ranchos da região. Para o convencer, o feitor da casa acrescentou:

- “Sabes, o meu reumatismo já não me deixa montar como antigamente e o senhor não quer que eu ande nestas viagens para a Ribeira de Santarém. Por isso combinamos já a saída para daqui a duas semanas com o pessoal que conseguires arranjar”.

Passando-lhe para as mãos os arreios trocou mais algumas palavras e dirigiu-se para o portão largo de entrada, que foi abrir para a saída da carruagem onde entretanto o Senhor que tinha falado com o fidalgo de Leiria se havia instalado. Os cavalos relincharam de contentamento e depressa correram do pátio para a rua e daí saíram para sul. À despedida a criadagem inclinou-se perante aquela figura, que depois de acenar com a mão enterrou o chapéu na cabeça como que não querendo ser reconhecida. Este gesto mostrou um grande anel que os raios solares fizeram brilhar e que chamaram a atenção de todos: metal brilhante e pedras que reluziam à luz do sol, só vistas em alguns clérigos que frequentavam a casa, era sinal de dignidade, de poder e de riqueza.

Orgulhoso com a missão que acabara de receber, pegou na mula pelas rédeas e saiu, numa atitude de grande humildade. Percorreu a Rua Direita e chegou ao terreiro da Sé e como as portas estavam abertas, prendeu o animal às argolas do adro. Subiu as escadas e entrou no templo para uma oração. Momentos depois e como se obedecesse ao relinchar de um dos animais aí atados, o nosso homem saiu e agora sim, repimpou-se no bicho, partiu para norte, passou o Arrabalde e daí fez-se ao caminho para casa. Tinha necessidade de aproveitar já esta viagem para assalariar alguma gente da borda de cima do campo. Os da borda de baixo seriam falados a seguir e os do campo da Rainha seriam apalavrados mais tarde. Entretanto foi desfiando o nome de alguns

amigos que o haviam acompanhado nas sortes e noutras lides e que certamente estariam disponíveis para ir com ele. Quem sabe se algum deles não poderia servir de capataz e de ajudante deixando-lhe oportunidade e tempo para tratar de outros assuntos que o senhor precisasse? Como o tempo ia ruim, sempre era uma oportunidade de ganhar mais uns patacos, pensou ele.

Apesar da idade, aquilo é que a mula trotava por entre os caminhos que bem conhecia. Decidiu seguir para Mato d'Eira onde ia fazer a primeira paragem e seguir para Riba d'Aves onde até podia visitar a casa de um parente seu que não via há muito tempo. E no dia seguinte ia aos Conqueiros e descia pelas casas da Ortigosa de Cima onde morava mais um dos seus amigos que tinha de o acompanhar. Enquanto assim caminhava foi-se recordando das tarefas que devia deixar ao cuidado do filho mais velho, as recomendações que devia fazer à Irmã para cuidar da família, conjuntamente com os sobrinhos mais velhos enquanto estivesse fora; o adiantamento que tinha de deixar na loja para o pagamento das despesas da família; as ordens a dar ao criado da casa e à mulher deste para manterem a vigilância sobre os bens da casa.

A paragem na Mato d'Eira foi rápida uma vez que na terra a pouca gente que aí habitava estava já comprometida com a safra do Sr. Monteiro, um homem abastado do lugar que possuía uma boa folha e maquia. Depois partiu para Riba d'Aves e aí, por indicação de um tio-avô, ainda vivo, falou a dois vizinhos, pai e filho, que se mostraram disponíveis a segui-lo. Chegou a casa antes da ceia, tratou da mula, acomodou-a no pátio da casa e depois foi um serão como os demais, triste sem a sua Conceição, embora com a família em redor. No dia seguinte, bem cedo, lá foi aos Conqueiros e voltou à Ortigosa de Cima, onde o seu amigo não se fez rogado em relação à sua proposta de trabalho.

Como o ano não ia bom este comprometeu-se a subir a São Miguel e contratar aí mais um ou dois casais que iam engrossar o rancho, que aos poucos começava a aumentar. Sim, apesar da oferta de trabalho, interessava que as pessoas não bebessem muito e não fossem dadas a grandes zaragatas. Além disso só deviam ir as mulheres acompanhadas dos maridos e nada de viúvas, pois estas podiam chamar a atenção de algum rapazola e dar alguma chatice. Muito menos raparigas solteiras... Contento com os resultados da sua missão José, quase já noite, toma o caminho habitual e dirige-se para casa.

Sentado no topo da mesa da cozinha relembra o seu trabalho e do muito que tinha de fazer nas duas semanas seguintes. Tirou a saca com as moedas que o senhor lhe havia dado e ao colocar a bolsa em cima do tampo, o tilintar da prata chama a atenção dos filhos presentes que quiseram ver, ao perto, as moedas que o pai ali tinha. Foi uma festa tocar naquela caixa, antes de a filha servir o caldo da ceia e uns ruivacos fritos, com molho escabeche, que tinha preparado. Depois da ceia José ficou sentado à lareira a trocar impressões com a irmã - que praticamente habitava com eles - e com os filhos mais velhos. A partir daquele dia cada um tinha uma missão a cumprir, uma tarefa de entreaajuda. Ele tinha de partir mas deixava o dinheiro para o sustento da casa. Todo o resto era para servir de adiantamento à jorna dos homens e mulheres que o acompanhassem e para comprar algumas provisões para a viagem.

Não sabia o tempo que iam demorar na deslocação mas decerto que duas a três semanas bastavam, dependendo das orientações que lhe fossem pedidas. Os dias seguintes foram passados nos preparativos para a missão. Era necessário não deixar nada ao acaso uma vez que deviam ser umas vinte e tal pessoas, com três casais à mistura, um coxo e um outro meio surdo que ia para aguadeiro. Estes iam preparando as trouxas, as duas carroças, os três jumentos e muita fé para a viagem.

Sabiam que esta ia ter alguns perigos, mas a valentia do seu mestre dava-lhes confiança.

À hora aprazada o rancho encontrou-se às portas da capela do Santo. Apesar de estarem fechadas o Zacarias, com ordem do Sr. Prior, apareceu para as abrir e orientar uma oração comum ao santo padroeiro da terra. Era a primeira vez que saía um grupo tão numeroso da terra e para um lugar tão distante. As outras vezes quando saíam era para mais perto, ali para os campos do Lis onde a monda, a plantação e a colheita do arroz, exigiam mão-de-obra em maior número. Alguns iam também até à serra para a apanha da azeitona ou simplesmente trabalhavam nos arneiros da Rainha Santa, de Monte Real, nos terrenos que circundavam a capela sobranceira à mata da mina. Constava até que essas águas eram milagrosas e que tinham sido usadas pela Rainha D. Isabel, que padecendo de doenças do ventre, um dia soube da qualidade medicinal das “águas romanas” que jorravam de uma pequena fonte junto ao campo. Sentindo-se melhor tratou de convencer o seu real marido a construir-lhe uma casa para se acolher com as suas aias, enquanto este viajava pelas redondezas ou se entretinha a visitar as moçoilas mais atrevidas que queriam gozar dos favores do Rei. Ao que constava tinha sido ela a responsável pelo acompanhamento dos trabalhos de enxugo do paul de Ulmar, tarefa que desempenhou com grande entusiasmo juntamente com os frades Bernardos que se haviam acolhido próximo da parte alta do Monte Real, onde a rainha mandara edificar o seu pequeno palácio.

Contavam-se histórias e mais histórias sobre o Rei, feitos que a rapaziada contava aos serões quando queria evidenciar as proezas do Rei Lavrador, o tal “El Rei D. Diniz que fez tudo quanto quis”, inclusive mandar fechar o seu confessor e servir-lhe diariamente caldos de galinha até que este um dia, faminto de melhores carnes, lhe perguntou:

- “Vossa Magestade, porque me mantém apenas a caldos?”

Ao que el-Rei retorquiou, com o seu ar sábio e matreiro:

- “Saiba Vossa mercê que nem sempre galinha, nem sempre Rainha...”.

Estava assim justificado o comportamento aguerrido do Rei que um dia, necessitando de se encontrar com uma moçoila atrevida, ali para os lados de Amor, mandou a Rainha vigiar as obras do outro lado do Campo, na encosta das valas povoadas de pampos e de ruivacos, que era só abrir um saco para que se apanhassem algumas espécies. Tendo a rainha feito a viagem de mula com os seus criados, depois de subir a encosta fronteira, teve de satisfazer as suas necessidades. Afastando-se do grupo de criados, com as suas aias, foi andando até junto de uma pequena ermida próximo de um campo cheio de relva fresca e viçosa. Ao agachar-se picou o seu real traseiro nas plantas verdejantes e soltando um grito de dor, exclamou: “*ai que terra tão urtigosa*”. Ao que parece esta frase perdurou dando o nome ao lugar.

Estas e outras histórias sobre a fidelidade do Rei à sua esposa e as saídas matreiras do monarca eram bem conhecidas de todos os que partiam naquela manhã. Estes, depois da reza das Ladainhas e invocada a proteção do Bispo Santo Amaro lá partiram em direção à cidade de Leiria capitaneados pelo homem da terra que os havia de conduzir até à baixa do Tejo, próximo da cidade de Santarém. Além do pensamento na família mantinham a ideia no Santo e na romaria que já começava a ser preparada em sua honra.

Sem o querer, José olhou para a torre da capela, puxou o lenço branco que trazia, limpou a parte superior do rosto e baixinho, pensando na sua família, murmurou baixinho:

Meu lenço na despedida
Tu não vês, Conceição
Lenço molhado, à partida
Não dá para abanar a mão.

Quando José confirmou a chiadeira dos carros e crente que “quem seu carro unta, seus bois ajuda”, foi a casa do feitor do Sr. Pereira. Nessa altura já conhecido por Senhor Costa, pediu umas borras daquela azeitona que ele moía no moinho do Paul. Não podia seguir assim a viagem atravessar a serra com aquela barulheira. Era certo e sabido que se o fizesse ia ter maus encontros... Tomadas essas diligências e depois da missa seguiram borda fora até Leiria. Como devia ser o feitor tomou a dianteira, orgulhoso do seu estatuto de capataz e de guia do grupo. Fez uma última contagem das pessoas que o acompanhava e deu algumas recomendações ao Rabita, que tinha vindo da Vieira com o tio, um pescador que havia perdido tudo no naufrágio da bateira com que ganhava a vida na pesca no mar da Vieira. Um golpe de sorte valeu-lhe a vida e que ele queria assinalar com aquela viagem e a colocação de uma cruz de madeira junto ao local do salvamento.

Se as coisas lhe corressem bem aquela cruz havia de ser enfeitada com uma imagem de N^a Senhora do Mar ou “Estrela dos Navegantes” como alguns lhe chamavam. Em quaisquer circunstâncias esta era invocada em tempo de pesca ou em situações de maior aflição que sempre aconteciam na vida da sua família de pescadores com vários filhos dedicados ao mar, ao trabalho no pinhal e outros serviços e que se haviam juntado às tropas britânicas quando por lá andaram servindo de guia nas suas deslocações. Constava até que dois deles haviam seguido nas embarcações que tinham ficado na foz do Mondego e um outro tinha partido do porto de Atouguia, numa barçaça de carregamento de madeiras e tomado o mesmo rumo dos irmãos.

Agora com o rancho completo, mais as carroças, três burros e uma mula, lá se puseram a caminho cantando durante os primeiros passos parte das ladainhas que haviam rezado na igreja. Depois, foi outra conversa, com as palavras de circunstância que se sucedem numa

jornada mais longa. Uma vez chegados à ponte do Arrabalde, de onde se avistava o quartelamento onde o homem e mais dois dos seus amigos tinham ido às sortes, o grupo viu um dos criados já conhecidos que lhes deu ordens para seguirem em frente e esperarem pelo feitor lá em cima no alto da Portela. Ao ouvir este nome aterraram-se uma vez que ali bem perto havia ocorrido um massacre da população de Leiria quando os franceses por lá andaram na última vez que invadiram a cidade. Depois de ter trocado um olhar com um dos amigos que o acompanhara na caça a esses militares, bem perto dali, no Alto das Capuchos - onde foram enterrados alguns corpos desse desastre -, o rancho seguiu o caminho indicado. Era fim da manhã e a cidade de Leiria acordava para mais um dia de trabalho. Depois de se descobrirem ao seguirem perto da Sé, voltaram a fazê-lo quando passaram junto da Igreja da ponte dos arcos, onde alguns aproveitaram para refrescar a garganta na fonte das três bicas. Subiram a encosta e chegaram ao convento da Portela.

O barulho das carroças e das pessoas chamou a atenção de alguns moradores que vieram à janela ver o grupo a passar. As cores escuras das vestimentas e as alfaias que alguns levavam sobre os ombros, a servir de suporte à trouxa do farnel, mostrava que eram trabalhadores rurais que deviam dirigir-se para os campos do rio Lena ou para outro lugar mais distante. Era habitual os ranchos passarem pela cidade e, muitas vezes também, seguiam com eles rebanhos que aumentavam a algazarra no atravessamento da parte baixa do aglomerado.

Ao chegarem à Portela a cadência forte das badaladas da torre recordava-lhes que “sino forte, vento húmido” e que eram horas de comer uma bucha, antes de se aventurarem pelas baixas do rio e de seguirem para sul até iniciarem a travessia da Serra de Aire. E aproveitando um lugar abaixo da igreja, junto das salinas, repartiram entre si o farnel que tinham para o 1º dia de viagem. Sim, se tudo

corresse bem, seriam necessários quatro dias para que o grupo chegasse, não muito cansado, aos olivais do Senhor Passos. Era para isso que ali estavam. E para suportarem a viagem tinham de fazer frente a um bom naco de carne e a umas colheradas de sopa seca: couve, batata, feijão e broa. O vinho era à descrição. Os vieiros preferiram a sardinha e os peixes salgados que traziam para o farnel. Entre eles, não havia lugar para luxos e a carne era tida como tal ...

Daí tomaram o caminho para sul e encaminharam-se para o planalto de Santo António, numa marcha lenta e ritmada, seguindo os rodados de outros que o precederam – pois “não há atalhos sem trabalhos” - marcada pelo passo das mulas e pelos solavancos das carroças que atravessaram sem dificuldade, os primeiros acidentes da serra. Embora volumosa a carga não era muito pesada. Parcos eram os haveres que o rancho levava consigo: umas mantas e os utensílios da pesca era tudo o que os vieiros traziam. Os demais levavam uma ou duas panelas de banha com carne frita e torresmos para matar a fome na viagem. Noutra panela iam conservados em molho de escabeche, preparado com rigor, os peixes fritos que haviam de durar por mais uns dias até à chegada a Alpiarça. Com o feitor de Leiria, o chefe do grupo seguia à frente na sua égua enquanto o Fernandes, o seu amigo de peito da Ortigosa de Cima, fechava o cortejo não se cansando de dar as indicações necessárias para que a viagem corresse da melhor forma. Assim aconteceu até à Serra de Porto de Mós. Nas imediações surge-lhes por detrás de uns penedos um grupo de malfeitores, que se não fosse a arte de manejar o pau posta de imediato em prática e feito esvair em sangue um deles teria causado dissabores.

O grupo era numeroso e apesar da chiadeira das rodas e da ajuda dos homens que empurravam os chaços sempre que estes se atolavam nos buracos cobertos de terra vermelha, que preenchiam os caminhos pedregosos por onde passavam, não voltaram a ter outros encontros até

à vizinhança dos olhos de água do Alviela. Nesse percurso apareceu-lhes um grupo de ciganos que desejava, à viva força, trocar uma das mulas em que viajavam por um asno fedorento e a cair de velho. Em contrapartida ofereciam-lhe uma saca de moedas e uma poção de ervas com poderes mágicos. Os líderes do grupo lá os convenceram, embora a custo, que não podiam fechar o negócio e quando um deles propositadamente levantou o pau e este o fez voar em mil pedaços para bem longe, afastaram-se entregues às suas lamentações. Em grupo pensavam nas canseiras da viagem, nas ameaças que os esperavam e no que haviam dito aos que ficaram para os consolar como o Palhotas, que não fazia mal a uma mosca e só queria vir ganhar o pão com os vizinhos. Ainda bem que tinha ficado nas areias da Vieira a barafustar por não poder vir.

- “Fica para a próxima. Até lá ficas a guardar as redes”.

Esta foi a sina que lhe rogara.

De vez em quando o rancho parava para comer e para descanso dos animais. Depois retomava-se o caminho até que ao fim do dia chegaram a uma pequena povoação habitada por gente desconfiada, com algumas casas alinhadas ao longo da rua principal, uma das quais tinha um alpendre em pedra debaixo do qual os viajantes podiam pernoitar. Habitados ao cenário da sua terra onde se dizia que “de noite todos os gatos são pardos”, chegados ao anoitecer, alojaram-se no telheiro da tasca, pertença de um homem barbudo e de ventre caído, que acertou com o feitor o custo da noite em cima de umas enxergas de palha. Podiam ainda servir-se da água da cisterna que naquela altura do ano já tinha uns metros acima do normal. Se quisessem havia por lá umas mantas tecidas na povoação de Mira, que podiam usar. Acertado o custo e paga a rodada de vinho a todo o rancho, houve ainda tempo de acender a fogueira e cozer umas batatas para misturar na sopa fria que traziam. O conduto ainda sobrava até à chegada ao porto de destino.

Tiveram de desembolsar algumas moedas. Não importou. O que os responsáveis queriam era que o rancho não perdesse tempo e descansasse bem para que no dia seguinte estivesse em ordem até aos “Olhos de água”. Aí, sim, podiam descansar à vontade, banharem-se até, se fosse preciso, e seguirem tranquilamente pela planície até à cidade de Santarém. Só então havia lugar para descansar da viagem, de recuperar as forças perdidas no percurso entre as pedras e os solavancos do caminho já andado.

Conforme a origem dos ranchos ouviam-se diferentes cantares, como aquele ensaiado pelo boieiro dos lados de Turquel, devoto dos santos populares a quem dedicava as suas cantigas – “ó lô, ó lô, ó lô”.

“Encarreira, encarreira;
Leva Deus na deanteira,
Nossa Senhora no meio
Santo Antónimo à trazeira.

“ó lô, ó lô, ó lô” (*bis*)

Santo Antónimo de Lisboa,
São João de Portugal,
ajuntai o meu gadinho
e levai-o pró curral.

Ó lô, Milheirinha

Ó lô, Cardeal

Ó lô, p’ra o curral

Ó lô, ó lô,

Eu p’ra casa vou;
Um bocadinho de pão
P’ra quem o ganhou.

“ó lô, ó lô, ó lô” (*bis*).

À noite, apesar do cansaço, José e o feitor tiveram oportunidade de jogar uma cartada com o dono da taberna e um outro parceiro que

negociava em peles e que por ali passava com frequência. Antes, porém, foi servida uma rodada acompanhada de uma evocação:

- “À saúde dos presentes”.

Durante a jogatina este aproveitou para informar, que se quisessem, podiam trazer-lhe as peles de coelho da sua terra que ele depois pagaria a bom preço. Era interessante essa proposta: trazer gente e peles de coelho para venda, podia ser um negócio de futuro, assim pensaram os homens enquanto, conjuntamente com o parceiro, perdiam mais uma cartada a favor do homem dos bigodes e do comprador de peles. Ali José apercebeu-se que aquela jogatina não era limpa. As cartas estavam marcadas e os tipos, se fosse jogo a dinheiro, não tinham nada a perder. Ainda se empertigou quando viu a marosca do adversário, mas a conselho do feitor enterrou o barrete na cabeça e foi-se deitar junto do rancho.

Na manhã seguinte depois de umas migas de broa misturadas na chicória quente da manhã, seguiram o feitor que a partir daqui tomou a dianteira do grupo. O capitão decidiu fazer pequenos ajustamentos na distribuição da carga e das cangalhas das bestas, passando alguns panais para as carroças. Depois, sob o olhar atento de José, a coluna foi calcorreando o caminho enquanto ia escutando os relatos dos feitos anteriores e aprendendo a lidar com situações inesperadas de nevoeiro e de ventos, de chuvas e das trovoadas que podiam tolher a marcha do grupo quando viessem pela serra. Cedo aprendera que “névoas em alto, águas em baixo”. Cabisbaixo ia pensando nos abrigos que vira na encosta e que, segundo dizia o mestre, podiam ser muito perigosos por ligarem a poços muito fundos onde ninguém se aventurava a entrar. Já conhecia essa história.

O caminho seguido foi mais fácil do que o feitor lhe tinha dito. Ainda não tinha chovido muito e por isso os trilhos estavam em bom estado. Olhando em redor, para o lado do mar, logo pensou com os seus botões:

“Sol claro a poente, boa esta noite e amanhã excelente”. E quando chegaram ao curso do Alviela, o rancho tomou conhecimento que estava noutra terra bem diferente da sua. Num recanto pedregoso a água jorrava com abundância. Era um líquido tão límpido e fresco que as pessoas e as bestas se consolaram de beber. A pausa foi aproveitada para encherem os odres de pele e para passarem os pés por água. Neste descanso só o Xico da Quitéria é que, encantado com o riacho, disse logo que já não se importava de ficar por ali. De certeza que havia de haver peixe por perto e essa era a sua paixão.

O percurso até à ribeira de Santarém foi bem fácil de fazer. Campos cultivados, terras planas, caminhos direitos sem solavancos onde até apetecia andar. E quando o feitor lhes mostrou a cidade de Santarém e depois quando deram com os olhos no rio Tejo, é que foi um delírio. Que rio tão largo que até parecia o mar. De um lado e doutro das margens os canaviais cresciam e os seus recantos davam lugar a pequenos portos de abrigo, onde o Rabita e o tio Faneca (tão magro ele era) foram espreitar para ver o sítio do peixe e uns barquitos que estavam amarrados. Coisa que o seu rio não lhes dava e que ali parecia existir em abundância: água, muita água, peixe e liberdade para poderem caminhar. Os demais olhavam com espanto para a paisagem, onde, a partir de agora iam trabalhar.

Apesar dos esforços do feitor à chegada ao vale de Santarém já não havia nenhum barqueiro de serviço e por isso a noite foi passada ao relento, debaixo de uns salgueiros que bordejavam o leito do rio. Só no dia seguinte podiam atravessar a corrente e seguir para a quinta do Sr. Passos, o homem que os tinha mandado contratar. Quando a noite caiu e despontou a Lua Cheia deu para ver o espelhado do luar nas águas do Tejo. Contudo, lembrando-se dos ditos da Ruivaqueira, “Lua com circo, água trás no bico”, devia acautelar-se para a chuva que aí vinha. Juntamente com dois dos seus amigos, José foi sentar-se em lugar mais

afastado do rancho. Trocaram palavras sobre o tempo que aí passara como militar e dos lugares que já conhecia na margem direita e na margem esquerda do rio. Havia de lá voltar. Enquanto o feitor descansava estes trocaram entre si palavras de saudade em relação aos familiares que tinham deixado ao cuidado do Santo Amaro. E embrulhados nas mantas que haviam trazido, adormeceram.

O frio da noite e a humidade que se faziam sentir obrigaram a acender uma fogueira, em redor da qual se acomodaram. Era um hábito que já existia quando trabalhavam no campo apesar do perigo que revestia por causa dos lobos e dos cães selvagens. Por isso ninguém se aventurava a ir para muito longe dela e se tivessem necessidade de o fazer era sempre sob o olhar atento de um dos seus amigos e acompanhantes. Tinham agora presente que sendo noite e não conhecendo o lugar, todos os gatos eram pardos, o que os fazia redobrar os cuidados. Cedo, bem cedo, um grito bem lançado:

- “Óh da gente!”

Acordou-os a todos. Era o barqueiro que se propunha levá-los para o outro lado do rio. Como o barco era pequeno só podia levar pessoas e uma ou duas bestas. As carroças tinham de seguir numa segunda volta, quando trouxesse a jangada maior onde cabiam duas ou três carroças, amarradas para não caírem. Já não havia pressa. O feitor tinha cumprido a sua missão: a de conduzir em segurança o rancho até à borda do Tejo. Agora o que interessava era levar as pessoas para a margem sul e daí seguirem para a quinta onde iam trabalhar.

Cumpridas as preocupações do transporte o rancho reúne-se na outra margem. Desta vez o Rabita e o tio Faneca tinham ficado de boca aberta. Que grande rio e tanto peixe para matar a fome. Os demais continuavam a contemplar admirados a grandeza das margens ricas e verdejantes que nada se comparavam aos campos do Lis. E assim contentes com a paisagem, o ar húmido do rio e a proximidade do porto

de destino, continuaram a andar até à Quinta do Sr. Passos. Desta vez José seguia ao lado do feitor de Leiria, juntamente com outro criado do Senhor de Alpiarça, chamado Patacão, que andava na volta dos cavalos e apareceu para os acompanhar.

Que bela besta em que ele vinha montado: animal espadaúdo, luzidio, crina e pelo bem tratados, laço na cauda e, imaginem, umas polainas em torno dos tornozelos. Por sua vez o criado trazia uma jarreta de pele bem apertada, um laço vermelho já desbotado ao pescoço e um chapéu negro, com abas largas, enfiado na cabeça. E, tal como sucedeu com o taberneiro lá de cima, um grande bigode ornava a parte superior dos beiços, ao lado dos quais desciam uma patilhas compridas quase a rondar os maxilares.

Armado com uma vara comprida com a qual conduzia o cavalo, depressa compreenderam a sua utilidade quando, meio caminho andado, o viram correr para junto de uma manada de bois e com ela juntar duas das bestas mais possantes que cruzavam os chifres em sinal de disputa. Estas imagens ficaram retidas na mente de todos, especialmente do novo capataz que se apercebeu como ali havia grandeza, ordem e trabalho. Afinal fora isso que o tinha sugestionado a partir.

O acesso à quinta fez-se por um portão largo, virado a poente, sobre um caminho de terra batida. Ao lado erguiam-se uns muros altos, guarnecidos por trepadeiras ainda verdejantes, que davam um tom ainda florido ao conjunto. Para mais o Sol realçava os tons de verde que se prolongavam pela alameda que conduzia à casa. A uns metros mais acima, numa pequena elevação, erguia-se a casa com um largo alpendre voltado a sul e poente, ornada com janelões e portadas de grande dimensão. O acesso fazia-se por uma escadaria, em que a cor alva se acentuava ainda mais com os raios de sol.

O telhado, com várias águas e enfeites, tinha a adorná-lo mansardas em cujas janelas corriam umas cortinas meio-cerradas. Ao lado da casa e num plano posterior abria-se um portão de grandes dimensões que dava para o pátio do solar, rodeado de grandes janelões por onde entrava a forte luminosidade da campina. Bem se dizia por lá que, “em Paço escuro não entra alegria...”. Do lado sul estavam as eiras e um casario com várias portas seguidas. Devia tratar-se de casas para alojamento para o pessoal. E não se enganou. Mal chegados foram conduzidos a esse local, tendo então reparado que por atrás dessas casas existia um outro pátio mais pequeno, com alpendre, celeiro e currais para os animais que traziam. Tudo isto estava murado por latadas com uns cachos pendentes ainda a germinar.

A casa do novo capataz, a primeira da fileira, tinha duas divisões, sendo uma a cozinha e sala ampla de entrada e a outra, um quarto com uma enxerga, cobertores e uma arca para a roupa. Contrariamente às demais, que tinham uma cozinha ampla com as enxergas ao fundo, aquela tinha duas portas: uma para a rua e outra para o pátio da casa. Uma vez acomodados veio o aviso que naquela noite a ceia era servida num alpendre junto da adega. Pelo cheiro que andava no ar, esperavam os um porco assado no espeto. E assim que a capela do solar tocou as Trindades, tomaram conhecimento que o sino iria passar a regular os seus movimentos: início e fim dos trabalhos, o jantar e a ceia. Esperaram a chegada de dois outros ranchos que andavam já no campo a trabalhar e que naquele dia recebiam, também, as boas-vindas. Com eles vieram outros criados que mais tarde souberam ser os capatazes. Essa trupe sentou-se junto às pias e logo perceberam que faziam um grupo à parte. Depois as criadas de dentro, ornadas com aventais brancos e touca da mesma cor, colocaram sobre as mesas as panelas da sopa fumegante, as batatas e deixaram a cada um a tarefa de se servir

da carne, que ia rodando no grande espeto de ferro, sobre as brasas, junto da cozinha de fora.

José foi então apresentado aos manajeiros. Um deles, um homem de forte estatura mas coxo, devido à cornada de um touro bravo, veio para junto dele e do feitor dos senhores de Leiria e antes de lhe destinar trabalho, tagarelou com eles sobre o rancho, a viagem e os trabalhos que o esperava a seguir. As suas palavras batiam certo com tudo o que o feitor lhe tinha dito sobre a casa e os seus donos, sobre as jornas e o trabalho. Ali mesmo dissera-lhe que a sua função, nos dias que permanecesse na quinta, seria a de acompanhar o rancho e vigiar pela sua segurança. Em caso de necessidade tinha de dar uma ajuda aos outros feitores. Ainda tagarelavam quando um dos capatazes informou que iam tocar uma modinha em honra do rancho de Leiria. Então, um zarolho que há vários anos acompanhava o outro rancho vindo do sul, pegou numa concertina já velha pelo uso e trambolhões e ensaiou uma canção de roda, cantada e ensaiada pelos jovens presentes:

*“Papagaio Louro
do bico dourado
leva-me esta carta
ao meu namorado.*

*Ele não é frade
Nem homem casado
É rapaz solteiro
Lindo como um cravo”.*

Teve poucos adeptos uma vez que estavam todos cansados da viagem e do trabalho. Mesmo assim todos ficaram saciados com o repasto e a seguir procederam ao arrumar das mesas, em que cada um tomou conta da sua malga e talher e recolheram às casas agora preenchidas pelos casais e pelos homens, em grupos de três ou quatro.

Cedo o sol despontou na campina ribatejana e realçou os tons naturais do campo e das árvores que o cobriam. Para lá dos muros da quinta uma enorme vastidão de oliveiras e de cereais esperava os heróis da viagem, que depois de recuperarem as forças com uma malga de batatas e peixe frito, um bom naco de pão de cereais e um tinto de bom sabor, receberam as instruções para esse e para os dias seguintes. Por sua vez o novo inquilino recebeu as ordens do feitor para o acompanhar ao escritório, onde o esperava o Senhor que ele já conhecia de Leiria quando o desafiara para ir trabalhar para sua quinta. Descobrimo-se logo que iniciou a subida das escadas, antes da soleira perguntou:

- “Vossa Mercê dá-me licença?”

- “Entra homem, não te acanhes”.

Disse o Senhor olhando-o dos pés à cabeça, confirmando a presença deste seu conhecido. Depois de se inteirar do estado do rancho e da viagem, deu ordens ao feitor para tratar bem essa gente e falou assim ao manajreiro:

- “Sabes, na nossa terra, temos o costume de realizar pela altura das colheitas, um encontro com as trupes dos feitores das nossas casas. Este ano vamos convidar as casas mais próximas. É uma espécie de torneio do ‘Jogo do varapau’. E como sei que manejas bem a vara, quero que aprendas os jeitos cá da terra e os vás preparando para levares os outros de vencida, de acordo?”

O nosso homem nem queria convencer-se do que estava a ouvir. Curvou-se perante o seu patrão e com voz firme, retorquiu:

- “Assim farei, Senhor”.

Conduzido pelo feitor foi acompanhado por este a uma quinta próxima onde foi apresentado a um velho criador de cavalos, de barbas e de bigode farfalhudo, com quem ficou para trocar o manejo da vara. Sim, porque uma coisa era a defesa pessoal e outra era a competição entre os jogadores, o qual tinham de ter presente certos princípios que

impedissem ferimentos graves ao seu adversário. Certo era que apesar de todas as regras que ele já conhecia e que até já ensinara ao Príncipe, o Senhor lá da casa não quis bem saber disso, ao que parece por defender ideias mais liberais, contrárias às do jovem príncipe. E por isso era melhor fazer-lhe ver que ali as regras eram diferentes...

Quando iniciaram a peleja o mais velho começou por tirar o barrete que tinha enfiado e disse-lhe:

- “Estás a ver? Olha bem para as cicatrizes que me cobrem o coiro e assim vais-te preparando para o que te espera”.

Sem se intimidar, José descobriu-se e mostrou-lhe uma pelada no occipital direito e retorquiou com voz firme:

- “Sabe, esta foi feita por uma baioneta dos franceses quando os atacámos e três deles ficaram estendidos à espera de fiador para os levar para a cova”.

Foi uma resposta convincente, que o outro não esperava o que o entusiasmou em saber como, quando e o que tinha acontecido nessa rixa. É que ele não tinha tido essa oportunidade e agora tinha ali à sua frente um homem que já tinha dado provas na guerra. Convencido que o seu patrão lhe tinha reservado uma surpresa, limitou-se a dar umas pauladas ao adversário e no fim foram comer uma malga de sopa e beber um tinto da região. Os dois regozijaram-se por estarem à altura um do outro. Decerto que com aquele corpanzil e a habilidade de pernas e braços que o novo feitor ainda demonstrava, os homens do Senhor Passos, bem preparados, iam bater os demais.

Apesar de ter viajado a casa para cuidar dos seus, José saiu-se bem destas tarefas. Com efeito num meio rural marcado por um intenso ritmo de trabalho e por muita mão-de-obra masculina, o Jogo do Pau (ou da vara, como lhe chamavam) era uma das manifestações que atraía mais gente nas festas religiosas, nas feiras ou mesmo em dias de missa nas quintas senhoriais das classes mais ricas da Borda d'Água. A estes

juntavam-se os que moravam na capital e que aproveitavam certas épocas do ano para subirem o Tejo de barco e permanecerem com a família nas suas propriedades. Muitos optavam por viajar de carroça mas vendo bem as coisas, embora sendo mais rápido, era mais difícil de transportar os baús onde as senhoras levavam os vestidos, os chapéus e os adornos para as noites de serão que animavam as quintas durante a primavera ou já nas noites de verão, quando aí ficavam até à altura das colheitas. Lá dizia o ditado, “Quem não debulha em Agosto debulha com mau gosto”. Nessa altura do ano o clima nas margens do Tejo era mais ameno, mais convidativo aos festejos e propício a encontros e banquetes que os senhores gostavam de associar a corridas de cavalo, a garraizadas, a pegas de touro e às brigas de pau.

Contrariamente ao que se passava em muitas feiras onde as contendas populares eram resolvidas à paulada - as quais varriam por completo o chão, levantando uma nuvem de pó e gerando o alarido entre as mulheres e as crianças -, nas quintas essas brigas eram disciplinadas e enquadradas num ritual agrícola. Nele participavam os caseiros, os criados, as reses bovinas e cavalares e algumas vezes os membros da família, em cortejos que incluíam carroças e carros engalanados com fitas, flores e vegetação da terra. Neste caso quanto maior fosse a casa, mais e melhores jogadores tinha de ter, pois esta era uma forma de mostrar a mais-valia do exército pessoal e da quinta onde trabalhavam. O varapau era, neste caso, um instrumento de defesa pessoal, com uma extensão superior à altura de um homem, que nalguns casos tinha a forma de cajado mais pequeno ou de bengala, com a altura da cintura de um homem e neste caso símbolo de estatuto social, muitas vezes ricamente ornamentado. Como símbolo de poder, de justiça e de sabedoria, a vara impunha-se como meio de defesa e de autoridade reconhecida perante a comunidade de fregueses e da

população em geral. Mas quem a soubesse manejar ganhava fama e impunha respeito aos ladrões.

Quando da formação dos ranchos, que periodicamente atravessavam parte do país para se dedicarem às fainas agrícolas em terras estranhas, estes eram acompanhados por mestres que as dirigiam levando consigo a vara de pau não só como símbolo de poder, mas uma arma de defesa. A estas juntavam-se as foices roçadeiras sempre úteis quando se atravessavam vielas de mato ou de vegetação mais densa propícia ao ataque de algum ladrão mais afoito. Se o rancho reagia o incauto viria a aparecer nas redondezas desfigurado ou jazia num dos cais de travessia do rio Tejo até ser lançado à água. Então os barqueiros encarregavam-se de transmitir a novidade e certo era, que a seguir, os roubos tendiam a diminuir na região.

O rancho do Lis, como era conhecido, depressa mereceu o respeito dos outros que trabalhavam no campo. As mulheres eram desembaraçadas na apanha da azeitona e demais lides agrícolas, os homens, escorreitos, sabiam manejar os campos e o varejão sem ferir as árvores e até mesmo o coxo que viera dos lados da Vieira, era vê-lo arrastar os panais e manejar a joeira, uma espécie de peneira feita com junco, a separar o fruto das folhas das árvores. Mas o que este mais gostava e onde perdia o seu tempo livre, era a ver as águas do rio, os pequenos ancoradouros, as caneiras e as valas que aí corriam cheias de peixes que lhe faziam lembrar a Vala Real que tão bem conhecia. O grupo, embora constituído por pessoas de diferentes lugares tinha sido bem escolhido pelo que, durante a viagem, o manajeiro foi estudando cada um deles de modo que quando se estabeleceram em Alpiarça, tinha a liderança consolidada. Mais ainda, eram uma pequena família que se mostrava sempre pronta a fazer mais e melhor, a cantarolar e a ensinar as letras aos vizinhos, a oferecer a comida da sua malga e a dar

um conselho sobre o que fosse mesmo quando a sanfona era chamada a intervir.

Esporadicamente a janela do dono da casa entreabria-se e um vulto escuro assomava ao peitoril como que a querer compartilhar as alegrias do serão. Era o Senhor Passos, o homem em que os liberais tinham a maior confiança e que já tinha sido ministro da Rainha, um reformador do Reino, e que por isso tinha firmado muitas amizades, mas gerado igualmente muitos ódios. E ele bem o sabia ao fazer-se acompanhar de um ou dois homens de confiança que o seguiam para todo o lado. Pelo contrário a Senhora da casa mantinha-se distante, como lhe competia, mas em certa altura rendeu-se à alegria do grupo e através do esposo mandou perguntar ao José se não tinha lá uma mulher que pudesse fortalecer a sua equipa da cozinha. Como chefe de família recomendou-lhe a sua filha que havia ficado na terra conjuntamente com os irmãos e que o acompanharia na próxima vinda. Sim, seria uma boa oportunidade de a trazer para melhor uma vez que a tia e a mulher do criado tratavam bem dos rapazes. Foi uma proposta aceite.

No dia aprazado, depois da missa na capela da casa, o arraial estava cheio de mocetões, vestidos a preceito, com calças e jaqueta apertada, camisa de linho e barrete na cabeça. Todos eles traziam a vara do jogo pois estava marcado, nesse dia de aniversário do Senhor Passos, um torneio com as casas senhoriais de Golegã e de Salvaterra. Feitas as apresentações e lidas as regras, os combates iniciaram-se em grupos de três, sendo que os vencedores tinham direito a disputar entre si a final. E quando os estalidos começaram a fazer-se ouvir e as faíscas começaram a irromper das pancadas certas e desvios dos lutadores, já o terreiro estava cheio de gente que ali acorreu para saudar o dono da casa, homem muito querido na região.

Saiu-se bem o nosso homem e o seu grupo que no final da peleja só encontrara adversários à altura nos feitores da casa de Salvaterra. Sabia

dos seus dotes na esgrima e artes do varapau, bem como o gosto com que lidavam as aves do Rei ou falcões que em tempos, antes da destruição do Palácio, aprenderam junto dos holandeses, mestres dessa arte. Também não admirava: tratava-se de um grupo capitaneado por um militar ferido nas guerras civis e que tinha abandonado o seu posto e viera trabalhar para a sua terra natal, conjuntamente com alguns membros da sua companhia. Contudo todos reconheciam que o torneio tinha ficado empatado.

A notícia da peleja interessava ao antigo ministro da Rainha pois assim podia partir mais descansado para a capital e gabar-se que tinha ao seu serviço uns lutadores que sabiam manter o adversário em respeito. Tinha observado o novo feitor e recordava-se bem da forma como esgrimia a vara perante o adversário; como rodopiava no seu arremesso e, sobretudo, como nunca infringira as regras que tinha jurado. No fim do dia o senhor da casa mandou-o chamar ao seu escritório e deu-lhe duas moedas de ouro como gratificação. Contento, José foi juntar-se aos companheiros que celebravam a “tiborna” no lagar da casa. Entre eles havia os que dançavam e os que iam tagarelando sobre coisas da sua terra. Outros, ainda, cantarolavam algumas modas conhecidas. Do lado das mulheres, ouvia-se o seguinte:

*“Minha terra é Leiria!
Eu também sou ‘leirioa’.
Eu sou da terra do milho
E do milho faz-se a broa.”*

Do lado dos homens, como que querendo desafiar as moçoilas que lá estavam, respondiam desta maneira:

*“Bailarico, bailarico!
Bailarico do terreiro.
Balha o novo e balha o velho,
Balha o casado e o solteiro.”*

Quando José mastigou o pão aquecido na caldeira do lagar, com açúcar e canela e bem regado com o azeite novo, logo recuperou as forças gastas no combate. Não lhe saía da cabeça como primeiramente tinha sido contratado para acompanhar o rancho na viagem e nas lides do campo. Era um manajeiro agora promovido a lutador e, quem sabe, a defesa pessoal e a homem de confiança do seu patrão e benfeitor. Era uma situação que lhe agradava mas que consumia um outro rancheiro que tinha vindo dos lados da nascente do rio e que por vir aí trabalhar há mais tempo, não se conformava bem com esta situação. Era um homem de mau feitio e até constava que teria incentivado os seus companheiros a revoltarem-se contra o patrão, como o tinham feito os jornaleiros de Santarém com os senhores lá da terra. E um dia, quando José regressava já noite da Golegã, onde fora levar uns potros jovens, sem razão aparente o Ródão surge-lhe no caminho e desfere-lhe um golpe à falsa fé que o deita abaixo da cavalgadura. Sem mais tempo o feitor lança-se sobre ele e depois de uns bons murros deita-lhe a mão à camisa e este, com a camisa rasgada, foge sem um pedaço do colar.

No dia seguinte face ao testemunho exibido pelo José – e o olho negro do Rodão - e antes que o Senhor Passos o viesse a saber, o feitor principal reúne os dois homens e lança a sentença: a partir daí o Ródão passava a trabalhar apenas no campo, bem longe da casa e se houvesse mais algum desmando ele e a sua gente eram mandados embora sem mais salário. Era uma medida dura, que não interessava, pois era certo que se tal se consumasse quem ficaria a boiar nas águas do Tejo era o contratador já que os rancheiros que o acompanhavam não lhe perdoariam tal traição. Então José, para pôr água na fervura ou para desarmar o adversário, combinou com o Rabita e o tio prepararem no Domingo seguinte uma boa caldeirada à moda da praia e convidar os outros ranchos para o petisco. Foi uma boa iniciativa que caiu bem

entre todos e abafou os efeitos perversos que a inveja do Ródão começava a suscitar. Mais do que isso, conseguira que a Senhora da casa, satisfeita com o paladar da mostra que lhe chegara, viesse à janela agradecer ao seu empregado a iniciativa que tomara. Era assim que gostava daquela gente: sem desacatos, cumpridora e pronta a trabalhar.

O Outono corria de feição e José ia ajudando os capadores e os homens do gado lá da quinta. Estas operações vinham reforçar o seu papel na casa do Senhor Passos de tal forma que além da tarefa de recrutar e de conduzir os jornaleiros do campo pelas Serras de Aire e dos Candeeiros para o vale do Tejo, ia acumulando experiência em trabalhos mais especializados da quinta de Borda de Água pelos quais ia recebendo uma paga ajustada pelo seu trabalho. Ocasionalmente, quando vinha das terras do Lis, também prevaricava e em vez de deixar os homens à porta da quinta levava-os à noite, à socapa, mais abaixo onde residiam uns barqueiros que se valiam dos conhecimentos de outros companheiros de Vila Franca, de Alverca e do Poço do Bispo, para arranjar trabalho na estiva. Se a paga fosse boa, até os faziam embarcar entre os fardos de mercadoria no porão de algum barco ou utilizando outros expedientes, dentro de um veleiro e assim atravessarem o Atlântico.

Entretanto aproximava-se a hora de partida e no rancho que trouxera registavam-se três baixas confirmadas: o Xico da Vieira, que queria ficar por lá a trabalhar no barco da quinta, a atravessar o rio Tejo por quem se tinha apaixonado. O defeito físico da perna não o impedia de remar e segundo a opinião de um dos caseiros, o rapaz tinha jeito para aquilo. A segunda baixa era a de um amigo de Riba d’Aves que tinha uma habilidade para lidar os porcos e por isso foi contratado por mais algum tempo para assegurar as matanças pelo Natal; o terceiro, foi de um homem da Ortigosa de Cima, que tinha vindo com a mulher

e conhecendo um pouco a arte de ferreiro, resolvera ficar para pôr a forja da casa em marcha.

Com estas baixas e a promessa de que estariam de volta na primavera, o rancho organizou-se e sob o comando do seu manajeiro preparou-se para a partida. Os que quisessem podiam ficar até ao São João, pois trabalho não lhes ia faltar. Na ceia da despedida, a Senhora da casa mandou guisar um cabrito, fazer filhoses e encher os jarros de barro com bom tinto da casa. Comeram, beberam e o resto que sobrou foi distribuído para se servirem na viagem. Como “quem vai para o mar, avia-se em terra”, não se esqueceram de encher as cabaças com o vinho sobranete.

Reunidos no pátio da casa, carroças e asnos preparados, bem como uma mula mais velha que a Senhora da casa emprestara para aliviar o transporte de dois pipos com azeite, oferta habitual da casa Passos aos rancheiros, o grupo despediu-se dos que ficaram ante o pedido do Faneca: na próxima safra, viriam com ele o Arrais e o Sanheiro, dois pescadores mocetões da Vieira, hábeis no lançamento e recolha das redes e que naquelas águas, cheias de bons peixes como o sável, iam de certeza prosperar. Se o Palhotas quisesse vir, apesar de gostar dos copos, também era bom trabalhador. Embalados com a promessa de uma nova temporada o grupo foi até às margens do Tejo, tomou as barcaças para o outro lado e encetou a viagem de regresso a caminho da Ortigosa.

O trabalho que tivera antes da partida assegurava-lhe uma viagem sem sobressaltos. Havia carne e sal em casa, algum azeite e agora com a maquia que lhe competia não tinha de se preocupar por mais de um ano. E como estariam os filhos? Confiava no Santo e isso animava-o. Decerto que havendo saúde e graça de Deus, em Janeiro lá estaria, desta vez para vestir uma opa ou para conduzir um dos estandartes da Confraria do Santo. Ainda não tinha estatuto para agarrar nas varas do

pálio que cobria o Senhor exposto, sob o qual ia o sacerdote e mais algum vigário que estivesse disponível. Essa era a procissão mais apetecida da sua vida. Infelizmente já não tinha a Conceição para o seguir atrás do andor. Se não chovesse a procissão saía da Capela e percorria os lugares da terra até ao início da tarde, numa mistura de rezas e de ladainhas, de cânticos e de preces que os romeiros iam fazendo ao santo milagroso que entre outras curas era invocado no caso de verrugas e outros males de pele. Com estes pensamentos nem deu conta do caminho que os levava à ilharga da Serra, onde deviam pernoitar. Lá se ia a primeira moeda da jornada mas o quente de uma noite dormida nas enxergas de uma cama impunha-se para que o grupo pudesse marchar pela manhã.

Foi sem dificuldades de maior que o grupo bateu à porta do estalajadeiro e que este, de candeeiro na mão, barrete na cabeça e camisa até aos pés, veio abrir a porta. O barulho dos cascos das bestas e o tagarelar do rancho, sentidos deste o início da povoação, já o tinham alertado de que estavam pessoas a chegar. E ainda bem que ele tinha deixado algum feno amarrado para os animais e que as pias de pedra, onde recolhia a água das chuvas estavam cheias para matar a sede aos animais. Depois desta etapa a marcha dos dias seguintes prosseguiu por este novo caminho, não fosse algum matreiro ou ladrão aproximar-se do grupo e desviar alguma das bestas que transportava o azeite oferecido e que seria usado nos fritos do Natal e para encher os pequenos potes e pias de pedra que os franceses haviam despejado. Desde então ninguém mais conseguira enchê-las tal fora a devastação causado pelos incêndios que os malvados haviam ateadado.

Sem problemas de maior o rancho chegou às terras do Lena, atravessou Leiria e pôs-se a caminho, noite fora, até casa. À medida que se aproximavam do lar, o coração enchia-se de alegria. Tinha conduzido o grupo sem problemas e agora estavam a chegar, sãos e salvos, com

algum dinheiro no bolso e comida para a família. E ao pararem perto adro da Igreja dedicada ao Santo, pouco antes da hora da missa da manhã, lavaram a cara e beberam abundantemente da água da fonte, para alguns com propriedades milagrosas e despediram-se indo cada um deles para o seu destino. Pelo Natal viriam a casa do chefe acertar as contas e preparar a próxima viagem, aí para a semana da Pascoela.

O reencontro com os filhos da casa fez-se ainda nessa madrugada “alva e fria”, prenúncio de “bom dia”. E não fora a urgência do pai ir dormir, tão cansado que vinha da viagem e já com algumas dores a atormentarem-lhe os artelhos, esta reunião teria durado até ao jantar ou até à tarde. O sono reparador dessa manhã permitiu a visita à campa da Conceição e a ceia, com os seus, noite fora.

Os dias até ao Natal foram passados a acertar o governo da casa, os trabalhos agrícolas e a visitar alguns amigos, entre os quais os Senhores de Leiria e a pagar as promessas aos santos mais próximos. Entre eles contava-se a de São Martinho, o bom santo que dera a sua capa ao pobre para se vestir e que era devotamente visitado depois dos Santos. Tinha uma festa sombria, frequentada por gente que vinha de longe e sofria de “mal de mor-feia”. Alguns por aí ficavam numa gafaria construída com as esmolas do Santo mas pouco querida pelo resto da população. Das ofertas que pretendia doar a maior fatia caberia ao Santo Amaro, o padroeiro da terra, que acabou por levar uma moeda de prata; os outros levaram umas moedas de metal e uma almotolia de azeite.

Entretanto com a notícia da chegada do rancho começaram a vir algumas pessoas a falar com o José, entre eles pescadores da Vieira que desejavam seguir os caminhos do Xico. As descrições da abundância de peixe e as possibilidades de minorar a fome das famílias faziam com que estes homens fizessem uma longa caminhada pelos campos de Carvide e de Monte Real, até ao Casal das Várzeas, a pedir trabalho. E depois de vários encontros ficou acordado que na próxima ida iriam não

só alguns pescadores, como duas ou três estruturas para embarcações que tinham de ser transportadas em carroças.

Vendo bem as coisas, embora a viagem viesse a demorar um pouco mais, seria proveitosa no regresso para transportar alguns víveres: talvez arroz e vinho, se o ano fosse de feição. Se algum dos homens quisesse seguir de burro, tanto melhor, pois assim a carga era repartida e permitia recuperar umas léguas ao fim dos dias de caminhada. Uma coisa era certa, se “a cavalo dado não se olha o dente”, muito menos aos produtos usadas para a alimentação da família que em regra os patrões doavam aos servos depois das fainas agrícolas.

XII. Entre margens

Dobrei o alto da serra

Já cá vou do outro lado.

Já avisto os olivais

Pra onde o rancho é falado.

Os preparativos para a viagem seguinte decorriam sem problemas. Cada dia José recebia mais pedidos mas, habitualmente, só levava entre duas a três dezenas de pessoas e algumas bestas. Era assim que tinha combinado com o Senhor e era assim que se sentia bem apesar da ajuda do filho mais velho, o José Jorge, que o acompanhava cada vez com maior frequência e gosto próprio. E porque não, pensava o pai orgulhoso, cada vez que o via a comandar o grupo e a entrar pelo portão grande do senhor de Alpiarça? Gostava sobretudo da sua capacidade de relacionamento e reconhecia, que embora tivesse uma maneira de ser mais calma, não deixava que lhe fizessem o ninho atrás da orelha. Quando tinha de agir não perdoava, fosse a quem fosse.

Era dia de partida. Seguindo o mesmo rumo, o ritual e a algazarra costumeira, a caravana pôs-se a caminho depois da missa e da bênção dada pelo senhor Prior. Na cauda seguia um cão rafeiro que há dias não deixava o rancho. Pudera, estavam sempre a mimá-lo com ossos e espinhas... E como “a cavalo dado, não se olha o dente”, lá seguia, escorraçado por uns, acarinhado por outros, à ilharga do pessoal. Na dianteira, José ia pensando com os seus botões, que em breve estaria ali para festejar mais esta marcha. Contudo roía-lhe a cabeça com um pressentimento: não sabia quando poderia ser. Por isso prometeu ao Santo para o livrar dos maus encontros. Em paga dar-lhe-ia uma moeda de prata, das maiores. Palavra de homem honrado.

Nessa altura do ano os dias mais longos permitiam fazer uns percursos maiores e o rancho marchava mais depressa pelos caminhos da borda da serra. A viagem não teve grandes problemas a não ser a queda do jumento que o Zé Sardinheiro deu quando a besta se espantou, logo à saída de Leiria, porque um cão ranhoso decidiu meter-se com o rafeiro que os seguia e depois de uma briga canina, tentou morder as patas e o burro. Sem meias medidas este deu-lhe dois coices que atiraram o Zé para o chão. Foi digno de ver o homem a livrar-se dos coices do burro e com medo dos cães, que continuavam a brigar à sua volta.

Esta cena animou a rapaziada quando confirmaram que o vieiro, com a queda, tinha rasgado os atilhos que lhe serviam de cinto e este não tivera outro remédio senão o de segurar as calças no cós das ceroulas. Sim, porque apesar de ser Verão, como lhe tinham dito que as noites eram frias, não quis iniciar viagem sem o adorno certo para as noites de inverno. Apesar de apagado, o rapaz até era esperto quando as coisas lhe cheiravam mal. Além disso tocava umas modas nos pífaros de cana que só ele sabia arranjar. Dizia-se que o avô tinha andado nas naus e que ao regressar trouxera esta arte que ensinava aos pescadores

do Lis e aos camponeses dos Moinhos de Carvide, por onde se perdia atrás das moças novas. Coisas da idade. Por isso até lhe chamavam o “D. Dinis”, tal era a fama que o malvado tinha nos casais da região. Dizia-se encantador de serpentes e por ser já velho, nenhum dos maridos se sentia traído com a sua presença.

Os pensamentos de cada um eram difíceis de adivinhar. Se era verdade que todos se haviam comprometido a fazer uma campanha agrícola, o certo era que na hora do regresso, os da Vieira tinham destino diferente: aproveitar a pesca do rio e, quem sabe, ficarem por lá mais algum tempo como acontecera ao Xico que aproveitara o rancho para estabelecer amizades com o barqueiro e outros pescadores que por lá andavam. Não foi tarefa fácil. No vale do Tejo, quando os vieiros começaram a chegar, já lá havia pescadores vindos das águas do norte, das bordas da ria de Aveiro. Diziam-se descendentes dos Fenícios, uns; aos outros, corria-lhes sangue Viking nas veias. Era vê-los estrebuchar entre si e reclamarem a posse das águas, do pescado, dos portos do rio e até das terras que estavam junto às margens. Uns acabaram por ficar e com os anos até se acasalaram com os vieiros, quando entre eles começaram a crescer mocetonas atrevidas, com boas formas e com pele linda a valer. Outros acabaram por ir trabalhar para os campos, numa parceria que já praticavam nas suas terras, junto da foz do Vouga e da sua ria. Aí até lhes chamavam os “anfíbios”.

Quanto ao José - passado o período da Quaresma durante o qual as pessoas tinham de jejuar e de fazer muitos sacrifícios, redimidos por Bulas que o senhor Vigário punha à disposição dos fregueses no cartório da paróquia, quando iam à “desobriga” - acertara iniciar viagem na manhã seguinte ao dia de Pascoela. Com ele iam algumas das pessoas que o havia anteriormente acompanhado - entre os quais três casais da Vieira - e mais três pescadores e a mulher de um deles que seguiam no grupo com as estruturas, talhadas em madeira de cerne do

pinhal do Rei para duas embarcações a construir num dos portos de Santarém. Tinham destinado por lá ficar e iniciar outra vida.

Decerto que as coisas não lhes iam correr mal, pensavam estes. Pior do que a fome negra que passavam na praia, não podia ser. Sim, porque habituados ao mar e quando muito ao rio, um pescador não podia entreter-se com outras tarefas. Isso era para as mulheres. A eles cabiam-lhes a consulta das águas e das correntes, dos ventos e das nuvens, do voo das aves marinhas e, sobretudo, tagarelar entretidos com os remendos das malhas que iam colocando no saco da rede, para não deixar fugir o pescado. Conversar sobre as areias da praia, entre ditos e prenúncios transmitindo de pais para filhos os ensinamentos e as tradições da sua gente.

A maior parte tinha nascido à beira do Pinhal do Rei mas entre eles já havia uns loiros do norte, que haviam chegado como as correntes, em dia de chuva e por ali tinham ficado. Diziam-se da foz do Mondego ou mais acima, das areias da gândara e da ria. Os primeiros oravam muito à Senhora da Guia; os segundos, à Senhora dos Navegantes. Os da Vieira, porém, acreditavam na Santa mais próxima, aquela que lhes valia e que não tinha nada a ver com o mar: a Rainha Santa Isabel a quem levavam flores, muitas vezes simples camarinhas, durante a sua romaria e procissão.

Tal como sucedera anteriormente esta viagem iniciou-se no adro da capela do Santo. Ainda era de noite quando chegaram os vieiros trazendo consigo um carro de bois, cuja chiadeira fez-se ouvir à distância de uma légua, ainda vinham nas margens do rio. Não havia unto que chegasse para a panela da sopa quanto mais sebo em demasia, dentro dos chifres de vaca pendurados nos taipais, para pôr no eixo de pau do carro de madeira, puxado por uma vaca que havia sido emprestada pelo dono da campanha das areias da foz do Lis. Tinha sido uma troca de favores que o Faneca conseguira do tio Rabita, um velho

pescador que conhecia o mar melhor que os seus dedos, e que estimava muito desde o dia em que o safou de uns larápios que lhe haviam roubado as redes com o peixe seco que ele mantinha na praia e sob o qual acendiam fogueiras para o secar mais depressa. Fora num dia em que uns meliantes do pinhal, sabendo do petisco que era aquele peixe assado no areal, bem temperado e avinhado, resolveram apoderar-se da carga. E não fora o Faneca ter dado o alerta, os vagabundos bem se tinham banquetado à custa do suor do velho Rabita e de sua mulher, uma mocetona de ancas largas e peitos salientes que ele conquistara com as suas falinhas mansas e promessas de felicidade...

Uma vez chegados ao adro da Igreja e após a saudação ao santo Amaro - do qual não se sabe bem se foi trazido para aqui pelos galegos -, e invocada a sua ajuda contra o reumatismo e outras enfermidades ósseas, o grupo transferiu as bagatelas do carro para a carroça de dois eixos e duas mulas que os deviam acompanhar. Com o tempo de feição era caminhar enquanto as pernas deixassem e as mulas quisessem. Sim porque sendo da família dos asnos, eram conhecidas por serem “teimosas” como os primos da mesma raça... Coisas de família ... Sem pressas nem sobressaltos a carreira fez-se pela borda da serra, por caminhos que o José havia experimentado ainda no seu tempo de mancebo militar. Das perdas registadas só uma os entristecia, o rafeiro que sucumbira durante a viagem, tão degradado estava o seu estado de saúde.

Desta vez a travessia do Tejo foi mais demorada do que o habitual. Mas aí teve a colaboração do filho. As chuvas que haviam caído lá para a serra e que o rancho adivinhara pelo negrume do céu, fizera engrossar o caudal e obrigaram o barqueiro a trazer um outra barça. A chegada à quinta foi registada com alvoroço e pelo reencontro com o feitor e os caseiros que os aguardavam com alegria a chegada do rancho. José pediu então para falar com a Senhora e apresentar-lhe a sua filha,

Maria, que ele tinha trazido conjuntamente com uma bola de azeite e carne, iguaria da sua tia-avó, a Ti Ana, e que não era feita desde a morte desta.

Acedendo ao seu pedido a Senhora veio à porta da casa recebê-los e inteirar-se da viagem. E ao ver um grupo tão diversificado de pessoas, entre as quais os vieiros com as calças atadas pelo meio da barriga da perna e umas camisas meio rotas, de pano escuro, mas tão asseadas, que quis saber de onde vinham e o que faziam. Inteirada das razões desta viagem chamou o feitor e deu-lhes a permissão para se instalarem junto ao cais da Quinta, talvez no cais mais antigo e de o recuperarem para uso próprio. Mais ainda, reparando nos xales desfeitos das mulheres e vendo o estado de prenhez em que uma se encontrava, deu autorização para construírem um abrigo de caniço próximo das margens do rio, para que pudessem dispor de uma barraca provisória para esta família ter o filho que esperava. Perante a oferta da Senhora, o Faneca foi ao carro e trouxe o remo mais novo da embarcação, agora enfeitado com duas flores do jardim e em sinal de gratidão deixou-o nas suas mãos prometendo que naquela casa já não iria faltar peixe. Tinham vindo para ganhar a vida no rio e se necessário fosse poderiam contar com a sua ajuda em qualquer trabalho.

Ao ouvir estas palavras o feitor olhou para o Xico que se torcia de contentamento ao ver o gesto do tio e os amigos da terra que ali estavam. Agora sim podiam voltar a encontrar-se e contar as histórias dos “lobos-do-mar” e dos pescadores mais afoitos que sabiam como enfrentar as ondas traiçoeiras do mar da Vieira; as histórias dos “lobisomens” que habitavam o Pinhal do Rei e que atacavam, noite dentro, sobretudo nas noites de Lua cheia; as narrativas das almas perdidas que enchiam de lamúrias a ponte da Passagem e as histórias das bruxas que atacavam os rapazes solteiros quando os encontravam desprotegidos pelos lados do Samouco. Lembrou-se o feitor que estes

podiam dar-lhe uma ajuda no transporte dos cereais e feno pelo rio, evitando assim o percurso mais lento com a carroça e a mula de carga, entre a Quinta e a casa que o Senhor Passos tinha comprado na encosta de Santarém. Depois de uma sopa bem quente, enriquecida com os restos do peixe que ainda sobrara e agora repartida entre todos, trataram de arrumar os seus haveres e de se prepararem para uma nova safra. Até construírem as barracas, os vieiros acomodaram-se nas palhas, junto das eiras e mais próximo do rio. Por sua vez, Maria foi levada para o quarto das criadas onde tinha a sua enxerga à espera.

Quando entrou em casa e ao ver a cozinha onde ia trabalhar, ficou espantada com a sua grandeza e asseio. Uma mesa ao centro, coberta de pedra luzidia, umas bancas laterais e uma lareira enorme, ao canto, chamaram-lhe logo a atenção. Ao lado desta duas enormes cantareiras preenchiam o espaço de parte da parede onde estavam penduradas as panelas e os utensílios de cozinha. Junto à cozinha situava-se o quarto das criadas, com quatro enxergas de palha e dois armários de madeira, que faziam a separação entre as que ficavam do lado da janela e a entrada da porta. À Maria, a última a chegar, estava reservada a cama junto da porta. A arca servia-lhe de mesa-de-cabeceira. Não importava, era ali a sua nova casa onde ia aprender a cozinhar e a fiar o linho, tarefa que consumia o tempo da Senhora e das criadas da casa durante os serões de inverno, quando o Senhor Passos se demorava na capital. Esta era uma oportunidade de poder trabalhar com o fio e de aprender a bordar, tarefa que não dominava bem e que na terra era apenas reservada às famílias com mais posses que podiam comprar o linho e fazer os lençóis, as toalhas, os panos de tabuleiro e as sacas com que davam a cõngrua ao Cura no dia da visita Pascal. E se as mãos não tivessem jeito para isso, podia sempre vir a trabalhar com a estopa, usada na costura dos aventais, das saias e das calças dos homens.

Os meses que se seguiram à chegada do rancho ficaram marcados pela atribuição de novas responsabilidades ao José que passou a viajar mais vezes para a cidade. E quando o Senhor Passos vinha à quinta, fazia questão em saudar o homem e inteirar-se da sua vida. Da sua parte, esperava que este continuasse a trabalhar tão bem como da primeira volta e que representasse bem a casa Passos nos torneios de varapau, por altura das festas das colheitas que iam ter lugar na Golegã e em Santarém. Pediu-lhe ainda para ter atenção aos ladrões que andavam a rondar a quinta e que precisavam de uma boa coça. Consciente da sua missão, o capataz esmerava-se no que fazia e com a licença do patrão começou a treinar com os amigos da quinta do Marquês os lanços mais arriscados para o torneio do Verão. Tinha de continuar a fazer boa figura.

Entretanto, por duas vezes o Senhor Passos voltara a ordenar a sua companhia em deslocações à capital. Fazia-o por questões de segurança, quanto tinha necessidade de participar em reuniões públicas ou de se encontrar com adversários políticos. Estes encontros, além das forças da ordem, exigiam uma segurança privada e de confiança. Nessas deslocações o Senhor Passos deu-lhe possibilidade de participar num torneio de jogo de pau, realizado às portas de Sintra, e onde o José e o seu companheiro de trabalho levaram de vencida o grupo do Marquês da Granja, o tal que possuía também uma quinta junto ao Tejo e que agrupava, juntamente com a dos fidalgos da Golegã, os melhores jogadores e defensores desta arte na região. As circunstâncias assim o exigiam até para fazer frente aos muitos assaltantes que por ali vagueavam escondendo-se nos ermos e nas matas que seguiam o antigo caminho de Santiago, que ia de Lisboa à Galiza, passando pela Golegã e por Tomar. A partir daí tomava o rumo para norte até à terra de outros fidalgos da serra, proprietários e hóspedes frequentes das terras do baixo Tejo.

Para além da fama, José ia juntando mais algum dinheiro uma vez que os prémios dessas disputas, não sendo valiosos, resultavam sempre em algumas moedas arrecadadas entre os fidalgos da assistência. Por vezes até, além das moedas, também as donzelas presenteavam os seus heróis com pequenas lembranças, tais como luvas e lenços, que mandavam ofertar ao vencedor da contenda. No caso de ser ele a recebê-las, numa atitude de generosidade e respeito, repartia-as com o filho presente ou trazia-as de volta para a família. Temia até que a posse destas lembranças femininas pudesse levantar suspeitas mas agora, tendo como testemunha os filhos, podia justificar esses troféus como símbolos da vida e das lutas em que ia participando.

A questão que se colocava nesta viagem de regresso, no início de Verão, era a de ter de viajar sozinho uma vez que antes do Outono eram necessários mais trabalhadores para dar um jeito nos trabalhos do lagar, na adega e depois no campo. Lá dizia o avô: “Quem planta no Outono leva um ano de abono”... Como ia sozinho, não podia atravessar o planalto de Santo António, onde periodicamente os bandos de malfeitores atacavam e matavam até quem se lhes opusesse. Por isso ia por outro caminho seguindo por Mira d’Aire, continuando na borda da serra até seguir pela antiga via romana, como lhe chamavam, até Leiria, percurso que lhe parecia mais seguro. Tinha de saber lidar com o imprevisto.

Sem grandes preocupações chegou finalmente o dia em que o Senhor Passos, regressado de Lisboa, o chamou ao seu escritório e mandou o feitor fazer as contas do rapaz. De caminho fez-lhe as últimas recomendações e pediu-lhe para levar para uns Senhores de Leiria duas cartas, em separado. Mas a sua missão não acabava aqui: tinha de fazer a sua entrega sem que, cada um deles soubesse da entrega da missiva à outra família. Era uma missão arriscada esta, mas à qual tinha de saber responder e de trazer as devidas respostas no regresso, quando voltasse

no final de Verão. Deviam tratar-se de questões importantes, lá do reino, e que requeriam o apoio dos fidalgos leirienses, pensou com os seus botões.

Com o cuidado que a missão exigia guardou-as na bolsa que colocou sobre a sela, junto ao assento, de forma a não serem amarrotadas durante a viagem. E com um pequeno alforge à ilharga, uma cabaça de vinho e o saco do farnel ao lado despediu-se do filho e pôs-se a caminho na sua égua seguindo em direção ao Norte. Antes de o fazer saudou mais uma vez a filha Maria, passou junto dos vieiros, passou o Tejo na barça do Xico e acenando da outra margem aos que o viam partir, pôs-se a galope no sentido das terras do Lis. Desta vez estava a seu cargo não só a sua segurança e dos documentos que levava, mas ainda a responsabilidade de chegar são e salvo junto dos seus que o deviam esperar para as festas de São Tomé. E com um “Ala, arriba”, pressionou os esporões das botas na barriga da égua, enfiou o chapéu mais ainda pela cabeça abaixo e seguiu o seu caminho.

De acordo com as recomendações do feitor da casa, os maiores cuidados deviam ser tomados lá para diante, na baixa entre Minde e Mira de Aire, ou mesmo antes, no caminho de Santarém, locais onde eram mais frequentes os assaltos. Aí, escondidos nas lapas da serra acoitavam-se os gatunos que ao descerem a encosta encurralavam os viajantes, particularmente na época das cheias quando a lagoa ficava coberta de água e no verão, sempre que o calor sufocante os obrigava a percorrer o caminho mais sombrio junto às vertentes. Entre eles, um dos mais conhecidos, o Zarolho – cujo olho lhe saltara numa dessas cenas de pancadaria em que se viu envolvido – era conhecido pelos seus roubos e assassinatos. Por isso José redobrou os cuidados quando iniciou esse percurso. Apertou as rédeas da besta, escondeu melhor a bolsa dos documentos que transportava e depois de beber um trago de vinho da cabaça amarela, aventurou-se na descida. Para dizer a verdade até

sentiu o coração a bater-lhe quando, à sua frente, saltou um coelho que assustou a égua em que seguia. Temendo o pior, José agarrou a vara que o acompanhava e agarrando-a melhor com uma das mãos, prosseguiu a viagem. À distância topou com um pastor que conduzia umas dúzias de cabras e lembrou a localização da albergaria de Mira, onde devia pernoitar.

O caminho estava assinalado pela abertura das Alminhas, preparada com as pedras do próprio muro, surgidas na sequência do concílio de Trento, destinadas a evocar as dores do Purgatório e a lembrar a oração do caminhante pela alma dos pecadores. Por sinal nessa noite o pavio de azeite, aceso numa vieira já negra, assinalava o canto do muro de pedra solta, frente ao cruzamento dos caminhos que apontavam o sentido em que seguia e outros lugares da serra. Um dos trilhos apontava para nascente, no sentido do “caminho de Santiago”, que ligava a capital do reino à Galiza e por onde circulavam romeiros em peregrinação ao túmulo do Apóstolo de Cristo, irmão do evangelista João, patrono dos exploradores, conhecido por Santiago.

Ao aproximar-se José observou, sobre um fundo claro, um crucifixo de madeira colado a uma estampa já corroída pelo tempo, com figuras humanas sofridas em torno do Salvador. Reparou ainda nas flores com que o estalajadeiro enfeitara o nicho de pedra, lembrando a alma da mulher que o havia deixado. Descendo os olhos recordou o teor da lápide que já conhecia doutros lugares: “Ó vós que ides passando, lembrai-vos de nós, que estamos penando”, ali substituída por outra com os seguintes dizeres: “Das almas do Purgatório // É bem que nos alembremos; // Nós havemos de morrer // Sabe Deus para onde iremos”. Instintivamente tirou o chapéu e recolheu-se por instantes diante desse oratório que lhe recordava o seu destino, o da família e o dos amigos que já haviam partido.

Retido com estes pensamentos nem reparou no vulto desfigurado de um homem que se aproximou com a mão meio estendida, dando-lhe a entender que queria dinheiro. Não gostou nem do gesto nem do porte e ao mesmo tempo que este tirava debaixo da capa um facalhão de todo o tamanho, já o mestre lhe acertava em cheio na mão, obrigando-o a largar a arma. Só que José não contava que esta estivesse amarrada ao punho e num instante, de agressor passou a agredido. Saltando da besta, pega no tira-teimas e envolve-se numa luta corpo a corpo que os faz rebolem-se, amiúde, sobre o pó do caminho. Às primeiras gotas de sangue junta-se uma jorrada mais forte e o intruso fica sem voz deitado a estrebuchar querendo pegar na faca que desta vez lhe escapara do pulso. Com mil cuidados o gigante do Souto pega nela e a escorrer em sangue arruma-a na sela.

Não se sabe ao certo o que aconteceu ao meliante. Anos mais tarde um pastor local encontrou num algar próximo um corpo coberto pelas silvas, com traços que se assemelhavam aos do intruso. E apesar de muitos acreditarem que o seu desaparecimento tinha a ver com o acontecimento daquela tarde, este encontro foi apenas revelado pelo sangue que escorria da face do José quando chegou à albergaria e foi obrigado a mostrar ao estalajadeiro a arma da cena. Como acontecera noutras circunstâncias, depois do taberneiro ter dado com a língua nos dentes, muitos passaram a respeitá-lo ainda mais e outros, a temer um encontro a sós.

Quando chegou à povoação, o barulho dos cascos da égua sobre as pedras chamaram a atenção de uns garotos que ao lusco-fusco saltavam à macaca no adro da igreja, bem perto do local onde devia ficar. Vieram-lhe então à memória as recordações da sua infância, em que juntamente com os rapazes da terra, ia à doutrina a casa do Sr. Pereira e daí seguiam em grupo para a Igreja do Souto arremessando pedras uns aos outros ou correndo atrás de pássaros e de borboletas que trocavam entre si.

Eis que, com estes pensamentos, topa com o estalajadeiro que ao dar conta do ruído dos cascos do animal, vem cá fora acolher o seu cliente. Esperava-o um manjar de coelho bravo cozinhado com castanhas e legumes e um tinto de se tirar o chapéu.

Depois de tratadas as feridas e de uma conversa pausada com o dono da casa, seguiu-se um sono reparador que durou até à manhã seguinte. E bem cedo o nosso homem, que travara conhecimento com outro negociante comprador de peles na região, segue o seu caminho para norte no sentido da estrada Real. Além de melhor caminho para a besta era mais seguro e apesar de ser mais longe do que seguir pela serra, era mais fácil encontrar companheiro de viagem. Não desejava repetir o encontro do dia anterior.

Ao descer a Serra, a caminho de Leiria, não lhe foi difícil encontrar a estrada até pelo pó que se levantava aos rodados de uma carroça que seguia um pouco à sua frente. E em vez de a seguir de imediato, decidiu dar descanso à besta debaixo de umas oliveiras que serpenteavam o caminho, com muros de pedra e uns chaparros secos a ladeá-lo. Cansado como vinha passou pelas brasas antes de recuperar fôlego e avançar. A carroça que seguia à sua frente seguia o mesmo caminho. Uns metros depois de ter reiniciado a marcha, topou com os dois homens sentados no banco e um enorme coberto entre os taipais. Quando estes se viraram e viram o cavaleiro que os seguia olharam-no fixamente e depois de se certificarem que não se tratava de nenhum malfeitor, o mais velho tomou a palavra:

- “Então homem, também por estas paragens? Nós vamos para as águas das Brancas, quer vir connosco?”

Mal sabia o José onde eram as Brancas e as suas águas. Por isso foi fácil estabelecer a conversa até que se separaram e o nosso herói seguiu o caminho de Leiria. Apesar de se aproximar a noite tinha de ir mais adiante e procurar abrigo em casa de quem trabalhara durante anos.

Além disso essa era a oportunidade de satisfazer um dos pedidos do Senhor e de visitar o feitor, já retirado do trabalho mas a servir de porteiro da casa, que o acompanhara na primeira viagem até às terras da Borda d'Água. O caminho era seguro e mesmo que chegasse tarde havia de certeza alguém para lhe franquear a entrada. E quando entrou em Leiria pelo lado de Porto Moniz topou, lá no cimo dos Franciscanos, junto a um ponto de luz que os fiéis mantinham no local do Massacre da Portela, com dois figurantes que ao verem o intruso foram na direção da besta. Temendo algo de pior José deu um salto do cimo do animal e pegando a vara entre os dedos, deu -lhe meia volta com tal força que o sibilo do ar definiu logo o seu modelo de ação.

- “Não se assuste homem, nós somos do corpo da Guarda”.

Disse-lhe um dos homens do grupo.

- “Anda perdido ou quê?”

Depois de algumas palavras e descobrindo-se perante as velas acesas no local do massacre da Portela, desceu o caminho do Terreiro e entrou na casa dos antigos patrões. Acolheu-o o feitor seu amigo com quem ficou a conversar noite dentro. Ainda nessa noite ficou a saber que a outra família que procurava morava ali bem perto, junto da Portela, em casa larga e apalaçada, que era um primor. Já a tinha visto por fora mas como estava sempre guardada por uns cães que metiam medo e os senhores que lá moravam tinham mais haveres na região, não os conhecia. Agora tinha essa oportunidade e podia dormir descansado. A viagem estava ganha.

Bem cedo, depois de uma malga de sopas de leite, como era hábito lá na casa, e sabendo que os Senhores estavam de vista a uns parentes que habitavam fora da cidade, José foi à outra quinta entregar a missiva. Identificou-se e quando o mandaram entrar dirigiu-se ao fidalgo, já dobrado pelos anos, que o esperava no cimo das escadas. Com o chapéu entre as mãos e curvando-se como devia, fez a entrega da missiva.

Seguiu-se uma longa conversa, sem pressa por parte do dono da casa, um respeitável viúvo que habitava sozinho desde a morte de sua esposa e que tinha um dos filhos a residir lá na serra, em Alvaiázere; outro na corte em Lisboa e o terceiro, a viver no Brasil. E sabendo já dos dotes do seu interlocutor, contratou-o para este o acompanhar à quinta da família, lá na serra, onde anualmente tinha lugar um importante torneio com corridas de touros, jogo do pau, da corda e corridas de sacos, onde iam os mais afamados jogadores da região. Sem querer acabava de se lhe abrir uma nova porta que mais tarde havia de aproveitar, passando aí a residir de forma continuada⁷.

À medida que aumentavam as viagens ia conhecendo novos companheiros e mais uma vez, quando acompanhava um rancho para a Borda d'Água, no cimo do planalto de Santo António voltou a encontrar os peleiros, já seus conhecidos de viagens anteriores. Com as mãos presas às rédeas da mula, seguiam de carroça à compra de peles de coelho que depois vendiam a um artesão dos Olhos de Água. Desta vez, porém, um deles vinha acompanhado de um rafeiro que viajava ao seu lado e que foi motivo de festa quando um dos rancheiros o assanhou indicando-lhe insistentemente as pernas do outro homem.

Apesar dos grupos serem numerosos, José ia controlando as tensões impedindo que a troca de palavras subisse de tom ou que os gracejos viessem a entornar o caldo da concórdia em que seguiam. Não era difícil que tal acontecesse uma vez que além dos homens do campo seguiam grupos de vieiros, uns destinados ao campo e os outros vinham engrossar o grupo de pescadores locais que haviam saído da terra. Com eles trouxeram os búzios que usavam para o chamamento nas fainas da pesca e que passaram aos feitores que em vez da sineta usavam este instrumento inconfundível e audível nos lugares mais distantes da

⁷ Ano de 1847 (O Couseiro)

quinta. De vez em quando um ou mais desses habitantes dos campos de Leiria regressavam com José que se tornara seu confidente, amigo e protetor. Era um triplo papel que enchia de orgulho o nosso homem e que só lhe trazia vantagens de volta uma vez que para si e família nunca mais deixara de haver uns peixitos em salmoura ou salgados, que as peixeiras partilhavam com os donos da casa quando tinham necessidade de aí pernoitar, antes do regresso a casa.

A descida do planalto de Santo António e a chegada às margens do Tejo era saudada pelos marchantes que depois de se saciarem nas nascentes do Alviela e de comerem uma bucha à sombra duns salgueiros próximo do Tejo, precipitavam-se sobre as barcaças que os levavam para o outro lado do rio. Daí, só paravam às portas da Quinta. Do outro lado viram que a mulher avieira que havia feito a viagem anterior e residente numa barraca construída sobre estacas e o leito do rio, já tinha ao colo duas crianças, afilhadas do Xico. Este mantinha-se ocupado com os transportes da barcaça. A sua presença foi saudada pelos conterrâneos que integravam a comitiva do Lis, que se sentiram ainda mais confortados quando viram a sua vizinha prenhe, outra vez, a saudar os recém-chegados.

Quando franquearam as portas da casa tiveram uma triste notícia: a Senhora Passos estava há vários dias doente e apesar dos esforços dos barbeiros e do físico de Santarém que a visitava, não havia maneira de recuperar das dores e da febre. Por isso, apesar da viagem, o Senhor Passos mandou o feitor receber o rancho, dar-lhes as provisões e o alojamento e chamando José ao escritório da casa encarregou-o, no dia seguinte, de seguir com o cocheiro para Azambuja, onde morava um amigo de partido, cirurgião hábil e conceituado na capital. Era portador de uma carta a pedir-lhe a sua intervenção e vinda à Quinta dos Condes para assistir à senhora doente. Prontamente este sugeriu que nada o impedia de partir ainda naquela tarde. Pedindo para ver a filha

entregou-lhe uma pequena toalha em linho, bordada pela tia, onde se via o brasão dos familiares da Senhora Passos.

A viagem até Azambuja e a volta correram de feição quer ao Senhor Passos quer a José e ao seu companheiro. O tempo estava seco e os caminhos, de um e do outro lado do Tejo, tinham ainda o piso plano revelando o cuidado que os senhores das quintas próximas punham na conservação dos caminhos. Se todos contribuíssem um pouco não custava nada manter essas vias limpas e transitáveis. E quando fizeram a viagem de regresso, depois de terem transportado o cirurgião a casa, após uma estadia de três dias na Quinta, não só a senhora Passos já tinha melhorado, como tiveram oportunidade de observar melhor as obras da “estrada de ferro” que estava a ser construída no percurso entre a capital e esta povoação ribatejana. Tiveram até oportunidade de visitar uma das máquinas, que no meio do fumo e dos silvos estridentes, conseguia andar por entre os trilhos de ferro já montados e arrastar atrás de si umas carroças, também de ferro, cheias de pedra e de madeira para a construção da linha.

Se aquilo viesse a chegar à sua terra, pensou o homem, é que seria progresso, pensou o José com os seus botões... Entretanto foi arrumando os pensamentos sobre o trabalho que o esperava, os torneios em que tinha de participar e as vigias que tinha de fazer, agora que se constava que os ladrões andavam outra vez a rondar a quinta e a levar algumas cabeças de gado. Se encontrasse algum, decerto que não sairia vivo da contenda, assim pensava ele.

Uma tarde, andava já a Senhora Passos no jardim, abrigada debaixo de uma sombrinha branca rendilhada, juntamente com sua filha Maria e outra criada, quando chegou do campo. Apeando-se descobriu a cabeça com uma grande vénia. A Senhora chamou-o e disse-lhe:

- “Sei que trouxeste aquele pano que a Maria me entregou e que foste buscar o cirurgião para me tratar. Quero dar-te os parabéns e antes da tua partida diz à Maria para te mandar uma prenda para a família”.

Ao que este retorquiu, embasbacado como ficou com esta notícia:

- “Deus proteja Vossa Mercê, Senhora D. Gervásia”.

E perante o afastamento da pequena comitiva, passou aos seus aposentos e foi tirar uma sesta. Sim, porque desde que tinha chegado não tinha ainda parado. Tinha sido a viagem a Azambuja, a ida a Santarém, a acomodação dos jornaleiros, a ceia e agora, como o calor apertava, era a vez de ir descansar. Pela noite ia fazer a sua ronda e ver se encontrava um desses meliantes que andavam à cata dos cavalos.

À hora da ceia combinou com o feitor e mais dois trabalhadores, seguirem o curso do rio até ao novo ancoradouro dos vieiros, os que tinham chegado com ele e se haviam estabelecido mais abaixo. Pediu-lhes para se manterem atentos pois naquela noite iam caçar “gambuzinos”. Só queria que enxotassem a caça para dentro do saco, atirando-lhes umas pedradas... Foi esta a mensagem que transmitiu a um dos seus companheiros que seguiu na frente, sem grande alarido, para dar o recado aos novos vizinhos. Depois seguiu o grupo por um outro atalho e foi postar-se em local recatado, próximo do estábulo onde pernoitavam os cavalos jovens e de bom porte, apalavrados já para seguirem para o quartel do Carmo logo que o Senhor Passos tivesse ordem para os mandar.

Ainda não tinham passado pelas brasas quando um dos farruscos que vadiavam pela quinta começou a dar sinal. Havia intrusos na noite e tinham de estar atentos. Mais um pouco e surgem uns vultos que entram no estábulo e duas ou mais bestas começam a relinchar, feridas ou por terem sido amarradas à força por mãos hábeis que os sabiam dominar. A chegada destes forasteiros desencadeou o plano B, que consistia em deixá-los amarrar os cavalos e depois saltar-lhe em cima

antes de espantarem o redil. Podiam assim apanhá-los com a boca na botija e saber ao certo quem eram, de onde vinham e dissuadi-los de novas investidas. Assim foi. As palavras em surdina trocadas entre os bandidos eram familiares. Decerto que entre eles estava o Rufino, um daqueles rufias do rancho da Serra que vinha da outra banda do rio e sobre o qual já no ano anterior haviam recaído suspeitas de furtar umas coisas lá da quinta.

Agindo em comum e sabendo que era um tipo perigoso, os três guardas conseguiram encurralá-los e com a ajuda do quarto homem, que entretanto se lhes juntara, impuseram a sua rendição. De nada valera o esforço e as pauladas trocadas entre si, nem tão pouco o pedido de desculpas apresentado pelo Rufino dizendo que só tinha vindo para proteger a cavaliça dos outros que o perseguiram. Eles, sim, é que eram uns meliantes. Pelo contrário: ele era um santo que tinha vindo atrás deles para proteger a propriedade do seu Senhor. Foi assim que jurou quando as cordas lhe cruzaram os pulsos e o arrastaram junto com os seus dois discípulos, amarrados às éguas do feitor. Para castigo os outros dois vinham com umas serapilheiras enfiadas na cabeça, para não fugirem.

Na manhã seguinte a sentença estava dada. O grupo dos serranos que tinha vindo para a vindima ficava reduzido a metade. Só ficavam os que tinham dado provas de bom esforço e trabalho. Os outros, capitaneados pelo Rufino, seguiam de imediato para suas casas. Não os querendo ver mais à sua frente o Senhor Passos não quis sequer queixar-se à guarda civil. Nunca mais os queria ver à sua frente. Embora fossem menos uns braços a trabalhar, havendo necessidade pedia-se ajuda aos pescadores que ainda não se tinham iniciado nas suas fainas. Estes, embora contrariados por não estarem habituados a trabalhar no campo, lá acediam. Mais tarde veio a verificar-se que

muitos deles acabaram por se fixar na agricultura em vez de seguirem o trabalho dos seus antepassados.

Preparando-se para mais uma viagem, José teve conhecimento do namoro de sua filha Maria com um dos maiores da casa. Veio confidenciar-lhe que desejava casar ali mesmo, na companhia do pai e dos irmãos que pudessem assistir. O trabalho da casa não permitia mais. Pensando bem esta até era uma boa ideia. Não sabia como ia ser, mas decerto que ia ver qual dos irmãos o podia acompanhar para que a rapariga não se sentisse só. Já havia por ali um grupo digno de pessoas da terra e estas dar-lhe-iam o conforto necessário para uma cerimónia desta natureza. E como ia ser a sua vida no futuro agora que a filha ia casar e os rapazes precisavam ainda de amparo? Estava a ficar cansado. Alguém o teria de substituir.

Entre os pescadores do rancho estabelecera-se já o costume de virem nos meses de Inverno para a Borda d'Água, e após as boas pescarias de Abril, prepararem a volta no início do Verão para a foz do Lis. Apesar do tempo incerto lá aprenderam que “Abril frio e molhado enche o celeiro e farta o gado”, assunto que na sua terra de pescadores, nunca haviam pensado. Só sabiam que “quem semeia ventos, colhe tempestades”... Daí que, uma vez chegados às dunas da Vieira, era trabalhar sol a sol na pesca do mar, na venda e na salga do peixe, técnica que alguns deles haviam trazido já para o sul e que ganhava bons adeptos entre as populações ribeirinhas. Não que eles não o soubessem fazer, mas a mistura do sal, os fumos da caruma e, porque não, a ajuda das moscas varejeiras e o tempero do ar salgado que subia rio acima, ajudava a temperar o peixe do rio que os vieiros sabiam melhor que ninguém escalar, secar, vender e cozinhar.

A sua postura obediente e respeitadora, a ajuda que algumas famílias davam nas tarefas das quintas e os contos e lendas que traziam sobre o Pinhal e o mar revoltado da sua terra, conferia-lhes um estatuto de povo

aventureiro e valente, que sabia bem acolher. Além disso eram menos arrogantes que os outros pescadores louros e de pela clara que ali habitavam. Quanto aos demais jornaleiros do campo do Lis, os senhores da terra reconheciam-lhes o gosto pela lavra, bons hábitos de trabalho e uma frugalidade que os impressionava. Um caldo pobre, o conduto seco e ao Domingo uma sopa rica bastava-lhes para que retirassem da terra os melhores frutos que também sabiam cozinhar, preparar e oferecer aos seus vizinhos. Era boa gente, corajosa, crente e de confiança, qualidade que aos poucos iam sendo reconhecidas por todos os que os contratavam.

Um dia, mais um dia, estando um grupo destas mulheres junto ao rio, cantarolando e a recordar as areias da sua praia que há muito não viam, sentiram barulho em redor. Tal como na sua terra, “se ouvires roncar o mar, deixa os outros embarcar”, uma delas sentiu medo. Eis senão que lhe surge um grupo de matulões, pescadores e outros, que vindo rio acima, talvez a caminho da Ribeira de Santarém, descobrem ali a presa frágil, um grupo de moçoilas que cantarolava:

*“Eu não quero ir para o campo
que lá faz muito calor
eu não quero ser campina
que o meu bem é pescador”.*

Remos em terra, pé descalço, não se cansam de as incomodar até que um, mais destemido, ousa mesmo agarrar o braço da jovem vareira que estava a seu lado. Aflita e afoita, a afilhada do José clamou pelo padrinho. Era um nome familiar e alguns até já se haviam cruzado com ele. Cautelosamente os mocetões, não obstante o seu número e energia, lembrando-se das histórias que ouviam contar a seu respeito entre os barqueiros e a população ribeirinha, entenderam entabular outro tipo de diálogo. Sorrateiramente decidiram voltar para o barco e seguir rio acima para o arraial situado na outra margem. Era melhor passarem

sem presa do que ficar ali algum deles estatelado com uma “enviesada” desse gigante...

Na verdade entre os ranchos da beira-rio emergia essa figura incontornável: o homem que os acompanhava, de bom porte e valentão, reconhecido na área como um bom jogador de pau – e ligeireza na arte do jogo da faca, que raramente usava - inflexível para com os ladrões, esperto como uma coruja e hábil como um falcão no lançamento daqueles golpes certos que deixavam ora um rasgão na camisa ou nas calças do adversário ou que lhes retirava os botões da jaqueta ou o barrete da cabeça, sem um arranhão. Mas se fosse a valer, decerto que havia sangue, muito sangue a escorrer, mas que este homem sabia socorrer, se fosse necessário; que sabia garrotear, pôr um emplastro de ervas ou até, como acontecera numa das suas rixas na Golegã, agarrar no olho esventrado do seu adversário e colocá-lo de novo na arcada ciliar. Estes atributos iam sendo conhecidos na região ribeirinha entre os barqueiros, os mendigos e os compradores de peles que por aí circulavam e subiam a serra de Santo António. Associavam-no sempre aos ranchos de Leiria.

Quando os carros de bois, o trote das mulas e o calcorrear dos passos desta gente começava a circular pelos trilhos entre Leiria e Santarém, era certo que alguns meliantes faziam-se de pedintes e em vez de se arremessarem contra eles, preferiam trocar o certo de uma côdea de pão ou de um pedaço de unto, que não regateavam, em vez do golpe de uma vara que sabiam manejada por mão certa, possante e com tanta perícia que era melhor não experimentar. Esta a história que os compradores de peles, os amola-tesouras e os mendigos que percorriam os caminhos da serra sabiam e queriam transmitir às populações para justificar o seu negócio. Assim se iam espalhando os feitos desse homem que só mais tarde, quando as agruras familiares lhe bateram à porta, veio a deixar essas paragens. Estes dotes valeram-lhe,

igualmente, muitas invejas entre os que não conseguiram vencê-lo à primeira e aguardavam uma oportunidade de o fazer nem que fosse à socapa.

Na vida deste homem muitas circunstâncias mereciam ser relatadas. Sobretudo as que ocorreram em defesa de inocentes e de incautos, de doentes e das pessoas que nele confiavam os seus dinheiros e haveres nas viagens que fazia. Destaca-se a sua missão como ‘mensageiro’ entre os que se iam fixando em diversas povoações das margens do Tejo e os seus familiares, nas terras de origem. Nele confiaram não só os segredos mais íntimos, como os conselhos, as poupanças e haveres, transportados no alforge, na sela ou no colete do homem a quem confiavam as suas heranças e pertenças.

O tempo remoto em que as viagens se sucederam não permite reconstruir outros testemunhos que não sejam os de alguns familiares mais próximos, quase centenários, que evocam os traços do seu parente distante e os relatos que lhe chegaram.

XIII. Desencontros

As contas do meu Rosário

Não são contas de contar.

São contas que só têm conto

Nas contas pra me salvar.

As viagens de ida e vinda às terras do vale do Tejo nem sempre foram um mar de rosas para este migrante. Enquanto as forças não lhe faltaram certo foi que levou de vencida os seus adversários que muitas vezes combatiam com ele aprendendo durante essas sessões as táticas que usava para os levar de vencida. Alguns deles, porém, pagaram caro

a sua afoiteza com marcas que lhes ficaram na cabeça ou no rosto, para não falar já de outras partes do corpo feridas com o lodão do chefe.

Anos depois do falecimento da mulher, José começou a sentir os efeitos de uma vida cheia de trabalho, surgindo-lhe frequentemente crises de reumatismo que passaram a atingir as mãos e as articulações dos membros inferiores. Já sabia que em manhãs de Outono e de Inverno, quando havia nevoeiro, as dores atormentavam-no. Aí recordava o tempo em que, no início de Novembro, podia seguir o ditado: “Em S. Martinho, mata o teu porco, chega-te ao lume, assa castanhas e bebe o teu vinho”. Poucas vezes havia deixado de cumprir o adágio... Não admirava que agora as dores lhe chegassem: noites dormidas ao relento, humidade constante no trabalho dos campos do Lis e do Tejo, caminhadas com a roupa ensopada e, sobretudo, a comida à base de carne de porco e de peixe salgado e frito, deram-lhe cabo dos ossos. É certo que depois de beber a água da fonte milagrosa da Rainha, no Campo de Monte Real, as dores aliviavam mas não curavam a doença.

Foi depois de um tratamento destas águas, recolhidas igualmente num poço do outro lado do Picoto, junto do campo da Ribeira das Fráguas, que José marchou mais uma vez para a Borda d’Água, levando consigo os trabalhadores do rancho e mais um pequeno grupo de “incertos” que iam tentar embarcar para o outro lado do Atlântico. A vida estava difícil para os que não queriam seguir uma vida de trabalho, de sol a sol, e que tinham o sonho de enriquecer, se possível sentados à sombra da árvore das patacas. Assim aconteceu mais uma vez quando o grupo se deslocou para o Vale de Santarém e aí deixou, entregues a uns barqueiros da terra os que destinavam a essa faina, que consistia em sair do país sem passaporte.

Em tempo oportuno José regressou. Na manhã aprazada Maria pediu-lhe para passar pela cozinha antes de sair. Tinha-lhe preparado

um bom farnel e uma bola de carne com ovos para levar aos irmãos. A Senhora Passos tinha-a ensinado a cozer esse tipo de pão, que dizia ser muito nutritivo e saboroso. A diferença que esta bola tinha das demais era o uso de ervas aromáticas e da canela, que misturadas com o sabor da carne, davam-lhe um travo bastante agradável. Antes de partir olhou para os lados da serra e viu os cúmulos de nuvens carregadas que se amontoavam no horizonte. Tomou mais uma manta, daquelas grossas, para se proteger do frio e, ansioso por se pôr ao caminho, deu as últimas recomendações à filha e ao amigo que o substituía e partiu. Lá dizia o povo: “Sol de Janeiro nasce tarde, põe-se cedo e mal sai do Outeiro”.

O percurso, já seu conhecido parecia-lhe agora mais longo. E à noite quando se acolheu, no alto da serra, num dos moinhos que o seu amigo vendedor de peles lhe recomendara, passou parte da noite à conversa com o moleiro. Escutou a história de vida: a de um viúvo, mirrado pelo trabalho mas que manejava tão bem a pedra e as velas que não fazia prever a idade. Este falou-lhe do filho da irmã mais nova, solteirona, que habitava um casebre ali perto e tinha dois filhos. A felicidade não a tinha acompanhado e deixara-se levar pela conversa de vários homens que depois a haviam abandonado. O filho mais velho estava para ir às sortes. Se calhar até já devia lá andar uma vez que a tropa o tinha já vindo buscar mas este escapulira-se com tal pinta, no meio da noite, que ainda conseguira fazê-lo numa das bestas do militar.

- “Preciso de ir trabalhar para mais longe”.

Foi assim lhe falou o moleiro, ao que o visitante anuiu que na próxima viagem de regresso, o conduzia às margens do Tejo. Combinado o contrato no dia seguinte desceu a serra, passou as cabeceiras e o leito do Lis, e para ganhar tempo entrou de imediato nos campos de Ragueira de Pontes. Durante a viagem os seus pensamentos cruzaram-se entre a família sanguínea e a família real. Agora que o Senhor D. Miguel estava tão longe ia pensando com os seus botões as

voltas que a vida lhe deu e olhando à sua volta, reconhecia que “Qual Rei, tal a lei; qual a lei; tal a grei...”. Por não receber notícias do seu Senhor não lhe saiu da mente a canção dos Constitucionais (1832) dedicada à rainha D. Maria II – “*Vai-te ralando, minha carcundinha*”.

“Vai-te ralando
minha carcundinha (bis)
Vai-te ralando
com esta modinha (bis)

Os caipiras são todos bufões
agarrados a malta e cordel
vão servir de burros de carga
nas fileiras do rei D. Miguel.

Vai-te ralando
minha carcundinha (etc.)

Os caipiras, à pátria traidores,
Com os frades que trajam burel,
Como os brutos de carga, só puxam
À carroça do Rei Dom Miguel.

Vai-te ralando
minha carcundinha (etc.)

Os caipiras, da pátria vergonha,
Representam um triste papel:
Como burros, em tudo iguais,
Cavalgados do Rei Dom Miguel.

Vai-te ralando
minha carcundinha (etc.)”

As viagens do grupo eram já seguidas por outros ranchos da região que mais abaixo de Leiria, pelos campos do Lena (ou do Lis, como alguns teimosamente lhe chamavam) se juntavam aos que vinham da parte Norte. Muitos deles eram constituídos por devotos que frequentavam as festas da N^a Senhora da Gaiola, da Senhora do Fetal e

que através do Abade franciscano que fazia sermões, tiveram conhecimento dos ranchos de Leiria. Tendo recorrido ao José, este arranjou-lhes outra casa para trabalharem, mais abaixo, em Almeirim, e passaram a fazer algumas das viagens em conjunto. Parecendo que não, era melhor andarem em grupo pois assim dissuadiam os ladrões, afugentavam os lobos e podiam trocar os gracejos mais à vontade sem se sentirem constrangidos pela convivência de um grupo mais pequeno.

Foi desta vez que uns meliantes disfarçados de mendigos os cercaram quando já tinham ultrapassado os olhos do Alviela. Não gostando das suas gabarolices o chefe desarmou um deles e desferiu-lhe tamanha paulada que atingiu em cheio, à vista de todos, o burro sarnento que transportava o alforge e o que o meliante havia escondido debaixo dele. Não sabemos o que aconteceu ao burro, mas o certo é que os intrusos debandaram deixando no terreiro os seus haveres e produtos da vadiagem. Não havia muitas testemunhas mas o certo é que ao chegarem à barcaça, conduzida pelo Xico, já este sabia do sucedido e anunciava mais uma proeza do gigante do Souto. Esta era até uma maneira de se sentir protegido por ser amigo de tão distinta personagem.

Durante uma outra das suas deslocações solitárias foi alcançado por um grupo de soldados que andavam de casa em casa à procura dos mancebos que se deviam apresentar no quartel e sem motivo justificado não o fazia. Um deles, desconfiando dos ranchos que o acompanhavam onde vinham frequentemente rapazes novos, mandou parar o nosso viajante e perguntou-lhe:

- “Para onde andas a levar os homens, pá?”

Aparentemente sem saber do que se passava, este retorquiu-lhe que não sabia do que estava a falar, tanto mais que só trazia gente dos campos do Lis, que não tivessem problemas com a justiça:

- “Por Deus”.

Assim o jurou. Desconfiado e temendo não ser este o “homem das calças” pardas que procuravam, o cabo revistou a besta e nada encontrando de anormal a não ser a sua a boa pinga, o farnel e o “tita-teimas” – cujo uso foi justificado pelas dores reumáticas –, mandou-o seguir dizendo-lhe que ficava debaixo de olho.

- “Se te apanho em desgraça ou arranjo provas contra ti, meto-te atrás das grades. Podes ter a certeza”.

Contrariado, José pensou com os seus botões: “onde reina a força, o direito não tem lugar” e pôs-se a caminho descendo a encosta de Mira mas não gostou nada, mas mesmo nada, de continuar a ser seguido pelo cabo e pelos dois soldados, que de vez em quando passavam-lhe ao lado encostando-o às margens mais perigosas do trilho por onde seguia. Foi numa dessas situações que José agarrou na vara que o acompanhava para todo o lado e fê-la rodopiar por cima da cabeça do soldado. Por pouco não o apanha mesmo em cheio. Bem o quiseram agarrar, mas mais veloz que os seus companheiros põe a mula na sua dianteira e cavalga à sua frente até Mira. Depois de contar o sucedido ao estalajadeiro, acaba por esconder a mula debaixo de umas figueiras, lá no fundo do quintal e não fora o diabo do cão assustar o bicho e obrigá-lo a relinchar quando os soldados se aproximavam, teria sido mais uma briga sem consequência. Só que, por ironia do destino, estes reconhecem o bicho e de arma em riste entram na taberna ameaçando de prisão o viajante. Não contente com a atitude destes, o amigo não está com meias medidas e à sua boa maneira, desta vez com a ajuda da faca que o acompanhava, desarma-os ali mesmo.

Em seguida despeja as balas do carregador no chão e põe à solta as bestas em que seguiam. Em situação normal os soldados não tinham medo de o enfrentar. Mas em território desconhecido e já contentes como vinham, com uns copos bebidos pelo caminho, dão-lhe ordem de

prisão ao que este, certificando-se do estado deplorável em que se encontravam, respondeu:

- “Apanhem-me no regresso se puderem”.

E sem delongas espantou as mulas das autoridades e pôs-se a andar sem que eles o conseguissem deter. Viria a pagar caro esta ousadia.

Foi assim que durante os anos de trabalho e de vaivém constante entre as margens do Lis e do Tejo foi ganhando amigos, mas devido à sua intervenção como defensor dos ranchos foi criando animosidades, sobretudo entre ciganos e malfeitores que deambulavam pela região e que periodicamente, perseguidos pela justiça, eram obrigados a fugir para mais longe. José sabia disso desde que teve de se cruzar com essa gente entre São Mamede e o cimo do planalto de Santo António, nas baixas de Minde ou já nos cerros de Aire. As suas deslocações eram, portanto, cada vez mais cautelosas e por isso passou a reclamar a companhia do filho com frequência. No entanto dada a sua natureza temperamental, era impossível pará-lo. Fazia-se caro mas bem no íntimo quem lhe tirava uma rasourada sobre a cabeça do adversário, deixando-o de rastos e sem se poder levantar, tirava-lhe tudo. Não era desses que primeiro atirava a matar. Obrigava-o a manter-se à distância, fazendo-o sofrer. Instigava-o depois, fazendo voar o chapéu, os botões do colete, o nó da cinta e só depois de os intimidar desta maneira é que os obrigava a dançar...

O cenário do mercado que tinha lugar próximo da capela do Santo, na Ortigosa, era bastante calmo. Bem pelo contrário a feira dos 29, em Monte Redondo, uma feira que antes de ser criada com a bênção das autoridades já reunia feirantes e fregueses de várias localidades, era um inferno. Isto porque ali se reuniam os feirantes das redondezas e os do vale do Pranto, mas o certo era que havia entre eles uma grande rivalidade pois disputavam ferozmente entre si todos os negócios. Até se dizia, que por lá terem passado os militares de Napoleão, “em

caminho francês vende-se o gato por rez”. Os feirantes da borda do Lis apelidavam os outros de *mouriscos* e os segundos, retorquindo na mesma moeda, apelidavam os primeiros de *mouros do campo*. Essa contenda vinha do tempo em que a região fora habitada por mercadores árabes que se estabeleciam próximo das fozes dos rios e que se haviam distinguido pelo comércio com os povos do interior.

Ao que parece, um dia, estes comerciantes foram atacados pela população local e decidiram fugir mas não tendo tempo para levar o ouro que lhes enchia o cofre, esconderam-no debaixo de uma grande pedra, num monte arredondado a meio caminho entre os vales do Lis e do Pranto. Não mais o vieram reclamar mas o certo é que, quando o procuraram, este não estava lá. Por isso acusavam-se uns aos outros de terem roubado esse tesouro, reclamando para si os limites da propriedade onde tinha sido enterrado. Não sabemos até se esse tesouro existiu, mas o certo é que deu origem a várias lendas sobre bezerras de ouro escondidas debaixo da cadeira da moura, em Monte Redondo, onde aquela princesa mourisca, ferida pela morte do seu amado cristão, vinha sentar-se junto dele, à noite, ao luar, embalando-o com o seu alaúde. No caminho deixava que as pétalas de rosa se transformassem em ouro que a população local ia colher em noites de Lua cheia.

Por estas razões ou porque alimentassem igual disputa em relação à cultura dominante do arroz, roubando entre si informações sobre as técnicas de semear, mondar, colher ou mesmo de secar e de moer este cereal, o certo é que esta feira ficava sempre marcada por grandes desavenças. Estas querelas eram alimentadas com as fritadas de enguias, a água-pé das areias da gândara ou pelo bom tinto colhido nas vinhas dos Barreiros da região. Era uma das feiras onde José gostava de ir. Afamada era a venda do gado suíno e bovino e aí o capador (e curioso) gostava de receber os elogios dos donos das rezes que

certificavam a boa qualidade do bicho como tendo passado já pelas suas mãos.

Agora e também com maior frequência seguia-o o Joaquim, o seu segundo filho, que aproveitava os conhecimentos do pai para ir pondo os olhos às bestas e animais que gostava de ir adquirindo, em regime de “meias”, com os lavradores da terra. Era uma forma de ganhar algum dinheiro, a par da sua situação de lavrador. Esta maneira de ser aprendera-a ele com os irmãos, ao longo de anos em que cresceram seguindo os passos do seu progenitor que fazia questão de os levar, numa pequena carroça, para as feiras da região. Ele, porém, seguia orgulhoso na sua própria égua, com o chapéu e colete próprio das campinas do Tejo, o que lhe dava ao mesmo tempo o ar de lavrador distinto. Era uma figura que ele gostava de cultivar.

Foi durante mais uma viagem à Borda d’Água, à chegada a Alpiarça, que José soube uma má notícia. A justiça andava à sua procura por causa de umas pauladas que tinha desferido a um garotão, metediço com as raparigas do rancho e que por ser amigo de um guarda, talvez daquele que ele deixara a pé lá em terras de Mira, não aceitara a sova que tinha no coiro. Assim pensou: se tem de ser, que o seja já e prosseguindo o caminho fez saber, à chegada da quinta, que estava disponível para comparecer perante o Juiz. Bem o quis demover o feitor do Senhor Passos, dizendo-lhe que o não fizesse, mas tal era uma situação que não lhe agradava. Se tinha procedido mal ao defender a honra das mulheres que estavam a seu cargo, quem o podia castigar? Foi assim que à hora marcada compareceu na sala de audiências, em Santarém, munido da sua arma habitual e da fé que o animava. À chegada viu um dos amigos que trouxera consigo e que se havia deslocado com a família para a outra margem, onde depois de se fixar construíra uma casa de estacas sobre o rio e governava a vida na pesca diária e o rapaz que o tinha injuriado, mas conteve-se e quando o

convocaram entrou na sala e aguardou as perguntas do Juiz. Contudo notou que ou ele estava mal disposto, ou as questões que lhe foram postas não tinham a ver com o sucedido.

Foram perguntas e mais perguntas: se ele se lembrava das viagens, de quem vinha no rancho, para onde iam trabalhar. E só parou quando este lhe referiu que o seu patrão de sempre era o Senhor Passos, de Alpiarça, e que os ranchos eram para as suas propriedades. Então mudando de tom pede um esclarecimento sobre as razões que o tinham levado a meter-se com o rapaz. É então que José quase que se passa: então ele é que se tinha metido com o rapaz ou fora o grupo dos rapazotes que se metera com as raparigas? No meio de uma resposta mais agressiva, o Juiz toma o martelo que tinha em cima da mesa, desfere uma pancada e proclama em voz alta:

- “De hoje em diante, o réu deixa de poder andar na via pública armado de vara. Pode usar, apenas, uma bengala. E quanto à faca, que sabemos usa com destreza, queira mantê-la afastada do corpo. Entendido?”.

Bem lhe apetecera retorquir que só em caso necessário é que as utilizaria, mas lembrou-se das recomendações do Senhor Passos. Mordeu a língua e fez uma vénia ao Juiz, como que acenando que compreendera a sentença. Ao fazê-lo sentiu como que uma dor aguda que lhe subia pelo pescoço acima e lhe tolheu a língua. Não era dor, era raiva acumulada por estar ali e ser vítima de uma iniquidade. Se pudesse havia de continuar a fazer justiça por suas próprias mãos. Ali mesmo o escrivão recolhera a arma do crime ou seja a vara que o acompanhava, simultaneamente instrumento de trabalho e de defesa pessoal.

Esquecera-se, no entanto, que além do varapau este tinha sempre consigo debaixo da sela, a faca e um pequeno bastão suficientemente grosso e bem afiado, que agora continuava a usar. Era uma vara de

marmeleiro, com cerca de um metro de comprimento e que lhe era muito útil em casos de ataque inesperado. Riu-se, embora de forma comedida e quando os outros esperavam que ele viesse a barafustar da sentença já ele estava em cima da égua passando ao lado do cabo barrigudo, pai do queixoso e com as esporas cerradas na barriga da égua, pôs-se a caminho de Alpiarça. Soube mais tarde pelo Senhor Passos que também o Juiz esperava uma manifestação violenta do seu criado, mas que assim tinha cumprido o pedido que lhe fizera a família do rapaz sem deixar desarmado o bom homem.

À época as visitas do Senhor Passos à quinta de Alpiarça eram menos frequentes. O mesmo acontecia com sua esposa, cada vez mais doente e a exigir cuidados diários. Por isso Maria foi com ela para a Alcáçova, só regressando a Alpiarça quando casou com um dos maiorais da quinta. Quanto ao dono da casa, dizia-se que habitando agora no sítio mais alto da cidade de Santarém, podia dali seguir com o seu óculo de grande alcance o trabalho dos feitores, dos ranchos e vigiar até a apanha da azeitona. Não era bem assim uma vez que sempre que podia era vê-lo inteirar-se pessoalmente do andamento dos trabalhos da quinta, da saúde e bem-estar da sua gente.

Este distanciamento não agradou a José que sem o seu Senhor por perto, passou a ser vítima de partidas que os feitores mais novos lhe pregavam retribuindo-lhe assim a disciplina a que ele os tinha obrigado. E antes que fosse tarde foi aligeirando os trabalhos nas margens do Tejo deixando que outros tomassem a dianteira e a condução dos ranchos pela serra dentro. Tinha o filho mais velho que o podia fazer, mas não faltavam outros das terras mais baixas do campo do Lena, dos lados do Pinhal do Rei, das terras do Arnal e da Maceira e de outros lugares que lhe seguiam o exemplo. Quanto à família, os netos iam crescendo e eles haviam de perpetuar o seu nome nas terras de Borda d'Água.

Quando voltou a casa José despertara para uma nova realidade. Além da sentença que jurara cumprir, continuava a sentir-se protegido com a bengala de vime que continha, bem colocada na ponta, um esporão em ferro que dava para caçar os piolhos da cabeça do inimigo. O Juiz não se tinha referido à ornamentação e à ponteira que fazia parte da peça. Além disso, e para reforçar o tira-teimas, comprara na Serra uma moca de madeira, bem comprida, com dois ou três esporões bem colocados, que passara a guardar no alforge. Sempre servia para o inesperado... Como medida de precaução guardava ainda no bolso da jaqueta uma dedeira em metal fundido, com cinco esporões bem afiados, que davam para acordar um morto. E como a sentença tinha sido proferida para lá da serra, os de cá não sabiam que o uso da vara estava proibido, pelo que arranjou uma substituta...

Foi com uma destas armas que numa viagem, em dia de festa às Colmeias, depois de um jogo amigável com uns forasteiros, uns meliantes seus adversários que já tinham marcas profundas da luta com este homem, vieram aticá-lo. Estando em maior número prepararam-lhe uma cilada que consistiu em levantar demasiado pó e areia que lhe entrou nos olhos e lhe fez perder o equilíbrio, levando-o ao chão. Vendo-se perdido e à mercê do adversário, teve a arte de os ferir com a ponteira da bengala, antes de conseguir levantar-se e pôr-se a jeito de os enfrentar. Contudo, se o conseguiu, foi um pouco por benevolência destes que apesar de marcados pela sua fúria, reconheceram a sua valentia, coragem e idade. Não sabemos o que sucedeu. Certo foi que depois destas pelepas, José abrandou o ritmo das suas intervenções e lutas, mas nunca deixou de usar os mesmos adornos que o faziam temido perante o seu adversário. Entre eles contava-se a inseparável “farrusca”, com uma lâmina que ele próprio havia temperado com o fogo e o sangue quente de quem o incendiasse. A vara era agora mais leve uma vez que as artroses nos dedos dificultavam o seu manejo.

XIV. Separação familiar e ocaso

Ando perdido na vida

Este caminho é o da morte.

Bem quisera lá voltar

Fora essa a minha sorte.

À medida que o tempo ia passando e o cansaço começara a bater-lhe à porta, José passou a dedicar-se mais aos filhos. Acompanhou de perto o namoro e o casamento da filha; seguiu o percurso de vida dos irmãos e a construção das suas constelações familiares. Mas o que mais lhe custou foi a partida do Alberto, um dos rapazes mais novos que um dia lhe veio confidenciar que queria ir para o Brasil. O rapaz, que havia aprendido letras como todos os irmãos, fazia de caixeiro transportando mercadorias entre Leiria e a Marinha Grande. Um dia deparou com uma notícia do jornal, que colhera na diligência que por ali parava, sobre as oportunidades de trabalho e da carreira de vapores entre Lisboa e o porto de Santos, no Brasil.

O anúncio informava o custo da passagem, as características da embarcação e prometia assistência à chegada com a colocação dos passageiros nas “melhores fazendas da nação”. Porque não tentar, pensou o rapaz? E quando veio a medo pôr a questão ao pai, este não teve outro remédio, senão aceitar. Afinal não tinha já ajudado outros a fazê-lo? Era agora hora de ajudar a família e de usar os conhecimentos que tinha adquirida nos campos do rio Tejo para pôr à prova a sua benevolência. Já tinha ajudado a passar alguns para o outro lado do mar e, graças a Deus, todos tinham singrado na vida.

Alberto estava na idade do serviço militar e por isso não conseguiria obter autorização oficial ou o passaporte para a viagem. Mas havia sempre a oportunidade de tentar a sorte, clandestinamente, a bordo de uma embarcação que rumasse para o Brasil. Esta era uma prática comum na região dadas as dificuldades em se obterem os papéis, a demora na obtenção do visto e as despesas pagas nas repartições da Fazenda (e aos funcionários ...), para a emissão do documento de saída. E depois dessas tormentas vinha ainda o preço do bilhete que por vias legais tinha muitas alcavalas.

É certo que alguns agentes ofereciam maior segurança do que outros, mas feitas as contas valia a pena arriscar, sobretudo quando se era jovem, em idade das sortes e do serviço militar obrigatório e sem qualquer promessa de trabalho melhor remunerado na terra onde vivia. Era um mal comum ao país. A juventude ou se enterrava no campo ou procurava emprego na cidade. Mas aí havia os da terra que tinham primazia. Só os mais abastados ou que estivessem a aprender alguma profissão, podiam “cantar de galo”, como se dizia entre eles. É certo que na região do campo do Lis a agricultura era uma boa fonte de rendimento e além disso havia o trabalho no Pinhal do Rei, que não faltava. Mas os madeireiros, os resineiros, os apanhadores de pinhas e do penisco, os carreiros e os roçadores do mato tinham uma vida difícil. Oh, se tinham... Além disso eram vítimas dos ladrões, que disfarçados de gente da mata, assaltavam as barracas onde dormiam e levavam-lhes a comida e o dinheiro.

Face ao pedido do jovem o pai garantiu-lhe o dinheiro para a passagem e mais umas moedas para ele se manter e procurar uma ocupação que não fosse a de trabalhar na terra. Prometera-lhe ainda que ia tratar dessa viagem. Encorajado com a decisão paterna o rapaz partiu a dar conhecimento aos amigos e saber se o amigo de carteira, o Russo de “má pêlo”, o queria acompanhar. Custava-lhe sair da terra,

deixar de ir às festas e descamisadas, participar nas vindimas, mas tinha de ser. Era uma decisão arriscada mas havia já nas redondezas, sobretudo em Leiria, uns fidalgos que haviam partido e que tinham mandado ir os criados, que por sua vez haviam orientado na viagem outras pessoas da terra. Estes iam munidos de uma espécie de “carta de chamada”, do passaporte e alguns deles até já levavam a indicação da ocupação definida num escritório ou no comércio. Não era o seu caso.

Por outro lado muitos dos pescadores que residiam na Vieira tinham já parentes da ria que serviam no mar e que mandavam boas notícias das Américas. Porque não tentar a sorte do outro lado do oceano, dos “Brasis”, como se dizia? Em dia aprazado o Alberto aproveitou a ida do pai para o acompanhar até Santarém e depois seguiu, rio abaixo com os amigos até à capital, onde embarcou para as terras de Vera Cruz. Tal como acontecia com outros jovens do seu país e região, ia em busca de um futuro novo. Bem o podia procurar porque na terra-pátria aos dias difíceis que já tinha vivido, esperavam-no as “sortes” e depois o trabalho incerto do campo.

Na despedida do filho, não contendo duas lágrimas e com a lembrança da Conceição, sua mulher, vieram-lhe muitos pensamentos à cabeça que lhe despertaram sentimentos controversos. Também ele tinha tido oportunidade de enriquecer, mas como o podia ter feito sem a família? À mente vieram-lhe então à baila os versos cantados pelo seu tio-avô, Francisco, quando cheio de dívidas se fez, também, ao mar.

*“Digo adeus à minha terra,
Digo adeus ao meu quintal.
Digo adeus a quem me ama,
Digo adeus a Portugal.”*

Depois da saída da corte portuguesa para aquelas terras, a aproximação da independência do território e as dificuldades crescentes de trabalhadores por causa das restrições impostas pelas

nações europeias ao tráfico escravo e sobretudo depois da abolição da escravatura negra, as necessidades de mão-de-obra começaram a chegar ao conhecimento da população portuguesa. Nos campos de Leiria os habitantes não estavam ainda refeitos das consequências das invasões Napoleónicas e enfrentavam agora uma nova ameaça com a saída da população jovem. E no caso do Alberto, como de outros rapazes da sua idade, as dificuldades eram maiores por se encontrar na idade de recrutamento. Por isso a sua partida dependeu da boa vontade (tida já como habituação...) do capitão de um veleiro de transporte de mercadorias que amarrara no Tejo, bem mais acima do Poço do Bispo.

As autoridades desconfiavam que o zarpar das embarcações permitia o transporte de uns “ratos” clandestinos. Mas o certo é que o preço do “isco” para fecharem os olhos devia ser maior do que o trabalho de descerem ao porão e de verificar a mercadoria a transportar. O Alberto servia-se da experiência do pai que nas suas incursões pela beira-rio travara conhecimento com um lutador do mesmo ofício, irmão de um marinheiro de uma das embarcações que fazia esse transporte. E a troca de algumas moedas de ouro lá se arranjaram dois pipos de maior volume onde se meteram os dois rapazes da Ortigosa. Certo é que uma vez ultrapassada a saída da barra puderam desfrutar durante mais de três semanas a brisa fresca do oceano, até à chegada ao porto de Santos, no Brasil. Aí, outra vez metidos na toca, saíram a salvo e foram em busca da terra prometida.

Sem o desejar José sentia o peso da solidão e por isso, sempre que tinha uma oportunidade para exercitar os músculos das pernas e das mãos, nas feiras ou nos torneios, aí estava ele presente. Reconhecia que já não era como antigamente. Agora estava mais calmo mas quando atirava, era ainda certo. Ainda havia passado pouco tempo enchera-se de razões com um conhecido que o acompanhara à feira de Leiria e no regresso, aí para os lados da Gândara, tinha feito um ajuste de

contas. Não se sabia quem tinha começado, mas o certo é que os dois andaram uns tempos com um pano enfaixado na cabeça e com sinal de sangue pisado na fronte. Mesmo assim não deixara de se sentar sob o parreiral da casa, sobretudo no verão, a contemplar o voar das aves no Céu e o vento, as estrelas da noite e o brilho da Lua. Entre outros ditados, lembrava-se: “Andorinha rasteira, sinal de ventaneira”, “Morcego à noitinha bom tempo adivinha” e não resistia em arreliar as formigas sempre que estas, “aguçosas”, corriam com mais vigor para o celeiro antes da chuva.

Satisfazendo a um pedido antigo do Senhor Azevedo decidiu, nesta fase da vida, subir a um lugar próximo de Alvaiázere, onde tinha uns parentes afastados e um irmão a morar. O clima da serra era mais seco para o reumatismo que o atacava e só lhe fazia bem mudar de ares. Aí arrecadou a primeira vitória para a família do fidalgo que o acolhera num torneio realizado em seu louvor. Acontecia então que os homens da serra, mais habituados aos trabalhos rudes da floresta ou mesmo à pastorícia, tinham grande força braçal e domínio sobre as varas. Eram uns campeões por excelência. Contudo a perícia, o sangue frio, a concentração e a arte de quem sabe manejar uma vara de grande porte - e que até ensinara ao Príncipe a fazê-lo - arrumou depressa o pouco engenho dos campeões serranos. Estes, rendidos à superioridade do adversário, até festejaram com ele essa lição e vitória. Tal facto agradou tanto ao Senhor de Leiria que durante a viagem lhe reiterou a sua colaboração noutros trabalhos da quinta. No percurso dera-lhe ainda conhecimento do estado de saúde do Senhor D. Miguel, que ele tinha conhecido no tempo da sua juventude, irrequieta e aguerrida, e que tinha ensinado a lutar. Esta notícia entristecera-o ainda mais. É certo que depois das lições em Salvaterra não privara mais com ele, mas sempre tinha sido um devoto da Rainha, sua mãe. Alegrava-o, no entanto, poder contar com o grupo de amigos que aí deixara e que eram

herdeiros do rei, a ponto de já serem conhecidos por “netos de D. Miguel”.

Quanto à situação da Nação pouco sabia das revoluções que iam sucedendo, das mortes e dos conflitos travados entre os liberais e os tradicionalistas, das perdas de guerra e do avanço das reformas liberais. Só sabia o que ia passando, boca a boca, nos lugares que frequentava. Sabia de experiência feita que “quem conta um conto, sempre lhe acrescenta um ponto”, e daí continuar reservado em relação a tudo o que se dizia. O que tinha de fazer era de continuar a trabalhar para custear a sua vida e a da família. Por isso afastava-se das contendas e das manifestações de “terror miguelista” que aqui e além surgiam, alimentadas pelo mais tradicionalistas que não queriam aceitar o rumo dos ventos liberais que dominavam o país. Afinal ele, que já apertara a mão ao Rei, que o havia ensinado a lutar e tinha gozado do seu convívio em algumas visitas “fora de portas”, sempre mantivera uma maneira muito arredia em relação a algumas pessoas da Corte. O seu lugar era junto dos seus, da família e do povo da sua terra, dos amigos – nunca traídos – que o acompanhavam, dos ranchos que conduzia e dos parceiros de jornada que lhe confiavam os seus haveres.

No regresso da serra José sentia-se mais só. Depois da morte da mãe, a saída do penúltimo filho e a entrada da irmã mais nova – a quem confiara, durante as ausências, a criação da prole - para serva do convento, onde fui ajudar as freiras descalças, deixavam-no mais triste. Estava certo que esta já não voltaria a sair de lá uma vez que toda a vida dissera que gostaria de servir o Senhor. Através dela veio a saber do falecimento do seu amigo de infância, Frei de Maria Santíssima do Rosário, notícia que o deixara mais entristecido e cabisbaixo. O cerco estava a apertar-se em torno da sua gente. E depois da saída do Alberto e de um dos sobrinhos mais chegados que fora trabalhar para o Pinhal

do Rei, primeiro como auxiliar de serrador e depois como caixeiro e mestre do filho, a solidão tinha aumentado.

Por sua vez um outro afilhado e parente muito próximo casara-se com uma prima que habitava com a família em Alvaiázere, para onde o padrinho se havia deslocado depois da morte dos senhores que habitavam na sede concelho. O rapaz conhecera a prima lá numa festa, em Aregos e não é que pouco tempo depois pedira ao tio licença para se casar? Bem lhe falara o Padre dizendo que só podia fazer com licença do Bispo, mas nem isso o demoveu. Gostava da rapariga e disse que voltaria em breve com uma carta do progenitor para a pedir em casamento. Assim o fez. Contentava-o saber que a sobrinha era bem tratada e que, tal como a tia, tinha umas mãos para o tear e uns dedos para bordar o linho que faziam inveja na terra. Ele próprio tinha trazido umas amostras de fio e uns desenhos feitos pela Senhora de Alpiarça, com indicação como devia juntar ao fio de linho a estopinha e outros fios no bordado das blusas das raparigas.

Por sua vez os filhos mais velhos tinham a sua família constituída. O José Jorge Júnior seguia o caminho do pai nas suas deslocações aos campos do Tejo onde acabou por constituir família e o outro, o Rodrigo, mais acomodado à vida de casa, ia-se dedicando à agricultura e à criação a "meias", de porcos e vacas. Restava-lhe a cunhada, a Joaquina, irmã mais nova da Conceição que entretanto casara com um viúvo da região. Vivia bem e foi ela que ajudou a irmã a amparar os sobrinhos enquanto o pai trabalhou nos campos do Lis e mais tarde quando passou a ir para o baixo Tejo. Aquela vivia ainda com a Josefa, a criada lá de casa desde sempre. E os rendimentos da casa davam-lhe também para pagar a um criado que só trocava as tardes de Domingo, quando visitava a família ali nas Várzeas, pelo seu ninho no Casal. É certo que namoriscava por lá uma viúva, mas não havia maneira de se decidir a deixar o ninho.

Com o passar dos anos o reumatismo continuava a apoderar-se das articulações e o inchaço e as deformações dos dedos sugeriam-lhe que ia ter o mesmo destino do seu tio Avó Joaquim, um homem que servira nas armadas do Brasil e que regressou a casa com os dentes em ouro, uma grande corrente do mesmo metal e umas moedas que guardava bem no fundo do baú. E com pouco mais de meio século de vida acabou numa cama sem se mexer, tolhido como estava das mãos e dos pés, por essa terrível doença.

É certo que ao homem do Souto ainda lhe restavam forças para manejar a vara, embora reconhecesse que tinha de pensar duas vezes antes de o fazer. A faca, essa ficara arrumada de vez depois que os ossos das mãos o obrigaram a parar. Os anos pesavam, a ligeireza das pernas fora-se e o gosto pela vida começava a roer-lhe os pensamentos. Só a “farrusca”, que usava em todas as ocasiões continuava no bolso, como sempre, atada a uma corrente de prata, enegrecida pelo uso para não levantar suspeitas.

Um dia, já a barba crescia no rosto do filho mais novo, perdido de amores por uma moça dos Barreiros com que gostava de partilhar segredos na altura das desfolhadas, recebe a visita do irmão que havia encaminhado para a serra de Alvaiázere e que servia uns senhores da mesma terra. Desconfiando do estado em que José se encontrava, trazia-lhe um convite para ir dar umas instruções sobre o jogo do pau lá na casa, ao filho do patrão, também ele de sangue azul, que havia casado com uma descendente dos fidalgos de Alpiarça. E tendo conhecimento do parentesco que a sua família tinha com o mestre do “varapau” pedira-lhe para vir ali, prestar esse serviço. Se ele quisesse, podia lá ficar a acompanhar alguns trabalhos da casa, uma vez que os bens que recebera para os lados de Figueiró e de Avelar exigiam-lhe uma pessoa de muita confiança que pudesse guardar a casa enquanto tinha de se deslocar a outras terras.

A notícia foi recebida com agrado. Tal permitia-lhe dar continuidade ao jogo, que tanto gostava de praticar, gostosamente animado pelo deslumbre do manuseamento que José continuava a cultivar em todas as situações. Quanto ao convite e à situação familiar, certo era que a habitação onde morava partilhava-a, do lado norte, com a cunhada. Mas esta, que já tinha herdeiros, não o incomodava e por isso não havia discordâncias nem com ela, nem com o cunhado, um homem de leis que servia em Leiria, na Administração do Concelho e que tinha ali o seu refúgio de férias.

Porque não, então, deixar a casa e o governo das propriedades a um dos filhos e levar consigo o rapazote que tinha estampado no rosto o sorriso aberto da Conceição e na testa o caracol de cabelo louro que ela tão bem sabia cuidar? E foi à ceia que reuniu com ele e colocou-lhe o problema. Contrariado, mesmo muito contrariado, o rapaz não teve outro remédio senão seguir o conselho paterno. Lá se iam as correrias pelo campo e as desfolhadas em casa das famílias que continuavam à espera dos namorados ausentes no Brasil. Lá se iam as escapadelas pelo campo de fora, ao encontro das moças de Amor e de Segodim. Lá se iam os amigos e as cumplicidades com os rapazes da sua terra... Mas se o pai assim pedia, tinha de ser.

Para aliciar o jovem o tio fizera uma boa descrição da quinta, dos trabalhos que havia a fazer e também das duas filhas mais novas desse fidalgo - um homem formado em Coimbra, tabelião, a quem não faltava dinheiro. O encontro foi esclarecedor e quando se deitaram cada um deles pensava, à sua maneira, o que os esperava dentro de algum tempo. Se tudo corresse bem podiam passar lá uma temporada, agora que os trabalhos de casa estavam mais calmos e depois decidir se ficavam ou não. E no caso do Francisco, como já lá tinha uns primos, até podia arranjar outro tipo de trabalho que não fosse o trabalhar no campo ou o seguir os caminhos do pai.

Na verdade José também queria esquecer os últimos dissabores que sofrera lá por baixo, quando regressava a casa com a tristeza a invadir-lhe o coração, quando foi chamado a intervir numa discussão em Mira. Desta vez as coisas correram-lhe mal e uma escorregadela dos pés fizera com que ficasse à mercê do adversário, um homem mais novo do que ele e dotado de grande destreza, que se assim o quisesse bem lhe teria causado uma boa rachadela da cabeça, a juntar a outras tantas que escondia debaixo do couro cabeludo. Tudo isto revelava o peso das pernas e a lentidão dos reflexos. Também os olhos, sim os olhos de lince de quando era jovem, já davam sinais de cansaço. Por isso talvez fosse melhor aproveitar o convite. Esta viagem fazia-o aliviar o peso da memória da mulher. Para tanto, tinha que acertar alguns detalhes com os filhos que moravam mais próximo: perto da Passagem e no Casal.

Beneficiando dos grandes investimentos que estavam a ser feitos ao nível dos transportes, das estradas e dos meios de comunicação por fios, seria mais fácil a troca de notícias. E cumpridas algumas formalidades familiares, nomeadamente o anúncio por carta que enviou ao seu filho ausente lá longe, em terras brasileiras, arrumou a trouxa e informada a família da cunhada, José decidiu a subir até à serra. Não havia problema em seguir sozinho com o filho pois já conhecia o caminho que seguia pelos Olivais, depois pela serra até Caxarias e mais para cima até Alvaiázere. Era uma viagem diferente das que tinha de realizar quando das deslocações às terras do médio Tejo.

Ciente de que os assuntos da casa ficavam em ordem, na semana antes de partir José desdobrou-se em visitas. Foi a Leiria saudar os senhores do Terreiro e o fidalgo do Morro, mandou uma carta à filha e aos sobrinhos que tinha recomendado para os campos de Salvaterra, deu os conselhos aos filhos que ficavam com o governo da casa, mudou as flores na campa da mulher e dos pais, comprou umas botas novas e um capote para o Francisco e pôs-se a caminho.

Cada um na sua mula iniciou a sua peregrinação indo pela Quinta do Sirol e daí seguiram o caminho dos almocreves entrando pela serra dentro. Durante a viagem aproveitou para falar muito com o seu benjamim sobre todos os assuntos que este lhe colocara, inclusive sobre mulheres. O rapaz, que não estava habituado a esta franqueza, regozijava-se com a oportunidade de poder conversar tão abertamente com o pai e só por isso agradecia a Deus esta deslocação. Se tudo corresse mal ao menos tinha ali recolhido informações que lhe seriam úteis para o resto da vida. Por isso, seguia confiante.

A instalação na casa do Senhor Barão foi fácil uma vez que o alojamento para ambos estava já preparado. Ficavam na quinta que tinha o solar, próximo do caminho principal, com a capela ao lado e mais uns metros à frente, uma porta de serviço por onde se fazia todo o movimento de entrada para os celeiros, a eira, a adega e o lagar. Servia também de acesso para a parte florestal anexa à quinta, sendo que grande parte dos terrenos que faziam parte da exploração ficavam do outro lado do vale, que enriquecia as terras da parte mais baixa da casa. Pelo portão principal só entravam os Senhores e os convidados que tinham acesso a um pátio interior, ornado com uma pérgula de flores que cobria parte da fonte que corria para um tanque em pedra, onde bebiam os cavalos. Ao lado havia um outro mais pequeno, onde chapinhavam uns patos garbosos do seu estatuto senhorial. A casa do José ficava junto da porta da quinta, à sua esquerda e embora o Francisco, movido pela curiosidade de ver as meninas, tentasse vislumbrar o que se passava no solar, o certo é que as paredes do torreão não lhe permitiam ver nada do que se passava do outro lado do muro. Triste sina a sua...

Uma vez instalados foi a vez de visitar os terrenos e de acertar as tarefas, mas tiveram de esperar pelo Sábado para que a carruagem dos Senhores, vindo dos lados de Coimbra, chegasse, para se decidirem os

detalhes e as funções de cada um. Para além das aulas que o Barão queria que José desse ao filho, sobre o jogo do pau, pedia-lhe também para dar uma ajuda na organização da casa que acabara de herdar. A instrução ao jovem nas artes marciais era absolutamente necessária para sua defesa pessoal e para afirmar o seu estatuto quando fosse chamado a intervir nalgum jogo familiar que reunisse as casas nobres da região. A sua educação tinha sido assegurada por um tutor. Até entrar na Universidade de Coimbra sempre fora mimado pela mãe e criadas e o pai queria agora assegurar-se da virilidade do seu rebento nestas artes em que era realçada a sua capacidade física, a destreza e a inteligência com que se batia com o adversário. Queria iniciá-lo nestas artes mais violentas para que pudesse afirmar-se, igualmente, como rapaz da sua idade.

Quanto ao filho, contente em saber que sabia ler, contar e escrever como ninguém, encarregava-o de arrumar os papéis da casa e de registar todos os movimentos de custos e de despesas relacionadas com a quinta. Podia ainda, se assim desejasse, usufruir da leitura dos livros da biblioteca, sem lhe dobrar um canto sequer, ou arranhar uma folha. “Nada mau” pensou o rapaz, vinha para ajudar o pai nas tarefas da quinta e de um momento para o outro via-se a trabalhar como amanuense e, mais do que isso, a poder ler pela noite fora, livros que ele nunca imaginara encontrar. Também não imaginara a companhia assídua de uma das meninas da casa que em certa altura, apesar da vigilância da casa mas com a cumplicidade da irmã, se rendeu aos dotes físicos e morais do jovem.

Ao fim dos três meses de contrato foi chamado ao escritório do Tabelião que lá teve tempo, no meio dos papéis, para fazer contas com os novos inquilinos. O agora velhote agradava-lhe a forma como tinha sido tratado e como ali vivia, não muito longe dos seus familiares num local que lhe fazia lembrar a sua primeira casa. Quanto ao rapaz, ia

cumprindo com gosto o trabalho que lhe estava destinado e era vê-lo, pela noite dentro, a ler e a reler os livros lá de casa. O rapaz tinha queda para o estudo, pensou o pai. No fim do encontro, acertados os detalhes para mais três meses, até à Pascoa, José pediu licença ao Senhor para se deslocar à terra durante a semana do Natal. Tinha que saber como tinham decorrido os trabalhos de sua casa, de ver a família e de se recolher diante da campa da Conceição. Quanto ao filho, manifestou desejo em ficar tanto mais que já havia posto os olhos nas donzelas da casa e que estas deviam passar o Natal com os pais na quinta. Podia ser uma oportunidade de as encontrar mais uma vez sendo que, anteriormente quando as vira, havia uma das gémeas que lhe parecia gostar da sua companhia. Com as recomendações do costume, pai e filho separaram-se.

Desta vez a viagem de regresso foi mais demorada. Feita até à Senhora do Cardal na companhia de uns almocreves que iam pelo vale do Pranto para a Figueira da Foz do Mondego, seguiu depois até Carnide e rumou a caminho da Ortigosa. Na despedida os outros dois seguiram para norte prometendo companhia numa próxima viagem. Ainda teve tempo de passar pelo lugar dos feirantes que se juntavam em Monte Redondo no final de cada mês, e entre um copo e uma bucha de pão, recordar os bons momentos que a sua juventude lhe tinham proporcionado nesta e noutros mercados da região, quando os mais velhos teimavam em queimar o seu tempo em torneios e em contendendas animadas pelo jogo do pau. À data o manejo da vara deixara de ser, apenas, uma técnica de defesa, para fazer parte do entretenimento semanal que os homens das aldeias usavam para evidenciar os seus dotes de força e audácia, em torneios que preenchiam os arraiais de algumas festividades.

Entre os seus praticantes contavam-se os proprietários rurais e os negociantes, de boa estatura e muito ágeis, que desta forma afirmavam

um estatuto social diferente dos “desclassificados” sociais que se entretinham no jogo do Chinquilha. Aqueles distinguiam-se pelo seu estatuto e vestimenta - chapéu, camisa de linho, jaqueta, cinta ou faixa de pano sobre as calças domingueiras e as botas ensebadas - e dotes de manejo, com regras próprias, do lodão transformado em cajado de defesa e de distração. Assim foi acontecendo até que alguns infortúnios mais severos levaram à sua proibição, sobretudo por parte de Curas mais zelosos do bem-estar dos seus fregueses. Foi aí que o palco escolhido passou dos adros das Igrejas e capelas para o chão das feiras, que à época constituíam um verdadeiro chamariz da população aos locais de compra e de venda de bens por parte das populações rurais, dos comerciantes que faziam da feira o seu modo de vida e de outros compradores da cidade mais próxima.

Ao descobrir-se em frente da Igreja da Senhora da Piedade, aquela santa que tinha o Cristo ao colo quando desceu da cruz, comoveu-se com o estado em que esta continuava depois de ter sido queimada pelos franceses. O dinheiro faltava ao povo, agora mais doente devido à fome, às sezões que grassavam nos campos do Lis, à tuberculose que não parava na região, aos surtos de tifo causados pela falta de higiene das populações - que se agravaram em todo o país no decurso da guerra civil e não abrandaram nos anos seguintes – e às crises de bexigas doidas cujas marcas assinalavam muitos dos rostos de jovens. Todas elas causavam elevadas perdas da população.

Sem qualquer sinal a mula em que seguia tomou o caminho já conhecido para sul: Arneiro dos Belos, vala das Fráguas, fonte do Picoto - aquela que tinha água igual à da fonte da Rainha -, atravessou o Paul e subiu para o Casal. A casa estava calma e quando José abriu a aldraba do portão, o rosnar familiar do canídeo chamou a atenção da cozinha de onde alguém gritou. “É o Pai? Vou já”.

Foi um abraço longo entre os dois homens que tinham o prazer de se reunir de novo, depois de uma ausência de mais de dois meses. Instintivamente entraram na porta da adega onde ainda pairava o cheiro do vinho novo, que a geada ainda não havia curado e o odor da fruta, maçãs enterradas na arca do milho para não apodrecerem e uvas penduradas entre as pipas, a secar. Eram saboreadas lá no início do inverno, quando transformadas em passas serviam de aperitivo ao mata-bicho em dias mais festivos ou de maior trabalho. Lá no fundo, encostado a um portão, estavam uns quartos de carvalho, onde fermentava um abafado, coberto ainda com uma maçã para lhe dar melhor sabor, que José cheirou animado pelo odor que daí emanava. E sem querer entrou no compartimento da pia do azeite, onde se certificou que a apanha da azeitona, apesar da sua ausência, tinha corrido bem. Dirigiram-se para a cozinha e sentados à mesa com a família, puseram em dia os assuntos da casa durante uma longa conversa em noite fria de inverno.

Sentados no banco da lareira, José aconchegou as brasas e retirando um pedaço de presunto pendurado na chaminé, sacou umas lascas para matar saudades da terra. Depois perguntou ao filho se não havia ainda lá por casa uma morcela de sangue. Perante a resposta positiva, demorou-se a saborear a gordura que escorria sobre a broa quente e entreteve-se a escutar o barulho da lenha a arder e as carrascas que saltavam dos ramos de pinheiro e quase lhe queimavam os pés. Puxando o cantil do vinho, deliciou-se com dois goles perdidos na solidão da noite. Sentia saudades da sua terra e dos sabores que o tinham acompanhado na infância, da carne de porco e dos enchidos assados, da galinha guisada, do coelho frito com arroz de carqueja e castanhas e, sobretudo, daquelas migas que acompanhavam a fritada de peixe do campo. Sabia que a saúde não lhe permitia comer muitos dos petiscos de outrora e isso contribuía, também, para o entristecer.

Quando se deitou na enxerga de palha sentiu mais uma vez uma grande angústia e tristeza. Estava a envelhecer mas a memória da Conceição não lhe saía cabeça. Tinha de se convencer que a vida estava a chegar ao fim. Rezou uma Avé-Maria e deixou-se dormir.

Entre os afazeres de que se ocupou nesta viagem, a visita da família com os três pimpolhos - que não saíam do colo do avô babado – e aos seus amigos da foz do Lis, foi o ponto alto da estadia. Não houve já tempo de se deslocar mais a sul. Quanto ao Brasil já havia descendência, duas meninas que continuavam a linha feminina da família e dois rapagões, que prometiam sair ao avô. Outros viriam a caminho. Só que, dois deles eram meio mulatos, dada a ascendência negra da mãe, uma paulista quer tinha como avô um negro africano que havia ficado na cidade a trabalhar num armazém de café. Todos eles iam mantendo a prole e iniciados nos namoricos das festas da terra, tinha a certeza que a bênção do padroeiro os seguia. Até porque, como ouvira dizer ao falecido Padre Patrão, “namoro do Santo, era namoro abençoado”.

A viagem de regresso à serra, as aulas do jogo do pau que deu lá na quinta ao filho do fidalgo e aos colegas que o tinham acompanhado, todos eles alunos da Universidade de Coimbra, deram novo ânimo a José. Aí na quinta acolheu com agrado a notícia que o filho andava a “arrastar a asa” a uma das manas e um dia quis saber, de viva voz, qual era a sua intenção. O rapaz prometeu-lhe respeitar a família e sobretudo os donos da casa que tão bem o acolhiam. Quanto ao resto, que podiam fazer dois jovens, perdidos na noite, na biblioteca lá de casa? Ambos gostavam de ler e de estudar e por isso o Francisco ia aproveitando esses momentos de encontro para recordar a sua experiência colhida nas noites das desfolhadas. Agora estava proibido de fazer asneiras pois queria fazer estudos para poder trabalhar ao lado do Senhor da casa.

Mais tranquilo o pai compreendeu a situação do jovem e a partir daí não deixou de oferecer, cada dia que passava, um mimo às donzelas. Um gesto simpático para dirimir algum deslize do seu rebento. E o gosto de ter recebido um convite para se deslocar à cidade do Mondego e participar na festa anual que os alunos faziam no final do ano, deu-lhe forças para continuar a viver. Estas festas, em forma de cortejo pelas ruas da cidade, as “latadas” como lhes chamavam, juntavam-se a outras celebrações que os Doutores promoviam relacionadas com as suas escolas, encheram-lhe o coração. Então não era que depois de ter ensinado o Rei, de ter lutado ao lado dos maiores e dos fidalgos da capital, ia ainda lutar ao lado dos Doutores?

Aos poucos ia preenchendo o seu livro de recordações e quando chegou à data do casamento do último filho teve a dita de reunir todos os outros. Só faltaram os familiares que estavam no Brasil: o filho que havia partido com os rapazes da aldeia e os sobrinhos que tinham decidido juntar-se aos primos mediante as cartas de chamada que estes lhes tinham enviado. Contudo tinham marcado presença com o envio de umas notas que um dos fidalgos de Leiria tinha sido portador, quando regressou a esta cidade para se estabelecer como tabelião, experiência que tinha adquirido no Brasil junto de um Doutor de leis formado na Universidade Coimbra.

José estava a ficar doente e sentia necessidade de alguém que o acompanhasse, que tratasse dele quando caísse na cama, que lhe servisse um caldo quando as mãos, já anquilosadas, deixassem de funcionar. Contudo como podia ele, frango de campo, ficar retido na capoeira ou seja, em casa, debaixo das ordens de uma mulher? Era coisa que não encaixava bem na sua cabeça. E se esta tivesse filhos ou netos, como é que ia ter paciência para aturar os filhos dos outros? Os que lá iam a casa, sabia que eram do seu sangue, que neles fervilhava aquele ímpeto e coragem – e, ao mesmo tempo atencioso - que seu pai e avô

lhe tinham deixado e que, segundo dizia um dos Senhores de Leiria, tinha sido herdado do lado de uns parentes mais antigos que tinham vindo de Castela. Nunca soubera da sua existência nem isso lhe interessava. Não fora essa descrição comprovada mais tarde por um Senhor de Letras que visitava a família Passos, que lhe garantiu tal afiliação, e tudo continuaria na mesma.

Mas que lhe importava ter sangue castelhano, mesmo que fosse de origem fidalga, se tinha de trabalhar como os outros para ter o pão de cada dia? Por isso não se sentia muito atraído em voltar a casar, embora bem próximo da terra houvesse uma viúva, muito estimada, que não se importaria de o acolher debaixo do seu telhado. Agora tinha de preparar o futuro do Francisco, de ver se ele ficava lá em cima e depois tinha de arranjar tempo para fazer mais uma viagem e visitar a família na Borda d'Água. Como o Senhor Passos passava agora muito tempo na sua quinta e na Alcáçova, era fácil falar-lhe e recomendar-lhe, se fosse caso disso, algum familiar ou amigo que o pudesse levar para a capital.

Nestas últimas viagens, agora da Ortigosa para a Serra, daqui até à foz do Lis, e quando a saúde o permitia, até ao vale do Tejo, José passou a usar barrete negro sobre a cabeça onde metia as moedas que escondia para a viagem. O que lhe era confiado vinha na bolsa que pendia da cinta de fazenda que lhe cingia os rins, pendurada junto às ceroulas. Nestas andanças ia trazendo notícias dos filhos e do namorico dos netos. E quando o Capitão, amigo do fidalgo de Alvaiázere, lhe confidenciou que ia levar o Francisco para Coimbra como auxiliar do tabelião, ele entendeu que andava ali moiro na costa e que estava a preparar o futuro dele e de uma das filhas gémeas com quem o rapaz passava longas horas a falar sobre os livros que o avô, ou quem sabe, o trisavô, lhe havia deixado na biblioteca. O rapaz era esperto, muito certinho e trabalhador e por isso o fidalgo, em vez de a casar com um daqueles estroinas que andavam por Coimbra, preferia o recato e as

qualidades de um genro que o pudesse ajudar sem lhe causar problemas. Assim aconteceu uns tempos mais tarde quando viu o rapaz dar o nó lá na capela da Quinta e seguir para a cidade aprender a arte. Dizia o tabelião que depois de ganhar mais experiência e de aprender umas leis, podia vir para a administração de um dos concelhos mais próximos e daí continuar a tratar dos assuntos da quinta. O homem tinha razão. Também ele se sentia bem por essas paragens, onde era conhecido e estimado.

Além das geadas e do frio de inverno, as temperaturas eram mais secas do que no Casal das Várzeas e o reumatismo dava-se melhor com o ar seco do que com o ar húmido que vinha do lado do mar. Contudo uma coisa era certa, não esquecia as viagens, agora de carroça, até à praia e as tardes soalheiras de verão, a sardinha assada com os pimentos e uma boa salada de pepino, tomate e muita cebola, misturada no alguidar e comida no areal da praia, bem junto aos palheiros da Vieira. Isso sim era um dos prazeres maiores da sua vida mesmo que tal fosse em Agosto, quando lhe chegava o primeiro “frio no rosto”, acompanhar os netos ao mar e receber ali os elogios dos vieiros pelo bem que lhes tinha feito por ter conduzido muitos deles para as terras de Borda d’Água. Sentia-se um homem feliz!

Conjuntamente com estas vivências recordar-se das viagens prolongadas que tinha feito, serra dentro, até chegar à terra prometida da bacia do Tejo, tinha sido uma bênção de Deus. Bendita a hora em que tinha feito pela primeira vez esse caminho, e a vez seguinte, e a outra... lembrava-se ele enquanto desfiava as suas recordações diante dos ouvidos que o queriam escutar. As boas e más recordações vinham agora encher-lhe a cabeça.

Como os idosos da sua idade lembrava-se de todos os detalhes da vida passada, mas esquecia os pormenores das últimas semanas. Eram todos assim... Juntando-se aos vieiros conhecidos e lembrando-se que

“quem mais vive, mais sabe”, José partilhava as suas histórias com os “lobos-do-mar” e transmitia as suas recordações, em forma de lengalenga, aos netos e aos curiosos que se juntavam ao fim da tarde. Tão bom conversador se tornou que depois das colheitas, quando os lavradores tinham tempo de vir tomar uns banhos de sol e de água salgada, aquecida numas palhotas que as peixeiras preparavam melhor do que ninguém para alívio das dores, era vê-lo a desfiar o rosário dos seus feitos e viagens.

Muitos segredos ficaram enterrados nas areias da Lis e da praia onde residiam alguns dos amigos; outros foram recuperados por curiosos que frequentemente por lá passavam para os escutar. Enquanto isto na capital, o monarca D. Luís via-se a braços com as consequências da queda do Partido Regenerador e acabara de chamar os Progressistas a formar novo Governo. A monarquia continuava a perder os apoios das elites que se identificavam, cada vez mais, com a nova força política constituída pelo Partido Republicano, que haveria de conquistar o poder.

Desconhecendo estes últimos acontecimentos e manifestando ainda o seu grande apreço pelo monarca que ensinara a lutar, José enfrenta a sombra da morte com a mesma tenacidade que outrora manejava as varas de freixo, de marmeleiro e sobretudo de lodão, mas agora numa situação de inferioridade física e mental. Desejava vir repousar junto da sua Conceição. Acometido por uma pneumonia só depois de meio-curada, voltou à terra natal. Mas a idade e as mazelas físicas e morais, não o deixaram recompor. E como acontecera com sua mulher, também ele depois de uma febre e de uma tosse que se ouvia nas redondezas, ficara num charco de sangue. A morte impediu-o de satisfazer um dos sonhos que começara a acalantar desde as viagens ao médio Tejo: andar na “Estrada de ferro”, que no ano da sua morte foi aberta entre Leiria e

as cidades do Mondego, passando bem perto do lugar da sua vida: o campo do Lis.

Como os demais familiares e amigos, o gigante do Souto tombou para sempre indo a enterrar no mesmo lugar da mulher com quem casara e que lhe dera ânimo para viver. Por isso fazia questão, em vida, de repartir com ela as flores do campo que ela tanto gostava. Na cruz de madeira que continuou à cabeceira, foram pintadas mais duas datas, a do nascimento e a da sua morte⁸. A ambas, o tempo sumiu. Vencido pelo “tufão da morte que o deitou em terra para sempre”, a família respeitou o pedido de José e mandou gravar na base da cruz o que trouxera no coração do vale do Tejo: “A minha alma espera somente em Deus; dele vem a minha salvação” (Salmo 62, 1).

Da vida deste homem ficaram diversos testemunhos que cada um contou à sua maneira, assinalando a sua presença e ardor nas lutas e contendas. Fica igualmente a narrativa do seu contributo na condução dos ranchos internos de jornaleiros dos campos de Leiria para a Borda d’Água, terra que então como agora, a rima popular não esqueceu e continua a cantar:

*“Ai, Borda d’Água, Borda d’Água,
Ai, Borda d’Água, Santarém;
Borda d’Água, Santarém...
Ai, vale mais uma Borda d’Água
Ai, que quanto Lizboa tem.
Borda d’Água, Santarém...”*

Terras abençoadas, estas, e as de outros lugares próximos da bacia do Lis, da capital e de mais cidades ribeirinhas portuguesas onde se fixaram os seus descendentes. Muitos ainda aí moram, mantendo o apelido e a herança de uma vida de trabalho. Outros encontram-se

⁸ Ano de 1880 (O Couseiro)

dispersos pelos tradicionais e pelos novos países de imigração, que ao longo de séculos os acolhem e que servem de pátria à tradicional “Diáspora Portuguesa”.



Nota bibliográfica

O Couseiro ou Memórias do Bispado de Leiria (1868). Braga: Typographia Lusitana (2ª Edição – 1898). Leiria: Textiverso (2011)

Domingues, Micael (2018). *Ortigosa na imprensa regional*. Leiria: Câmara Municipal/Junta de Freguesia-União de Freguesias de Souto da Carpalhosa e Ortigosa

i) As quadras simples foram retiradas de, Sousa, J. Ribeiro (2004). *Cancioneiro de Entre Mar e Serra da Alta Estremadura*. Leiria: Câmara Municipal de Leiria/ ADAE/ LEADER+

ii) As canções, foram transcritas de: Giacometti, Michel – c/col. F. Lopes Graça (1981). *Cancioneiro popular português*. Lisboa: Círculo de Leitores

iii) Os adágios e provérbios seguem duas fontes:

- *Almanaque do Povo para 1946*. Lisboa: Edição da Junta Central das Casas do Povo e do Secretariado Nacional da Informação;

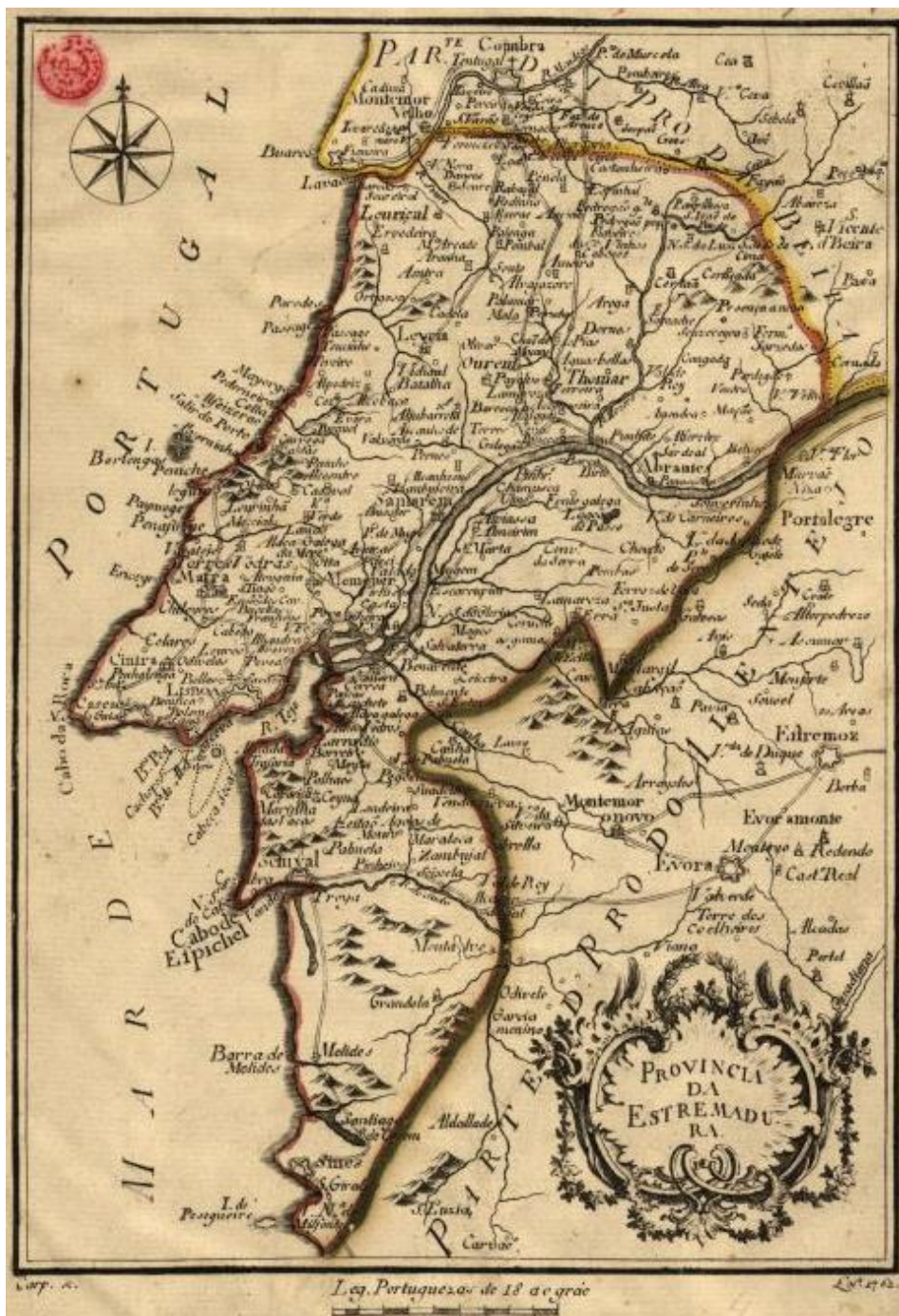
- F.R.I.L.E.L. (1780). *Adagios, provérbios, rifãos e anexins da língua portuguesa*. Lisboa: Na Typographia Rollandiana

iv) Anexo 3: “Um gigante da freguesia do Souto”. In: *O Mensageiro*, nº 4242, de 29/4/1999



Anexos

1 - Província da Estremadura

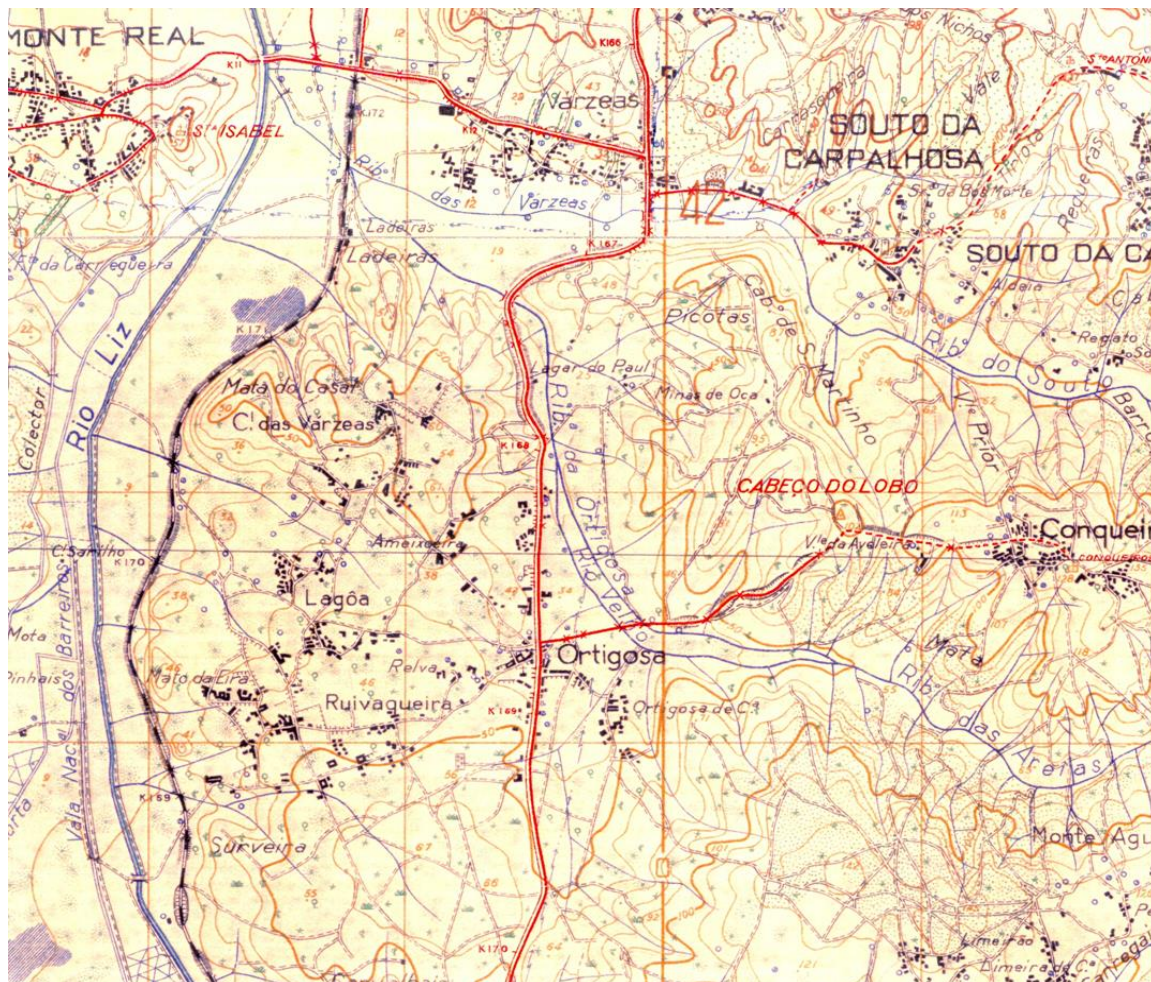


CARPINETTI, João Silvério (1740-1800).

Província da Estremadura. Lisboa, 1762 – cc-166-p1

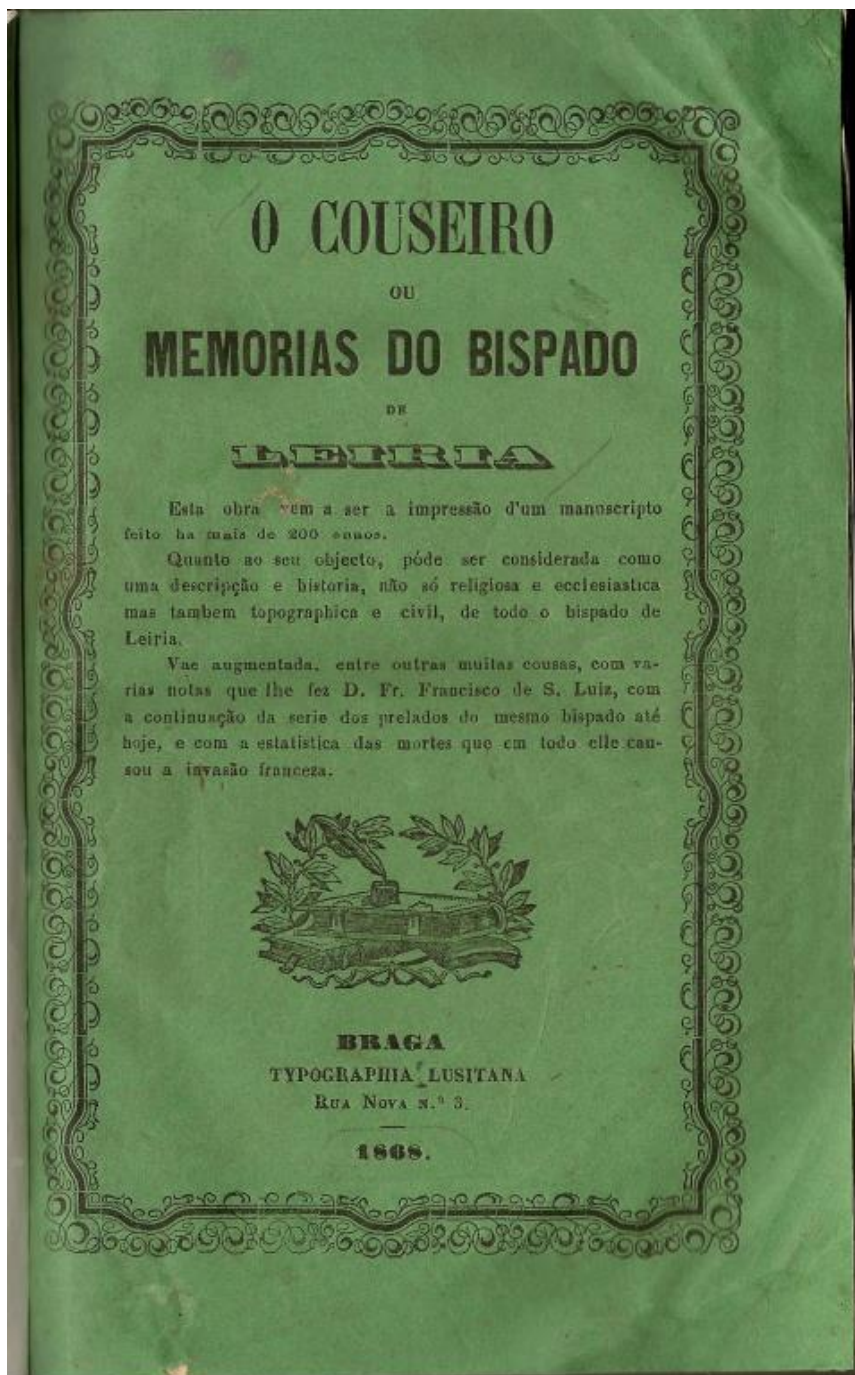
In: Biblioteca Nacional de Portugal - <http://purl.pt/1382> 15JUN18

2 - Carta Militar de Portugal: 1/25.000



Serviço Cartográfico do Exército: Carta Militar de Portugal
Folha nº 285 – Marrazes (Leiria)

3 – Um gigante da freguesia do Souto



O Couseiro, 1868

In: *Couseiro ou Memórias do Bispado de Leiria*: Leiria: Textiverso, 2011
(Transcrição da 2ª edição de 1898), pp.333-336

Este homem chamava-se José Braz Arroiteia e nasceu na Ortigosa e casou no Casal das Varzeas. Era d'uma corpulência ou estatura extraordinária. Mas o que o tornava invencível, era a sua perícia no jogo do pau, a ligeireza de pernas e destreza no jogo da faca, pelo que era o terror dos seus vizinhos e de todos os moradores da Bord' Agua onde era muito conhecido, e estimado, até de pessoas grandes, por causa da sua valentia, e probidade, e pela vizinhança da estrada entre a sua terra e essa Brod' Agua.

Conhecemol-o ou fallámos com elle a primeira vez na praia da Vieira em 1850, por certo, e nos contou que fóra a Salvaterra dar lições de jogo de pau ao nosso monarca D. Miguel. Quem para lá o conduzira ou convidara tinha sido esse fidalgo de Leiria, Luiz da Silva Athaide, e nos contou o modo como se lhe apresentara, ensinado por elle. Aparecendo-lhe D. Miguel, elle ajoelhou-lhe logo os pés, dizendo ao mesmo tempo estou às ordens do meu real senhor. Elle pois pegou-lhe pelo braço, e lhe disse - Levanta-te, homem, e seguiu-se o exercicio do jogo do pau por dias, se não por semanas.

As qualidades que tornavam José Braz Arroiteia um valentão e terrível, elle ajuntava bravura, que o tornava em leão. Saffo de si e perdido o uso da razão, José Arroiteia tornava-se de tal sorte furioso e entumecido, que nada temia a morte, ou mostrava-se indifferente a ella. Nós, por nós, nunca vimos manobrar com o seu pau senão uma vez, por divertimento, no fim d'uma festa de igreja: porém, em moço não ouvimos fallar d'elle se não como um Hércules, pelas suas faça-

nhas e heroísmo.

Cremos que ainda vive em Alvaiázere ou sua vizinhança, um moço, muito rico e d'uma robustez espantosa, e havendo no nosso campo vários sujeitos (o que hoje não há) eminentes no tal jogo do pau, e havendo cá também um padre que ensinava Latim, esse moço procurou a sua escola, com interesse de aproveitar-se ao mesmo tempo da habilidade d'elles no jogo do pau e da faca (só o fallar n'ella causa calafrios!) Começou com um no jogo do pau, e depois passou para as mãos de José Arroiteia, como sendo o principal em ambos os jogos. Era pois esse estudante que nos contava também da sua habilidade no jogo da faca, e até algumas manobras d'elle (com o que os leitores do Couseiro estão vendo em nos algum jogador de faca!)

Disseram-nos que foram sem numero as suas façanhas, obradas quer com o seu pau quer com a sua faca; e tanto assim que o numero não o fazia ceder ou recuar. Contudo uma vez deveu a vida à compaixão dos seus inimigos. Cercado por elles, então teve de recuar, e sendo n'uma vinha, cahiu em terra, e elles não o mataram porque não quizeram, e ainda assim se lhes não humilhou, ou pediu que o deixassem; antes ainda n'esse estado os ameaçava! Elles é que foram generosos!

Ouvimos d'uma façanha sua nos Milagres. Havia aqui um individuo, que já deve ter morrido há muitos annos, e que foi degradado por ladrão (foi sentenciado ahi por 1849). Este sujeito desafiou esse Arroiteia, mas elle não se importou com elle (desafiar consistia em pedir uma lição de jogo de pau). Arro-

teia era tão perspicaz em conhecer inimigos, que supomos nunca nenhum o feriu inesperadamente, e por isso o outro agora lhe descarregou à falsa fé; elle, porém, apara-lhe a paulada com a bengala, que não sustendo a força d'ella sufficientemente, ainda lhe veiu ferir um pé. Arroteia salta logo sobre elle, e lhe saca o pau das mãos e com elle mesmo lhe vibra a sua paulada, que se o apanha, ficava feito em pedaços, mas quem ficou com ella, foi um burro, por debaixo do qual o outro se safou. Este corre a casa buscar uma espingarda para o vir matar, e José Arroteia, todo perdido da razão, vendo-o vir começa a desafialo, dizendo-lhe atira, diabo atira que aqui tens o alvo (batendo ao mesmo tempo no peito!) Isto levanta o maior alarido e alvoroço, porque elle tinha consigo filhos e filhas e amigos que se lhe dependuram ao pescoço, e lhe pedem, debulhados em lágrimas, que se contivesse, e não continuasse a desafiar e a irritar a um inimigo que tinha uma arma nas mãos! Os estranhos também por sua parte actuam sobre esse homem lo contêm. Enfim Deus metteu aqui a sua mão, e foi uma scena das que acontecem todos o dias no mar, só de lágrimas e de gritos à vista d'um naufrágio, em perspectiva, mas d'esta ninguém mais sofreu do que esse burro, mas como estaria albardado, nem este merece dó. Isto seria em 1840.

Notava-se que essa gente que pretendia contel-o, não era mais do que um peguilho que elle deitava por terra bem querendo, e se desembaraçava d'elle com a facilidade com que arrojam os de nós o nosso capote quando caminhamos com elle tres-

do ao hombro!

Disse-nos um proprio assistente (ainda é vivo) que elle conduzira à Bord' Agua um rancho de gente a azeitona (por certo em 1842 e parece-nos que foi para Alpiça e que azeitona era de Passos Manuel, segundo o mesmo assistente nos disse também). Uma noite os homens deitaram-se e as mulheres ficaram a fazer serão. Uns banqueiros, ouvindo-as talvez cantar, vieram ter com ellas, e ao sahirem puxaram uma para fóra do quartel, e parece-nos que era parente d'elle. Ella gritou por José Arroteia, e elles deixaram-na em sua liberdade. Mas a esse tempo já o leão José Arroteia havia soltado os seus rugidos de ameaça. Estimularam-se com elles. Elle tratou logo de se preparar para os ir acostrar, e entretanto elles feriam a porta do quartel com facas (navalhas) e por certo o desafiavam. Elle, vestido, toma um estofo debaixo do braço, uma faca nos dentes, e se arma d'um bom pau. Isto feito, abra essa porta e com tal violencia cahe sobre elles, ou elles o temem tanto, que fugiram com tal precipitação, que não tiveram tempo para desamarrar os barcos, mas se deitam à agua conforme estavam!

Entre Minde e Santarém havia um ladrão ou salteador, que infestava esta estrada com os seus roubos: Disse-nos elle que esse ladrão o atacou tambem a elle um dia para o roubar, mas que elle o tinha aviado, pelo que não viveu mais.

Em tempos ouvimos dizer que vindo elle de Leiria mais um vizinho, na altura da Gândara, este, porque se tinha desavindo com elle, puxara por uma faca para lhe arranhar, mas que elle

evitando o golpe, com a mesma faca ferira o seu agressor. Conhecemos ainda bem este e deviam ser da idade um do outro, mas aquelle morreu mais cedo. Achamos que vinham a cavallo ambos.

Em 1852, pouco mais ou menos, foi para a freguezia das Colmêas, servir em coadjutor, um padre e nosso amigo. Contou-nos elle, pouco depois, por o ter ouvido ao seu Cura, homem já de muita idade, que elle tinha soffrido n'essa freguezia o maior revez. Elle não o nomeou, pois não o conhecia, nós, porém, pelas informações que nos deu, é que conjecturamos ser elle, havia n'essa freguezia um sujeito que andava a ferro e a fogo com uma família sua vizinha, na qual havia homens. Elle, porém, chama lá José Arroteia para os espancar. Elle foi, mas elles fecharam-se ou se recolheram em casa, onde elle, pelo que se viu, não queria entrar. Elle para o fazer sahir d'ella, começa a fazer desatinos, como a quebra-lhe o beirado do telhado, dar-lhe pontões na porta, etc., mas elles nunca sahiram à rua, nem appareceram. Observaram, porem, onde elle se recolhia, e de noite foram ter com elle, e o maltrataram desapiadadamente!

Antes que nos esqueça declaramos que, segundo ouvimos dizer, elle nunca trazia pau, mas só uma bengala; e era isso, acrescentavam, porque as auctoridades lhe tinham prohibido o uso d'elle; porem, nós entendemos que o uso d'elle lhe não era preciso algum, pois sabia que, nos caso de lhe ser preciso algum, o tinha nas mãos do seu inimigo, do qual se apoderava bem vendo que lhe era preciso rechagal o. Apoderava se só com um sal-

to e o seu esforço.

Ainda nos fallou n'outra faganha sua na Mira n'uma taberna, e com soldados, mas já não estamos bem certos d'ella. Parece-nos consistiu em, pela sua agilidade e esforço arrancara a um uma arma das mãos, e depois fez fugir os mais todos, que talvez estivessem para o prender.

Em 1862, reuniu connosco outra vez na praia da Vieira, e contou-nos e a dois padres mais que ouviram, varias aventuras suas da Bord' Agua: mas já nos não lembram.

Era religioso, a sua mulher achamos que nunca teve queixa d'elle a respeito de infidelidade conjugal.

A mulher teve talvez 9 filhos, que todos chegaram à maior idade, mas alguns morreram e vida d'elle.

Quando esse estudante de Alvaiázere deixou a eschola do padre para ir para Coimbra, como foi (mas não se formou) levou-o consigo para a terra, e por anos conservaram a amizade, continuando José Arroteia a ir estar em casa d'elle por vezes. Em Alvaiázere mesmo chegou a fazer grandes proezas, ou a ser invencivel.

Os filhos não diremos que não herdassem a coragem do pae, mas falta-lhes a força de um Sanção. Seria em 1847 que foi para Alvaiázere. Ouvimos que não ha ainda muitos annos que elle ia às feiras, e quando via alguma injustiça muito revoltante, intervinha, e tomava a parte do innocente. Chaga o anno de 1880, e o tufão da morte deitou em terra para sempre esta tão muscosa arvore..., Tinha, segundo a idade que nos dissera em tempo, 85 annos.

Em "O Couseiro"

O gigante do Souto
J. Carvalho Arroteia

ISBN 978-989-99487-5-4

